

A BESTA DO APOCALIPSE

***Dr. Aníbal Pereira dos Reis
(ex-padre)***

Edições Cristãs

ÍNDICE

Reminiscências e certezas
Uma palavra de introito
Os grandes Impérios na marcha da História
A primeira besta
O Império Romano, a besta híbrida
O chifre que arrancou três chifres
A besta religiosa
O Anticristo
A identificação do Anticristo
A mulher e a grande Babilônia
Lances históricos do desenvolvimento
A idolatria
Deus reivindica a Sua honra
Abominações, imundícia e prostituição
A mãe das prostituições
Embriagados com o vinho da prostituição
O chifre político da besta
Nas culminâncias do “tempo do fim”
Triunfos precursores da derrota final
O julgamento da prostituta
A vitória definitiva
Os dois últimos apelos,

.oOo.

REMINISCÊNCIAS E CERTEZAS

Em 8 de dezembro, há 30 anos, ordenava-me sacerdote romanista. Nascido e educado em lar profunda e sinceramente católico, desde a mais tenra infância almejei salvação eterna. Ao sacerdócio, com inteira liberdade de escolha, me encaminhei por supor encontrar em seu exercício piedoso a concretização dos meus anseios espirituais.

Empenhei-me com lealdade e desprendimento até o sacrifício por corresponder às imposições dos meus hierarcas.

Muito sofri. Sobretudo amargas desilusões calcinaram meu coração. Desilusões amaríssimas por ver os meus melhores companheiros e os meus mais fervorosos fiéis morrerem em indescritível desespero.

O Catolicismo é a religião do desespero, cujas devoções são labirintos soturnos. Quanto mais fervorosos são seus fiéis tanto mais desesperados.

A minha autobiografia **“ESTE PADRE ESCAPOU DAS GARRAS DO PAPA”** é o registro das minhas angústias e dos meus sobressaltos. Também dos meus trágicos desapontamentos...

O exame cuidadoso das Sagradas Escrituras desvendou-me o Plano da Salvação do pecador. Plano esse que é pela fé, e exclusivamente pela fé, em Jesus Cristo como único porque todo-suficiente Salvador.

Recusei aceitá-LO de imediato. Semanas seguidas rebelei-me contra os impulsos da graça.

Conhecendo-O, reconheci de pronto as consequências a que me levaria, caso O aceitasse. Temi-as. E, por temê-las, rejeitei teimosamente recebê-LO.

A graça poderosa de Jesus Cristo, contudo, excedeu à minha procrastinação. Aos 8 de novembro de 1961 converti-me ao Evangelho.

Convertido, ainda permaneci na Babilônia por três anos e meio porque de lá saí em 12 de maio de 1965.

O medo me prendia sob os ergástulos da URBS, **“a grande cidade”** (Apocalipse 17.18), que outra não é senão a Roma dos “papas”, tanto assim que, quando eles “abençoam”, emprega-se a expressão URBI ET ORBI. Quer dizer, os “sumos pontífices” lançam a “bênção” para **“A CIDADE E PARA O MUNDO”**. Primeiro para a CIDADE, Roma, a sede do Catolicismo.

Sabia da impossibilidade de lá continuar. Mas como sair? Como desvencilhar-me daquele inextrincável enredo inquisitorial?

Quanto desespero! Quantos conflitos íntimos! Celebrar “missa” sem nela crer... Encomendar defuntos e rezar pelas almas sem crer no

purgatório... Batizar crianças, sabendo da inutilidade daquele rito... Submeter-me ao “bispo” sem crer na sua pretensa autoridade...

Um dia resolvi enfrentar a realidade e abandonar tudo. Viajei do interior a São Paulo. Da Rodoviária dirigi-me ao centro da Capital.

Ao passar pela Praça Júlio Mesquita, ali na Avenida São João, vi um velho maltrapilho. Tremia de frio naquela manhã garoenta. Descalço. Roupas em farrapos. Às costas um saco roto cheio de papéis velhos. Barba longa e suja. A personificação da fome e do desamparo...

Uma voz falou-me no íntimo: *Se você abandonar o sacerdócio esse será o seu fim...*

Apavorei-me.

Ato contínuo, retornei à Rodoviária e embarquei no primeiro ônibus de regresso à minha paróquia.

As lutas dramáticas continuaram...

2ª Coríntios 6.14-18 foi o instrumento do poder de Deus para me libertar daquele terrível medo.

Cheio de coragem, passei a tomar as iniciativas no sentido de, pelo batismo evangélico, ligar-me a uma igreja de Jesus Cristo.

Na minha teimosa lealdade ao “bispo”, procurei-o e expus-lhe minha nova condição espiritual e a minha disposição de abandonar o sacerdócio. O prelado, sem capacidade de entender os sérios motivos dessa resolução, a todos os argumentos recorreu visando me dissuadir dela. Desde a blandícia com propostas tentadoras até a violência cruel. Trago em meu corpo as marcas do Senhor Jesus Cristo. Constituem-se elas no meu título de glória. Aliás, o único!

São reminiscências de um passado já distante.

Ao anotar estes fatos, recordo-me da solene procissão, pelo “bispo” diocesano presidida, que me levou à Catedral de Montes Claros a fim de receber o “sacramento” da ordenação sacerdotal.

Passa pela retina dos meus olhos, como no desenvolvimento de um filme, o desenrolar de toda aquela cerimônia pomposa que durou quatro horas.

Lembro-me do lauto banquete que se seguiu à solenidade. Os representantes do Poder Civil e as pessoas destacadas da sociedade local naquela postura de respeito e subserviência ao “bispo” e de apreço (?) ao neosacerdote. E os discursos. E a palavra final do prelado, seguida à minha de agradecimento.

No sacerdócio servi com extremo desvelo e dedicado zelo à **“mãe das prostituições”**, à grande Babel Roma. Dediquei-lhe com inteira submissão as melhores e as mais vigorosas energias da minha vida. Consagrei-lhe,

sem restrições, todo o meu entusiasmo de moço idealista. Imolei no altar de suas abominações a minha capacidade de amar.

Convertido ao Evangelho e no gozo da vida eterna, recebi de Jesus Cristo, o meu Salvador, a árdua incumbência de anunciar aos outros o bendito Plano.

Por força de minha experiência diferente, tenho de ser um pregador diferente.

Se o ministério do púlpito é um magistério, para cumpri-lo, preciso, outrossim, ser autêntico. E, em minha autenticidade, anuncio a Verdade do Evangelho na condição de ex-padre.

Esta autenticidade que os pacóvios e os apóstatas ecumenistas confundem com recalques. Pacóvios e ecumenistas insensatos de frente semelhante à da meretriz que não quer ter vergonha (Jeremias 3.3).

Qual caravana que passa, enquanto os cães ladram com o focinho virado para a lua, de minha parte prossigo a jornada estimulado também pelo ladrar dos pacóvios e dos sabujos da **“mãe das prostituições”**, os quais conservam a cara voltada para o mundo da lua de um otimismo idiota, semelhante ao daquele que, saltando do décimo andar, ao passar pelo oitavo, gritava que lá embaixo encontrava-se um colchão de plumas ou se abriam braços macios de belas amantes que o amparariam...

As Sagradas Escrituras são também o livro das vibrantes polêmicas. Das contundentes denúncias da mentira religiosa.

Deparamo-nos nelas com a palavra inflamada de Jesus Cristo a vergastar ao embuste e com o verbo candente de Paulo Apóstolo, convocado para a defesa do Evangelho, a desmascarar os seus adúlteros.

Nelas encontro esta ordem expressa, clara, insofismável... Determinação a mim imposta: **“Atirai-lhe, não poupeis as flechas; porque ela [a Babilônia da idolatria] pecou contra o Senhor”** (Jeremias 50.14) e **“dai-lhe em retribuição com também ela retribuiu, pagai-lhe em dobro segundo as suas obras e, no cálice em que ela misturou bebidas, misturai dobrado para ela. O quanto a si mesma se glorificou e viveu em luxúria, dai-lhe em igual medida tormento e pranto”** (Apocalipse 18.6-7).

Diante do que o Catolicismo, **“a mãe das prostituições”**, me ofereceu de falsas promessas, de ilusões, de embustes, de falsificações da Palavra de Deus, de tormentos espirituais, tenho o dever inadiável e intransferível de atirar contra ela, sem consideração, as flechas da Palavra de Deus, de retribuir-lhe em dobro com a Verdade Integral do Evangelho as suas feitiçarias e de atormentá-la na medida de suas prostituições.

É minha obrigação! Se o seu cumprimento aborrece os compadecidos da **“mãe das prostituições”**, eles que se avenham nos lupanares do diabo e em companhia dos reis da terra que a prestigiaram, dos mercadores que com ela enriqueceram e dos marinheiros que lhe transportaram as fortunas e as glórias, cheirem a fumaça de sua destruição e com ela se engasguem e se sufoquem (Apocalipse 18.9-19).

Cumprindo o meu dever de, proclamando o Evangelho salvífico, atirar contra ela as flechas inflamantes da Palavra e atormentá-la desmascarando-lhe as mistificações e as atividades, quero, em compensação também dos sofrimentos e angústias por ela a mim causados, participar da exultação dos santos, apóstolos e profetas quando Deus nosso Senhor vindicar a NOSSA (a dos santos, apóstolos, profetas e a MINHA) causa contra ela (Apocalipse 18.20).

Depois de haver clamado a plenos pulmões: **“RETIRAI-VOS DELA, POVO MEU, para não serdes cúmplices em seus pecados e para não participardes dos seus flagelos”** (Apocalipse 18.4), depois de haver com vibração e destemor clamado esse desesperador apelo de Deus, quero ouvir também para mim o convite do Rei dos reis e Senhor dos senhores e dele participar: **“VINDE, REUNI-VOS PARA A GRANDE CEIA DE DEUS”** (Apocalipse 19.17-20) e assistir com os santos, apóstolos e profetas o precipitarem-se VIVOS no lago de fogo que arde com enxofre, a besta imperial e o falso profeta ou anticristo-pontífice da **“mãe das prostituições”**.

Neste dia dos trinta anos de minha ordenação ao sacerdócio da **“mãe das prostituições”**, regozijando-me em meu coração no reconhecimento a Jesus Cristo por me haver libertado das garras do “papa” Anticristo, ocorrem-me estas lembranças... Neste dia, ainda, estimulam-me à inflexível fidelidade ao meu ministério as exortações do “Príncipe da nossa salvação”, o “Fiel e Verdadeiro”, o “Rei dos reis e Senhor dos senhores”, JESUS CRISTO, com cujo sangue comprou para Deus homens de toda tribo, e língua, e povo, e nação, fazendo-os reino e sacerdotes... JESUS CRISTO, o Cordeiro, a Quem sejam o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos (Apocalipse 5.9-10, 13).

São Paulo, 8 de dezembro de 1979
Dr. Aníbal Pereira dos Reis
(ex-padre)

.oOo.

UMA PALAVRA DE INTRÓITO

As exposições das livrarias evangélicas chamam-me a atenção para a presença em suas estantes de maior quantidade de livros comentários sobre o Apocalipse do que sobre qualquer outro livro da Bíblia.

O fato é sintomático!

Com efeito, até há pouco tempo estudavam-se na História os episódios do passado. Agora generaliza-se o interesse pelas ocorrências futuras. Mesmo na literatura profana há livros sobre futurologia destacando-se os “*best-sellers*” de certos escritores reputados como profetas do porvir.

O livro do Apocalipse, em parceria com o de Daniel, é, de todas as Escrituras Sagradas, o livro eminentemente da História do futuro. É um tratado de futurologia, o estudo do porvir. Tratado objetivo. Futurologia séria porque oriunda da Revelação Divina.

A Escatologia, por revelar os últimos acontecimentos da História, é a futurologia bíblica.

Se em seus três primeiros capítulos João escreve as coisas que viu e as que são, do capítulo 4 até o 22, o fim da obra, trata das coisas que hão de suceder (Apocalipse 1.19; 4.1).

Se quisermos extrair proveito da sua leitura, faz-se imprescindível a reflexão sobre alguns pontos.

1)- Em nenhum outro livro das Escrituras são asseguradas bênçãos especiais para a sua leitura. Só em Apocalipse: **“Bem-aventurados aqueles que lêem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as cousas nela escritas, pois o tempo está próximo”** (1.3).

Em decorrência desta promessa, se Satanás aborrece todas as Escrituras, investe, com ímpeto máximo, contra esta Revelação. Importa-lhe sobremaneira impedir a sua leitura e, mais ainda, a sua compreensão no intuito de barrar o acesso àquelas bênçãos.

Até pessoas cuidadosas no cultivo de uma vida espiritual séria, lesadas pelos ardis satânicos, desinteressam-se do Apocalipse sob a alegação de ser uma obra por inteiro profética e, por isso, de impossível entendimento. Presumem esta impossibilidade como conclusão da fartura imensa de opiniões e interpretações as mais contraditórias e as mais opostas sobre cada passagem deste Livro.

Sem se aperceber de estar se deixando envolver pelo inimigo, certo professor de seminário, a cuja memória, por sinal, dedico profundo respeito, afirmava em plena aula haver lido umas 600 obras sobre

Apocalipse e jamais havia encontrado duas concordes em suas interpretações.

A volumosa quantidade era força de expressão no exagero do professor, mas o triste resultado estava no desestímulo para a leitura da maravilhosa Escritura.

Quantos outros se descuidam dela em consequência das fantasiosas e absurdas interpretações dadas por inescrupulosos visionários psicopatas carregados de emoções destemperadas.

Se as muitas, variadas, opostas, desencontradas e contraditórias explicações e interpretações do Apocalipse me inibem o desejo de lê-lo, deveria deixar de ler toda a Bíblia, porquanto sobre qual dos seus livros, de seus assuntos e até dos seus versículos que não há discordantes opiniões e os mais variados comentários?

A admitirem-se essas razões, como persianas atrás da quais ocultamos o nosso desestímulo pela leitura do Apocalipse, Deus não o teria inserido nas Sagradas Escrituras. Se Ele no-lo entregou, sem dúvida, é para o nosso proveito. Desprezá-lo implica em desconsideração à Onisciência Divina e a Jesus Cristo que, através do Seu anjo, no-lo deu a fim de nos mostrar os acontecimentos futuros (Apocalipse 1.1).

Se fixarmos em nossa mente as reflexões dos itens subsequentes, desfruiremos de apreciáveis vantagens com a meditação destas páginas apocalípticas.

2)- Acentua-se nas Sagradas Escrituras a presença das profecias cujo cumprimento comprova a sua veracidade e previne um outro cumprimento posterior.

Explico: Via de regra, nas profecias há mais de um cumprimento. Um parcial e o outro total. O primeiro como tipo ou símbolo do último.

E exemplifico: Em Seu Sermão Escatológico, de cunho destacadamente profético, por Mateus, em dois longos capítulos (24 e 25) registrado, nosso Senhor Jesus Cristo se alonga a discorrer acerca da Grande Tribulação e admoesta-nos, com exortações iluminadas com parábolas (a dos dois servos, a das dez virgens e a dos talentos), à vigilância. Entremeia o Seu anúncio com informações sobre a destruição de Jerusalém. Profetiza o desfecho de dois episódios. Distintos entre si como fatos históricos. Sucedido o primeiro, contudo, estabelece-se a prova da infalível ocorrência do segundo, tanto mais que aquele se constitui também em preparação para o último.

E realmente, no ano 70, menos de 40 anos após a proclamação do Mestre, sob o comando do romano Tito, Jerusalém foi por inteiro

destruçãda, fato esse que se tornou em tipo e figuração do outro acontecimento, pelo primeiro simbolizado: o da Grande Tribulação.

A própria vinda em carne padecente de Jesus Cristo se constitui em prova segura da Sua Segunda Vinda, com a diferença de ser esta em glória e majestade. Esta será o antítipo daquela.

3)- Permitam-me os leitores insistir sob outro enfoque no item anterior.

Exatamente por haver nas profecias mais de um cumprimento, o cumprimento anterior se constitui em anúncio também profético, ou tipo do cumprimento posterior.

Ademais nas profecias sempre falta perspectiva, pois tudo se apresenta num mesmo plano. Nelas se ausenta por completo o período intermediário entre os eventos prognosticados.

Suponhamos encontrar-me numa região montanhosa. Diviso à distância um panorama de montes e montanhas. Os outeiros e os montes de menos altitude que se plantam entre mim, expectador, e o cume da montanha mais alta posta ao fundo do panorama dão-me a ideia de que tudo se combina e se ajusta num todo e se ajunta numa visão única. O cimo dos outeiros e a crista dos montes mais distantes e o cume dos montes ainda mais distantes se confundem e se misturam com a mesma visão como se todos os outeiros e os montes com todas as suas cristas fossem um só conjunto. Falta-me visão dos vãos intermédios entre esses acidentes geográficos que os separam e os distinguem uns dos outros. Chegando perto dos outeiros e dos montes, contudo, vou descobrindo a individualidade de cada um, distinguindo os seus contornos e a diferença de altura e de volume de cada um.

Ao lermos os vaticínios bíblicos, verificamos como neles os fatos que pertencem ao futuro próximo se alternam e se entremesclam, entrelaçando-se, com os eventos propriamente escatológicos.

Quando os discípulos ouviram o Sermão Escatológico de Jesus, creio que por completo registrado em Mateus (24 e 25), decerto foram incapazes de distinguir os contornos e as características próprias de cada ocorrência vaticinada pelo Mestre.

Neste particular, nós somos mais aquinhoados do que eles porquanto podemos distinguir os dois magnos eventos anunciados por Jesus: a destruição de Jerusalém e a Grande Tribulação. O cumprimento do primeiro evento confirma a veracidade da profecia e se constitui, por seu turno, em outro vaticínio, vaticínio em ação, do acontecimento posterior, ou seja, a destruição do fim, muito mais importante do que a anterior.

4)- Em Apocalipse todas as visões se compõem à semelhança de uma grande paisagem, um enorme quadro. Apocalipse é abrangente. Cinge toda a História desde os primórdios do Cristianismo Apostólico com a presença das sete igrejas da Ásia. Descreve-a, outrossim, como uma batalha entre o poder de Satanás e a Igreja, refrega essa a culminar no momento escatológico com a vitória exuberante de Deus. Por isso, Apocalipse é um Livro de esperança jubilosa porque indefectível da suprema consumação de todas as gloriosas promessas de Deus, infalivelmente fiel, em favor dos Seus.

João, à falta daquela perspectiva, era incapaz de divisar cada evento de per si e em cada fase do tempo. Se anelava a imediata vinda do Senhor Jesus, doutra parte, ignorava por completo quando seria o fim.

Colocados nós em outra posição dentro do grande painel da História. Posição diversa no tempo em relação com a de João, sem sermos preteristas, como se todos os vaticínios se houvessem cumprido, e sem sermos futuristas, como se todos eles só se consumarão nos últimos dias cronológicos, nós podemos distinguir na História prognósticos do Apocalipse já cumpridos, os quais, portanto, confirmam a veracidade e a legitimidade daquelas profecias e que também se constituem em figuras proféticas dos eventos ainda mais significativos do período escatológico.

Embora de passagem, releva lembrar-se da seguinte observação lógica: Seria absolutamente sem sentido um hiato tão longo entre as ocorrências vistas por João (**“as que são”**) e os sucessos futuros (**“e as que hão de acontecer depois destas”**) (Apocalipse 1.19).

Estimulam-nos estas considerações à leitura meditada do último livro da Bíblia na segurança de, sem o embalço de quaisquer extravagâncias, encontrarmos as bem-aventuranças prometidas.

5)- As épocas ou fases da História não se reduzem a compartimentos estanques e isolados entre si. Elas, numa espécie de osmose, se interpenetram. Numa se desenvolvem os germes e as características da ou das seguintes. Na Idade Média, por exemplo, surpreendemos os preparativos para a Idade Moderna e nesta, os indícios da Contemporânea. E em todas as fases da História notamos a gestação dos grandes acontecimentos do Fim!

Impossível, por conseguinte, pretender-se isolar os episódios da Consumação Escatológica de todo o passado da História. No desenrolar desta, isto sim, todos os eventos se entrelaçam, intertravam-se, numa

estrutura homogênea na preparação do magno acontecimento da última hora, **“o tempo que está próximo”**.

“Deus dirige os destinos dos povos” nesta longa arrancada em rumo da última hora... Todos os episódios, desde os dos primórdios até os menos notados, se concatenam nessa direção. Deus não fala **“em segredo, nem em lugar algum de trevas da terra”** (Isaías 45.19). **“Desde a antiguidade”** (Isaías 45.21), o Senhor anuncia, também através de acontecimentos, a consumação final. **“DESDE O PRINCÍPIO ANUNCIO O QUE HÁ DE ACONTECER E DESDE A ANTIGUIDADE, AS COUSAS QUE AINDA NÃO SUCEDERAM”** (Isaías 46.10).

Neste sentido, as Sagradas Escrituras se constituem, pelas profecias nelas conservadas, em perfeito compêndio da História do Futuro. Estudá-las, conhecê-las, aceitá-las, é tornar-se contemporâneo do porvir.

Deus, que dos Seus planos nada ocultou a Abraão (Gênesis 18.17), aos Seus servos não fala em segredos (Isaías 45.19). O próprio Jesus aos Seus discípulos trata como amigos porque tudo quanto ouve do Pai dá-lhes a conhecer (João 15.15).

“Certamente, o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o Seu segredo aos Seus servos, os profetas” (Amós 3.7).

A descrição do Apocalipse, terrível em seus pormenores, dos episódios da Grande Tribulação, dos juízos e julgamentos divinos, a ocorrerem no ápice da História, não pode ser vista como se fosse um painel isolado da longa História da Humanidade. Nesse quadro descrito em Apocalipse juntam-se, isto sim, todas as pedras e todos os elementos de toda a extensa vida dos homens na face da terra.

6)- Em defluência, impossível compreender-se Apocalipse se se dispensar o estudo do Livro de Daniel, o livro das grandes antecipações. Apocalipse é o arremate de Daniel. Este é o começo daquele. Sem o livro de Daniel corre-se o risco de adulterações do Apocalipse com o enxerto de muita fantasia, de muita mistificação.

Esta palavra de intróito induz-me ao reconhecimento da necessidade absoluta de me ater com fidelidade às Sagradas Escrituras, Palavra santa, inerrante e infalível de Deus.

Move-me, outrossim, à oração fervorosa em busca da iluminação do Senhor a fim de me guiar na senda da lealdade a Ele, submetendo-me docilmente à Sua soberana vontade no propósito de despojar-me dos meus pobres pontos de vista, decerto, sempre sujeitos ao meu temperamento prejudicado pela “lei do pecado”, às minhas idiossincrasias dependentes do meio ambiente, às minhas vacilações nas horas de turbulência...

Submissão ao Senhor, esvaziamento de conceitos pessoais, oração fervorosa, apego sincero às Sagradas Escrituras, anelo de servir aos conselhos na disposição de vigilância condicionam esta pesquisa acerca de **A BESTA DO APOCALIPSE.**

Longe de mim a pretensão de ter recebido uma revelação especial e particular de Deus sobre o assunto. Estas páginas são o resultado de longas meditações e acurado estudo acerca dos dois livros sagrados das Escrituras: Daniel e Apocalipse.

Com o anelo das bem-aventuranças prometidas e orientado pelo Espírito Santo, caríssimos irmãos leitores, penetremos no sacrário da **“palavra de nosso Deus que permanece eternamente”** (Isaías 40.8).

.oOo.

OS GRANDES IMPÉRIOS NA MARCHA DA HISTÓRIA

Conquistadores insaciáveis cobiçaram dominar o mundo inteiro. Nabucodonosor, no passado, foi um deles. Ambicionava sustentar para todo sempre as fronteiras de Babilônia até os confins da terra. Sua ideia fixada nessa aspirância acicatava-lhe o capricho.

O SONHO DO MONARCA

Certa noite um sonho povoou-lhe a mente. Perturbado, acordou-se e fugiu-lhe dos olhos o sono e da lembrança os pormenores daquela majestosa aparição. Convocou os astrólogos e os sábios do reino a fim de consultá-los.

Impotentes, estes adivinhos frustraram o perplexo monarca no seu desejo de esclarecimentos. Enfurecido com semelhante fracasso, resoluto, decretou o extermínio de todos os sábios da Caldeia.

Informado da situação, o jovem hebreu de linhagem real, Daniel, por certo incluído, como serventário da corte, entre os réus, requereu ao rei adiamento da sentença e dilatação de prazo para, buscando o auxílio de Deus, satisfazê-lo.

Com os seus companheiros e patrícios Hananias, Misael e Azarias, orou a Deus. A pronta resposta celestial revelara-lhe os pormenores do

sonho do rei, o seu segredo e a sua explicação quanto ao **“QUE HAVIA DE SUCEDER NO FUTURO”** (Daniel 2.29). Valeu-se de Arioque, o carrasco nomeado para executar os astrólogos, e se apresentou ao soberano.

Em Daniel 2.28-35 podemos ler o sonho. Trata-se de uma grande estátua, **“imensa e de extraordinário esplendor”** e **“a sua aparência era terrível”** (2. 31). **“A cabeça era de fino ouro, o peito e os braços, de prata; o ventre e os quadris, de bronze; as pernas, de ferro, os pés, em parte, de ferro, em parte, de barro”** (2.32-33).

Ainda no sonho, **“uma pedra foi cortada sem auxílio de mãos, feriu a estátua nos pés de ferro e de barro e os esmiuçou. Então, foi juntamente esmiuçado o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro, os quais se fizeram como a palha das eiras no estio, e o vento os levou, e deles não se viram mais vestígios. Mas a pedra que feriu a estátua se tornou em grande montanha, que encheu toda a terra”** (2.34-35).

Eis aí, em miniatura, o panorama profético do desenrolar encadeado de grandes acontecimentos na sucessão de Impérios até a consumação escatológica.

Na medida em que o israelita discorria, recompunham-se na lembrança do monarca todos os lances do sonho.

Concluído o relato, seguiu-se a interpretação exigida por Nabucodonosor.

VISÕES DO PROFETA

Decorreram os anos... Assíduo nos estudos das Escrituras dos precedentes profetas e dos Salmos, meditava o intérprete hebreu sobre o futuro do povo de sua raça ainda no cativeiro.

Em suas reflexões esbarrava-se numa séria dificuldade. À luz da interpretação do sonho de Nabucodonosor, sabia da sequência dos grandes Impérios dos gentios. Seu embaraço residia em como articular esses fatos com os vaticínios encontrados nas Escrituras relativas ao seu próprio povo humilhado sob os ergástulos do exílio.

Também em sonhos ocorreram-lhe revelações esclarecedoras.

O capítulo 7 do seu livro, ao descrever sob a figura de quatro feras uma série ininterrupta de potências mundiais, repete, em parte, prognósticos do capítulo 2 e os complementa.

* * *

Os políticos, por imaginarem-na dourada, devaneiam com a política na semelhança de imagens monumentais e esplêndidas. O servo de Deus, por não se iludir com a sua brutal realidade, vê a mesma política como besta fera.

* * *

Das águas turbulentas do mar, Daniel viu sair **“quatro grandes animais”**. **“O PRIMEIRO era como leão e tinha asas de águia”** que lhe foram arrancadas, **“foi levantado da terra e posto em dois pés, como homem; e lhe foi dada mente de homem... O SEGUNDO animal, semelhante a um urso, o qual se levantou sobre um dos seus lados; na boca, entre os dentes, trazia três costelas; e lhe diziam: Levanta-te, devora muita carne... OUTRO, semelhante a um leopardo, tinha nas costas quatro asas de ave; tinha também este animal quatro cabeças, e foi-lhe dado domínio... O QUARTO animal, terrível, espantoso e sobremodo forte, tinha grandes dentes de ferro; e devorava, e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava; era diferente de todos os animais que apareceram antes dele e tinha dez chifres. Estando eu [Daniel] a observar os chifres, eis que entre eles subiu outro pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados; e eis que neste chifre havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava com insolência”** (Daniel 7.3-8).

BABILÔNIA, A PRIMEIRA POTÊNCIA MUNDIAL

“Cabeça de ouro”, Nabucodonosor, seu expoente máximo, se identificava com o Império, de acordo com o estilo de se tomar o rei pelo reino.

Representante soberano, rei de reis a quem Deus dera o reino, o poder, a força e a glória (Daniel 2.37).

A estátua rica e esplêndida era o monumento a simbolizar a sua força, o seu poderio e o seu domínio. **“Babilônia, a joia dos reinos, glória e orgulho dos caldeus”**, predissera já antes Isaías (Isaías 13.19).

Visão dourada da grande potência nos devaneios do monarca!

Visão real em sua brutalidade nos sonhos do profeta! (Os profetas são sempre “pessimistas”, no julgamento dos profanos!)

“Quatro ventos do céu agitavam o mar Grande... Quatro animais, grandes... subiam do mar” (Daniel 7.2-3).

Nas Sagradas Escrituras tudo tem o seu significado.

O grande mar é o Mediterrâneo, dominado pela marinha dos quatro Impérios.

O MAR figura os povos da gentildade sempre em confusão, em instabilidade e em rebelião contra Deus. **“Mar agitado, que não se pode aquietar, cujas águas lançam de si lama e lodo”** (Isaías 57.20). Mar cujas águas **“são povos, multidões, nações e línguas”** (Apocalipse 17.15). **“Ai do bramido dos grandes povos que bramam como bramam os mares, e do rugido das nações que rugem como rugem as impetuosas águas! Rugirão as nações, como rugem as muitas águas”** (Isaías 17.12-13).

Do mar, nas visões simbólicas de Daniel, subiam os animais. O primeiro deles semelhante ao leão com asas de águia.

Leão é a brutalidade. A força. É a fera de mandíbulas trituradoras. No simbolismo profético das Sagradas Escrituras, é o Império da Caldeia, **“um destruidor das nações”** (Jeremias 4.7), **“nação amarga e impetuosa... pavorosos e terríveis”** (Habacuque 1.6-7; Deuteronômio 28.50).

“Leão e tinha asas de águia” (Daniel 7.4). A águia metaforiza a rapidez. É a Babilônia de há séculos predita pelo Deuteronômio, **“uma nação de longe, da extremidade da terra virá, com o vôo impetuoso da águia”** (Deuteronômio 28.49). Com extrema velocidade subjugou as nações. **“Sobe o destruidor como nuvens; os seus carros, como tempestade; os seus cavalos são mais ligeiros do que as águias”** (Jeremias 4.13; 48.40). **“Os seus cavaleiros se espalham por toda parte; sim, os seus cavaleiros chegam de longe, voam como águia que se precipita a devorar”** (Habacuque 1.8).

Babilônia, a **“senhora de reinos”** (Isaías 47.5), **“cujo poder é o seu deus”** (Habacuque 1.11), estendeu, qual águia veloz, o seu **“domínio até à extremidade da terra”** (Daniel 4.22). Os seus cavaleiros **“eles todos vêm para fazer violência; o seu rosto suspira por seguir avante; eles reúnem os cativos como areia. Eles escarnecem dos reis; os príncipes são objeto do seu riso; riem-se de todas as fortalezas, porque, amontoando terra, as tomam”** (Habacuque 1.9-10).

As asas que foram arrancadas denotam a decadência do grande Império, confirmada, aliás, pela humilhação pessoal sofrida por Nabucodonosor quando, em castigo do seu desmedido orgulho, foi expulso do meio dos homens e passou a, caído de quatro, viver como e entre os animais do campo (Daniel 4.28-33).

“Posto em dois pés, como homem”, quando de sua reabilitação **“lhe foi dada mente de homem”** (Daniel 7.4) para ser de todo restaurado pela clemência divina. Esta experiência, evidentemente, não deixou de empanar o brilho aurifulgente do seu senhorio que, com essa prova humilhante, começou a se desacreditar.

Em circunstâncias assaz deprimentes registradas em Daniel 5, destrozado o grande Império simbolizado, em seu esplendor, pela cabeça de ouro da estátua e, em sua violência sobre as suas vítimas e em sua agilidade nas conquistas, pelo leão com asas de águia, o grande Império, após um predomínio mundial de 608 até 538 a. C., cedeu a sua vez de posse à potência medo-persa.

O IMPÉRIO MEDO-PERSA

Impressiona-nos a precisão dos pormenores destes vaticínios sobre a sucessão dos impérios figurados na monumental estátua e nos animais simbólicos de Daniel.

Tão exatos os registros antecipados comprovam ser a Bíblia o Livro de Deus!

Como se saber ter o Império Medo-Persa sucedido o Império Babilônico?

A informação procede da própria Escritura. Vencida a primeira potência, ao tempo de Belsazar, foi Babilônia, em 538 a. C., **“dada aos medos e aos persas”** e **“Dario, o medo,... se apoderou do reino”** (Daniel 5.28, 30). Cumprira-se a profecia: **“Depois de ti [Nabucodonosor], se levantará outro reino”** (Daniel 2.39).

O admirável é que também já cerca de 80 anos antes de Daniel, outro profeta vaticinara a destruição de Babilônia com a ascensão do segundo Império, o dos medos. **“O Senhor despertou o espírito dos reis dos medos; porque o seu intento contra Babilônia é para a destruir... Consagrai contra ela [Babilônia] as nações, os reis dos medos, os seus governadores, todos os seus vice-reis e toda a terra do seu domínio”** (Jeremias 51.11, 28).

Na imensa estátua, esse Império era representado pelo peito e pelos braços de prata (Daniel 2.32).

Os braços, em número de dois, significam a coligação dos dois poderes: da Média e da Pérsia.

A prata, em sendo metal inferior ao ouro, denota a inferioridade em glória deste segundo Império com relação ao de Nabucodonosor (Daniel

2.39). E, na verdade, conquanto maior em extensão do que Babilônia, era-lhe inferior em magnificência, riquezas e ciências.

Em sendo inferior, outrossim, obteve o poder pela força ao sobrepujar o anterior Império Caldeu e não o recebeu diretamente de Deus como ocorrera com Babilônia. Em suas visões, Daniel o contemplou como um urso, o qual se levantou de um lado, tendo na boca três costelas entre os seus dentes (Daniel 7.5). O urso, apesar de se caracterizar por sua maior voracidade, é mais fraco e lento do que o leão. Na sua figuralidade são os exércitos medo-persas mais sanguinários do que os babilônicos, embora menos velozes. A sede sanguinária dos medo-persas se excedia em extremo que, conforme o registro de Sêneca, um dos seus reis mandou cortar o nariz de todo o povo de uma nação.

As três costelas entre os dentes dessa fera representam as três regiões por último conquistadas: Susiana, Lídia e Ásia Menor, as quais, em aliança, haviam-se coligado na persuasão de suplantarem as ameaças do inimigo.

Os medos predominaram por primeiro; em seguida, os persas. É a causa de serem simbolizados com o pormenor de haver o urso se erguido de um lado.

No terceiro ano do reinado de Belsazar, o babilônico, Daniel teve outra visão da qual se exclui a potência caldaica. Junto do Rio Ulai, surgiu-lhe **“um carneiro, o qual tinha dois chifres, e os dois chifres eram altos, mas um, mais alto do que o outro; e o mais alto subiu por último”** (Daniel 8.3).

Voluntarioso e dominador, **“nenhum dos animais lhe podia resistir, nem havia quem pudesse livrar-se do seu poder”** (Daniel 8.4).

Como os dois braços da monumental estátua, os dois chifres também representavam o dual reino medo-persa, segundo confirma Daniel 8.20, constituído pelos reis dos dois povos, dos quais um, apesar de haver surgido por último, avantajara-se ao outro, confirmando, assim, o símbolo da visão anterior na qual o urso se levantara sobre um dos seus lados (Daniel 7.5).

Depois do seu poderio universal de mais de duzentos anos, em 331 a. C., Alexandre Magno, soberano da Grécia, arrebatou-lhe a supremacia.

A GRÉCIA, TERCEIRA POTÊNCIA MUNDIAL

O imperialismo grego retratado pelo **“ventre e os quadris de bronze”** da colossal estátua (Daniel 2.32, 39) do sonho de Nabucodonosor, como aquele que se assenhorearia de toda a terra, o foi também pelo terceiro animal das visões figurativas de Daniel, animal esse assemelhado a um leopardo que **“tinha nas costas quatro asas de ave... e quatro cabeças”** (Daniel 7.6).

O bronze é ainda mais inferior em relação à prata, pois o terceiro Império não chegou a atingir a grandeza do segundo.

Dos três animais (leão, urso e leopardo) este é o mais ágil. Esta agilidade, porém, se realça ainda mais com as quatro asas de sobre o seu dorso. É a alegoria da assombrosa rapidez das conquistas gregas. Alexandre, o Grande, que, em menos de oito meses, com os seus exércitos, percorrera uns 8.200 quilômetros, subjugou dentro do curto prazo de doze anos todo o mundo do seu tempo, estabelecendo o Império Greco-Macedônio.

Alexandre, filho de Filipe da Macedônia, desfrutou de esmerada educação com seu preceptor Aristóteles, o maior gênio da antiguidade, o qual lhe inculcou a preocupação pelos problemas da ciência, as elocubrações da filosofia e o gosto acendrado pelos poetas gregos, sobretudo Homero e Eurípedes. Em defluência desta apurada educação, sob a inspiração do grande conquistador, nasceu o helenismo ou cultura grega.

Na visão acontecida no terceiro ano do rei Belsazar, Daniel presenciou um espetáculo diferente: **“Eis que um bode vinha do ocidente sobre toda a terra, mas sem tocar no chão”** (Daniel 8.5). É outra representação de sua velocidade nas operações bélicas de conquista de Alexandre, simbolizado ainda pelo chifre notável e único entre os olhos do bode (Daniel 8.5). Alexandre Magno no passado fora anunciado como **“rei poderoso, que reinará com grande domínio e fará o que lhe aprouver”** (Daniel 11.3).

Vencido o carneiro (o reino medo-persa), o bode se engrandeceu sobremaneira, tornando o Império Grego muito maior em extensão do que seus predecessores, por haver se expandido da Macedônia aos Rios Índico e Nilo.

Afirmam as Escrituras que **“o bode peludo é o rei da Grécia; o chifre grande entre os olhos é o primeiro rei”** (Daniel 8.21), isto é, Alexandre Magno.

É **“o que está expresso na Escritura da verdade”** (Daniel 10.21).

Com efeito, a História confirma o exato e cabal cumprimento dessas profecias anunciadas com três séculos de antecedência.

O próprio Alexandre, o Grande, admitiu o cumprimento delas quando entrou em Jerusalém e o sumo sacerdote mostrou-lhe em seguida o livro de Daniel, no qual se registrara que um príncipe grego destruiria o Império dos persas e disse-lhe que não duvidava de que era ele de quem a profecia fazia menção. “Alexandre ficou muito contente...” (Flávio Josefo, *História dos Hebreus, Antiguidades Judaicas*, Livro XI, c. 8).

O leopardo da primeira visão do profeta tinha quatro cabeças e este bode, tendo o seu grande chifre quebrado, **“em seu lugar saíram quatro chifres notáveis”** (Daniel 8.8).

Tornado Alexandre Magno, em plena mocidade, no ano 331 a. C., o terceiro monarca mundial daquela sequência de Impérios, após somente oito anos de trono, morreu vítima de seus desregramentos e intemperanças. Morreu sem deixar descendente do seu sangue e nem teve tempo de preparar o seu sucessor. Em decorrência, o Império, após sangrentos combates e revoluções intestinas em que quatro generais porfiavam uns contra os outros, foi, com o armistício depois da batalha de Ipsus, repartido entre eles.

Confirma-se ainda outra vez a profecia: **“O ter sido quebrado [o chifre notável], levantando-se quatro em lugar dele, significa que quatro reinos se levantarão deste povo, mas não com força igual à que ele tinha”** (Daniel 8.22). **“O seu reino será quebrado e repartido para os quatro ventos do céu; mas não para a sua posteridade, nem tampouco segundo o poder com que reinou”** (Daniel 11.4).

Nas páginas da História encontramos os nomes dos generais e o país que a cada um coube: Ptolomeu, rei do Egito, da Cirenaica e da Arábia; Selêuco Nicator, rei da Síria e Babilônia; Cassandro, rei da Macedônia e da Grécia; Lisímaco, rei da Trácia e da Ásia Menor Ocidental.

A sucessão das três potências mundiais se deu sem qualquer solução de continuidade. De igual maneira, o quarto imperialismo, sem se dar qualquer interrupção, seguiu-se ao reino greco-macedônio (Daniel 8.23).

.oOo.

A PRIMEIRA BESTA

Profundamente assustado com as visões dos quatro animais, Daniel, o grande contemporâneo do futuro, interessou-se sobremodo em **“conhecer a verdade a respeito do quarto animal, que era diferente de todos os outros, muito terrível, cujos dentes eram de ferro, cujas**

unhas eram de bronze, que devorava, fazia em pedaços e pisava aos pés o que sobejava” (Daniel 7.19).

No capítulo 13 de Apocalipse há outra visão alegórica de animais sem, todavia, qualquer alusão aos três de Daniel.

À imitação do atento e assustado profeta, João, omitindo as três primeiras, assesta as suas atenções sobre a quarta fera do figurado de Daniel, quando, em Apocalipse 13.1, descreve a sua primeira besta. A segunda besta de Apocalipse não encontra correspondente entre os animais simbólicos do profeta.

As alusões de Daniel e de Apocalipse no tocante a esta figura entre si se completam.

O livro de Daniel é explícito em mencionar os nomes dos três primeiros reinos: o Babilônico, o Medo-Persa e o Grego.

Qual é o quarto?

Daniel e João não lhe apresentam o nome, apesar do grande interesse por ele demonstrado.

Em toda a História, desde Babilônia, afora aqueles três Impérios, só existe o de Roma, que, sem suspensão, se seguiu ao greco-macedônico.

Portanto, o quarto Império só pode ser o Romano. E o estudo sobre a figuração desta besta confirma nossa conclusão.

Examinemos, pois, com o interesse e o pasmo de Daniel e em seus pormenores, a NATUREZA e a ATUAÇÃO da besta, antes lendo em Apocalipse 13.1-10 a descrição dela feita por João, o vidente:

“Vi emergir do mar uma besta que tinha dez chifres e sete cabeças e, sobre os chifres, dez diademas e, sobre as cabeças, nomes de blasfêmia. A besta que vi era semelhante a leopardo, com pés como de urso e boca como de leão. E deu-lhe o dragão o seu poder, o seu trono e grande autoridade. Então, vi uma de suas cabeças como golpeada de morte, mas dessa ferida mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou, seguindo a besta; e adoraram o dragão porque deu a sua autoridade à besta; também adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? Quem pode pelejar contra ela? Foi-lhe dada uma boca que proferia arrogâncias e blasfêmias e autoridade para agir quarenta e dois meses; e abriu a boca em blasfêmias contra Deus, para Lhe difamar o nome e difamar o tabernáculo, a saber, os que habitam no céu. Foi-lhe dado, também, que pelejasse contra os santos e os vencesse. Deu-se-lhe ainda autoridade sobre cada tribo, povo, língua e nação; e adorá-la-ão todos os que habitam sobre a terra, aqueles cujos nomes não foram escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo. Se alguém tem ouvidos, ouça. Se alguém

leva para cativo, para cativo vai. Se alguém matar à espada, necessário é que seja morto à espada. Aqui está a perseverança e a fidelidade dos santos”.

I

A NATUREZA DA BESTA

Semelhante a Satanás, também, de sete cabeças e dez chifres, e sobre as suas cabeças sete diademas (Apocalipse 12.3), como a própria encarnação dele e do seu poder, esta besta significa especificamente o mundo latino oposto a Deus e submetido ao seu infernal principado (João 16.11).

1)- Viu-a João **“emergir do mar”** (Apocalipse 13.1). Daniel, de igual forma em suas visões simbólicas, viu as feras saindo do mar (Daniel 7.2-3).

O mar, na simbólica bíblica, é figurativo de grande confusão. **“O mar agitado, que não se pode aquietar, cujas águas lançam de si lama e lodo”** (Isaías 57.20).

É um monstro em sua significância da agitação dos povos gentios: **“Ai do bramido dos grandes povos que bramam como bramam os mares, e do rugido das nações que rugem como rugem as impetuosas águas! Rugirão as nações, como rugem as muitas águas”** (Isaías 17.12-13; Jeremias 46.7-8; Lucas 21.25; Apocalipse 17.15; 21.1).

Sobretudo, visto do ângulo da Ásia Menor onde se encontrava João naquela ocasião, Roma, a grande potência marítima, dava a impressão de emergir paulatinamente do mar, representando que se levanta dentre as nações, sendo, por conseguinte, a sua procedência de origem puramente humana.

Importa observar a diminuição gradativa do valor dos metais que compõem a estátua do monarca babilônico. O ferro, símbolo da férrea Roma, carece da riqueza e da pompa da prata e do ouro e também do maior preço do bronze.

2)- “A besta que vi era semelhante a leopardo, com pés como de urso e boca como de leão” (Apocalipse 13.2).

a) **“A besta”** indica especialmente um animal selvagem ou uma fera. Pelo seu próprio nome destaca a violência, o caráter feroz da potência alegorizada. Aliás, os reinos do mundo são, nas Escrituras, simbolizados por feras porque sempre sedentos de sangue.

b) Os diversos elementos dos animais das visões de Daniel compõem a descrição da terrível besta híbrida, cujos traços horripilantes são os característicos simbólicos da sua constituição, dos seus atributos e da sua ação. Nela se concentra o pior que a maldade poderia juntar em forças organizadas opostas aos planos de Deus.

c) A besta, uma síntese, porque nela se concentram os três primeiros animais de Daniel, encerra em si a índole de cada um daqueles três e exprime o fato de os três compenetrarem ou interligarem numa forma de osmose, as épocas da História. Uma fase histórica tem seus germes na anterior e lança suas consequências na seguinte.

Confirma Daniel esta maneira de se entender o evoluir dos Impérios em sua sequência ao observar que **“quanto aos outros animais, foi-lhes tirado o domínio; todavia, foi-lhes dada prolongação de vida por um prazo e um tempo”** (Daniel 7.12).

E, de fato, investigando-se a estrutura social do Império Romano, depara-se nele a amálgama de elementos babilônicos, medo-persas e gregos.

Conquanto, cada um a seu tempo, hajam perdido a sua supremacia, as suas influências perduraram. As nações da Caldéia e da Assíria, prolongamento do reino da Babilônia, significado pela cabeça de ouro da estátua, constituem-se na primeira besta da visão de Daniel. As nações da Média e da Pérsia, também integrantes do Império Romano, representadas pelo peito e pelos braços da estátua de Nabucodonosor, figura daquele segundo reino, são também a segunda besta da visão de Daniel. As da Macedônia, Grécia, Trácia, Ásia Menor, Síria e Egito, figuradas no ventre e nos quadris da estátua do soberano babilônico, permitem a permanência com vida da terceira besta de Daniel no reino de Roma.

d) **“Semelhante a leopardo”**, o terceiro animal dos sonhos do profeta é dotado de agilidade astuta e de crueldade felina. Com as suas manchas denota um poderio misto, um governo político-religioso.

“Com pés como de urso”, característica do segundo animal daquelas remotas visões, expressa a potência irresistível dos seus ataques.

e) **“E boca como de leão”**, que é arrojado e forte. Boca de poderosas e trituradoras mandíbulas. São traços do primeiro animal do profeta.

Estes pormenores descritivos, adicionados aos dez chifres, que são os sinais próprios dos elementos individualizantes da quarta fera de Daniel,

definem a besta do Apocalipse. Trata-se do Império Romano, amálgama de todos os distintivos dos poderios representados pelos três primeiros animais do profeta do Velho Testamento.

3)- A quarta fera de Daniel, que se identifica com a potência romana, não é apresentada por nenhum animal. Descreve-lhe, contudo, o profeta a sua índole: **“terrível, espantoso”,** como o leopardo; **“sobremodo forte, o qual tinha grandes dentes de ferro; ele devorava e fazia em pedaços”,** como o leão de mandíbulas triturantes; **“pisava aos pés o que sobejava”,** como o urso de patas irresistíveis e esmagadoras.

Este quadro assemelha-se, outrossim, à descrição do quarto reino correspondente às pernas e aos pés com os dez dedos da grandiosa estátua alegórica dos sonhos de Nabucodonosor: **“O quarto reino será forte como o ferro, pois o ferro a tudo quebra e esmiúça; como o ferro quebra todas as cousas, assim ele fará em pedaços e esmiuçará”** (Daniel 2.40).

Na primeira besta de Apocalipse se concentram todos estes característicos de violência.

4)- “Tinha dez chifres e sete cabeças e, sobre os chifres, dez diademas” (Apocalipse 13.1).

a) Os chifres, também vistos por Daniel (Daniel 7.7), representam dez reis (Daniel 7.24) vassalos de Roma. **“Os dez chifres que viste são dez reis”** (Apocalipse 17.12) ou reinos, por causa do estilo de se tomar o rei pelo reino à semelhança do rei Nabucodonosor tomado no lugar de Babilônia. Nas Sagradas Escrituras, os chifres ou cornos simbolizam o poder (Salmo 92.10; Miquéias 4.13; Zacarias 1.18-19). Os da visão do profeta e do Apocalipse, em número de dez, correspondem aos dez dedos dos pés da estátua de Nabucodonosor, que também representam a confederação romana da diversidade de reinos com os seus muitos poderes.

Uma fábula antiga figurava a hidra com muitas cabeças para denotar sua resistência à morte, pois, na conjuntura de ser esmagada uma, permaneciam as outras.

Com efeito, na simbolização de Daniel e de Apocalipse, dez é número profético para representar qualquer número de poderes e de muitos reinos.

Dos povos bárbaros integrantes e satélites do Império Romano, podemos mesmo distinguir, dentre outros, os seguintes dez: os vândalos, os suevos, os anglo-saxões, os visigodos, os alamanos, os francos, os borgúndios, os hérulos, os ostrogodos e os lombardos, dos quais, com a

queda do grande Império, saíram as nações que formaram a Europa Medieval e Moderna.

b) **“Sete cabeças”** são **“sete montes”**, conforme elucidação do anjo ao vidente de Patmos (Apocalipse 17.9). Roma é a cidade que naquele tempo se erguia sobre as sete famosas colinas.

Nenhuma outra cidade do mundo, senão Roma, era cognominada de “A Cidade das Sete Colinas”. Eis outra prova de ser a primeira besta do Apocalipse figurativa do Império Romano ou Latino.

As sete cabeças lembram também os sete imperadores, destacando-se Nero, Domiciano e Décio, que mais perseguiram os cristãos. Lembram, outrossim, e com mais vigor e rigor histórico, sete Impérios, dos quais, para nós, já são passados: Egito, Assíria, Babilônia, Média-Pérsia, Grécia-Macedônia, Roma e o Sacro Império Romano.

Releva a lembrança de Roma constituir-se num reino abrangente por se encontrarem nele as características das potências anteriores.

No Sacro Império Romano, a besta prodigiosamente curada, agrupam-se e nela se resumem a oposição a Deus saliente nos faraós egípcios, a crueldade da Assíria, o absolutismo da Babilônia, a ferocidade medopersa, a astúcia de Alexandre Magno e o poderio férreo da antiga Roma.

Lembramos, ainda, a minúcia das quatro cabeças do leopardo de Daniel, as quais, somadas com as cabeças dos outros três animais, perfazem as sete cabeças da besta apocalíptica, porque esta reúne o pior que os séculos mostrarão nas forças organizadas contra Deus.

c) **“E sobre os chifres, dez diademas”** (Apocalipse 13.1) ou coroas no simbolismo do poder régio dos diferentes soberanos.

d) **“E, sobre as cabeças, nomes de blasfêmia”** (Apocalipse 13.1).

“Nomes de blasfêmia” é um hebraísmo a exprimir por um adjetivo “nome blasfemo”.

O nome blasfemo era o título que cada Imperador romano dava-se a si próprio, consoante os informes das moedas e inscrições contemporâneas descobertas pela arqueologia.

Os seis nomes intrinsecamente blasfemos adotados por imperadores que a si mesmos arrogavam atributos divinos, exclusivos de Deus, são os seguintes:

<i>Deus</i>	Deus
<i>Divus</i>	Divino
<i>Augustus</i>	Adorável (digno de adoração)
<i>Filius Dei</i>	Filho de Deus
<i>Salvator</i>	Salvador
<i>Dominus</i>	Senhor.

Otávio, por exemplo, além de ser cognominado de “o Augusto”, era saudado como “o deus paternal e salvador de todo o gênero humano”.

Além dos títulos blasfemos, os Imperadores permitiam a ereção de templos em sua honra e dos seus súditos exigiam culto.

e) A besta tem o mesmo número de cabeças, de chifres e de diademas do **“grande dragão vermelho”** (Apocalipse 12.3) por este lhe haver, como encarnação sua, dado **“o seu poder, o seu trono e grande autoridade”** (Apocalipse 12.2). Se Jesus, quando foi tentado por ele, recusou-lhe a proposta dos reinos do mundo caso o adorasse, a besta aceitou a oferta, constituindo-se na criatura satânica agente terrestre do diabo. Esse é **“o príncipe deste mundo”**, de conformidade com o ensino de Jesus (João 12.31) e pode, consoante as suas próprias malignas declarações quando tentou Jesus, dar o seu império a quem ele quer (Lucas 4.5-6).

Ele mesmo entroniza a besta, dando-lhe do seu poderio perverso e grande força política e militar, sendo, por isso, adorado por todos, bem como a besta recebe este culto por ter recebido a autoridade do dragão. E diziam: **“Quem é semelhante à besta? Quem pode pelejar contra ela?”** (Apocalipse 13.4).

Uma das perversidades de Satanás é a de parodiar sarcasticamente os acontecimentos sagrados. Ao constituir a besta seu plenipotenciário no mundo e a encarnação do seu poder na terra, quer parodiar a solene entronização do Cordeiro no céu (Apocalipse 5.12).

5)- Volvemos os olhos à estátua de Nabucodonosor, cujas partes descritivas do Império Romano conformam-se com a figuralidade das dez pontas da besta apocalíptica.

A dualidade do reino medo-persa foi assemelhada aos dois braços, como os dois pés e as duas pernas da estátua do monarca babilônico significam a divisão do Império Romano em Ocidental e Oriental.

A mistura de ferro e barro na composição dos pés (Daniel 2.43) alegoriza a inclusão de um elemento estranho, ou seja, os homens misturados entre si. São as massas dos povos do Noroeste Europeu, invasores do Império nos séculos IV e V, que se fundiram com os seus habitantes primitivos.

Os pés têm dedos em número de dez como a fera do Apocalipse tem dez chifres. Os pés são, na parte inferior, o fim do corpo, não obstante formarem com ele uma unidade. Isto exprime a tentativa de o grande reino absorver em sua unidade imperial aqueles povos. Simboliza também o esfacelamento em muitas nações, como ocorre na metáfora dos dez chifres.

Dez é aquele número profético que representa diversidade de poderes e de reinos.

6)- Nesse painel de glória postiça ocorre o imprevisto: **“Vi uma de suas cabeças como golpeada de morte, mas essa ferida mortal foi curada”** (Apocalipse 13.3).

a) O seu corte mortal feito à espada (Apocalipse 13.14) foi curado, sem dúvida, pelo dragão.

Essa besta ferida em uma de suas cabeças e curada manifesta-se como um arremedo ou paródia do Cordeiro sacrificado e ressuscitado (Apocalipse 5.6, 9, 12). Repete-se o paralelismo polêmico assaz frequente em Apocalipse. Com efeito, no intento de combater o Reino do Cristo Ressuscitado, o dragão opõe o poder do falso ressuscitado.

b) A cabeça ferida e curada da fera é uma figura de vários acontecimentos futuros. E, de acordo com o teor da profecia, um episódio histórico análogo confirma a profecia e proporciona figuras para o cumprimento mais vigoroso de fatos posteriores.

O Império Romano sofreu momentos de profundas crises, das quais saiu revigorado, revivificado.

Quando do assassinato de Júlio César, parecia haver chegado o seu fim. Reergueu-se, todavia, mais poderoso sob Otávio Augusto.

De maneira especial, contudo, a ferida mortal curada é o símbolo de um monarca perseguidor seguido de outro que encarnou o seu espírito de brutalidade e violência.

Quando Nero, o último soberano da dinastia dos Césares, açoitado por Galba, que lhe decretara a morte, em 9 de junho de 68, suicidou-se, a crise social e política conturbou até em seus alicerces a grande potência, que, no curto interregno de poucos meses, se viu des governada pela fraqueza de Galba, Otão e Vitélio, sacrificados por rebeliões sucessivas. A chaga mortal, porém, foi sanada com a ascensão de Domiciano, o *Divus Imperator* (Imperador Divino), restaurador da *Dea Roma* (Deusa Roma) e a encarnação de Nero, o acérrimo perseguidor dos cristãos.

Quando da queda do Império sob o impacto da invasão dos povos bárbaros, por vários séculos permaneceu prostrado em seu ferimento mortal até que, com Carlos Magno, sua chaga foi outra vez curada. Redivivo, impuseram-lhe o nome de Sacro Império Romano.

Revela-se oportuna a lembrança daquela nossa observação introdutória acerca de dois ou mais cumprimentos duma profecia. O primeiro cumprimento comprova a veracidade dela e anuncia a segurança do subseqüente cumprimento com acentuado vigor.

A ferida da besta quando do assassinato de Júlio César, vaticinou o ferimento seguinte, ocorrido com o suicídio de Nero, causador da mais grave convulsão social e de maior pasmo quando do reequilíbrio do Império.

E este episódio, de si próprio, prognosticou outro ferimento muito mais grave, **“ferida mortal”**, sucedido com a queda do reino quando da invasão bárbara, curado com a sua restauração na oportunidade da coroação de Carlos Magno, em 800.

A extinção do Sacro Império Romano, dentre todos o seu mais sério ferimento, é temporário porque, ao final desta História da humanidade, o grande reino será restabelecido para admiração do mundo. Este assombro, todavia, será de curta duração haja vista a última destruição da potência simbolizada na besta apocalíptica.

c) O prodígio da cura da besta desperta a admiração dos povos: **“E toda a terra se maravilhou, seguindo a besta; e adoraram o dragão porque deu a sua autoridade à besta; também adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? Quem pode pelejar contra ela?”** (Apocalipse 13.3-4).

Rendem-se ante o poderio imperial as nações conquistadas por Roma.

O culto imperial em cuja liturgia se tributavam honras divinas ao *Divus Imperator* (Imperador divino) e à *Dea Roma* (deusa Roma), em última análise, é o culto de demônios (Deuteronômio 32.17; 1ª Coríntios 10.20; Apocalipse 9.20). O mundo que se verga ante a força brutal da potência latina e se submete ao seu princípio idolátrico prostra-se perante Satanás. Adorar o Imperador ou o Império é adorar o próprio dragão.

Em seu culto satânico exclamavam: **“Quem é semelhante à besta? Quem pode pelejar contra ela?”** São expressões estas com as quais os do Antigo Testamento se dirigiam exclusivamente a Deus (Êxodo 15.11; Salmo 35.10; Zacarias 3.2; Daniel 10.13-21).

Na besta híbrida, encarnação política do diabo, originária da agitação dos povos e absorvimento dos três primeiros animais de Daniel naquilo que eles tiveram de pior, na besta híbrida acentua-se uma natureza de agilidade astuta, de violência irresistível, de poderio férreo triturador, de duplicidade declarada, de poderes diversificados, assinalada com nomes blasfemos e com inimaginável capacidade de recuperação.

II

A ATUAÇÃO DA BESTA

Explicado quem é ela, o escritor sagrado passa a elucidar os seus feitos, o seu agir em palavras e em obras.

1)- “Foi-lhe dada uma boca que proferia arrogâncias e blasfêmias e autoridade para agir quarenta e dois meses; e abriu a boca em blasfêmias contra Deus, para Lhe difamar o Nome e difamar o tabernáculo, a saber, os que habitam no céu” (Apocalipse 13.5-6).

a) Seu poder não lhe é próprio. Procede do dragão Satanás, mas permitido por Deus.

A atuação soberba e blasfema do dragão pela instrumentalidade da besta, o Imperador romano, é sujeita aos desígnios de Deus, que a delimita. Os **“quarenta e dois meses”** são um tempo simbólico a designar que os planos diabólicos não atingem a plenitude ambicionada.

b) Suas palavras são arrotos falsos de soberba. O texto original grego emprega *“megála”*, de onde o nosso vocábulo megalomania (mania de grandeza).

Narra-os Suetônio (*Domitianus*, 13) sobre a arrogância do megalomaniaco Domiciano que, em certa ocasião, começou uma circular com os seguintes dizeres: *“Dominus et deus noster sic fieri iubet...”* (O senhor e nosso deus [o próprio Domiciano] ordena que se proceda assim...)

2)- “Foi-lhe dado, também, que pelejasse contra os santos e os vencesse” (Apocalipse 13.7).

Suas blasfêmias afrontam a própria essência de Deus.

Representava-se nos altos céus, como juiz, sentado num trono rodeado de sete estrelas, o filho primogênito daquele Imperador, falecido aos dois anos de idade. E enaltecia-se a própria mãe do monarca, como mãe de deus e rainha do céu.

Segundo a crença imposta, após a morte, os imperadores ascendiam, gloriosos, aos céus (Suetônio, *Iulius Caesar*, 88; *Augustus*, 100, 4).

Este procedimento ultrajante dos Imperadores tornara-se em gravíssimo insulto contra os direitos de Deus e contra os santos que no céu O adoram.

O **“tabernáculo”** nesta passagem se identifica com o céu, concebido à semelhança do Templo de Jerusalém.

A besta nada perdoa. A quem lhe resiste a cobiça de endeusamento, ela esmaga.

Os “**santos**” são os crentes em Cristo (Atos 9.41; 1ª Coríntios 1.2; 2ª Coríntios 1.1) que, já naqueles tempos espalhados em toda “**tribo, povo, língua e nação**” foram as vítimas da tirania de monarcas insanos.

Plínio, o Jovem, em uma carta ao Imperador Trajano, narra a sua conduta para com os cristãos de Bitínia. Aos acusados de Cristianismo e, por isso, rebeldes em se omitirem no cultuar a imagem do Imperador, mandava sumariamente executar.

A truculência das perseguições, longe de extinguir o Evangelho, fez derramar o sangue generoso dos mártires, a prodigiosa semente de cristãos. E, num magnífico paradoxo divino, os vencidos nesta sanguinolenta refrega são os coroados vencedores (Apocalipse 20.4-6).

No próximo capítulo alongar-nos-emos sobre as atividades da besta analogada com o Imperador romano.

.oOo.

O IMPÉRIO ROMANO, A BESTA HÍBRIDA

As Sagradas Escrituras formam um todo, um entravamento homogêneo e sólido. Os grandes acontecimentos do Novo Testamento e da vigência da Dispensação da Igreja foram vaticinados no Antigo Testamento sob a mais variada simbólica no objetivo de nós os entendermos bem. Antes de, nestes últimos dias, nos falar pelo Seu próprio Filho, Deus, antigamente, aos nossos antepassados, falou pelos profetas muitas vezes e de muitas maneiras (Hebreus 1.1-2).

VISÕES EM REVISÃO

Os episódios escatológicos são de extrema importância para nós outros, participantes desta Dispensação do Evangelho. Em defluência, as revelações de Daniel concernentes à descomunal estátua são repetidas em outra visão. É a das quatro bestas simbólicas tida pelo profeta Daniel, ao tempo do rei Babilônia, anotada no capítulo 7 do seu livro.

Leiamos o registro: “**Eu estava olhando, durante a minha visão de noite, e eis que os quatro ventos do céu agitavam o mar Grande. Quatro animais, grandes, diferentes uns dos outros, subiam do mar. O**

primeiro era como leão, e tinha asas de águia; enquanto eu olhava, foram-lhe arrancadas as asas, foi levantado da terra e posto em dois pés, como homem; e lhe foi dada mente de homem. Continuei olhando, e eis aqui o segundo animal, semelhante a um urso, o qual se levantou sobre um dos seus lados; na boca, entre os dentes, trazia três costelas; e lhe diziam: Levanta-te, devora muita carne. Depois disto, continuei olhando, e eis aqui outro, semelhante a um leopardo, e tinha nas costas quatro asas de ave; tinha também este animal quatro cabeças, e foi-lhe dado domínio. Depois disto, eu continuava olhando nas visões da noite, e eis aqui o quarto animal, terrível, espantoso e sobremodo forte, o qual tinha grandes dentes de ferro; ele devorava, e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava; era diferente de todos os animais que apareceram antes dele e tinha dez chifres” (Daniel 7.2-7).

Alguém, próximo ao trono de **“um como o Filho do Homem”**, esclareceu a figuração daqueles animais: **“Estes grandes animais, que são quatro, são quatro reis que se levantarão da terra”** (Daniel 7.17).

A descrição realça a ferocidade excessiva e superior das três bestas anteriores. O quarto animal, contudo, é terrível, espantoso e demasiadamente forte. Supera em crueldade os outros três. Por isso, Daniel desejou conhecer a verdade a respeito desta quarta besta, diferente das três anteriores por ter **“dez chifres”**. É o Império Romano!

Fundada em 754 a. C., às margens do Rio Tibre, no centro da imensa planície coberta de outeiros, limitada pelas colinas vulcânicas de Bracciano e pelos Montes Albanos e da Sabina, fadou-se Roma, a cidade mais célebre do Universo e da História, a se tornar a grande confederação alegorizada pelo quarto animal das visões do profeta Daniel, pelas pernas, pelos pés e pelos dedos da agigantada estátua de Nabucodonosor e pela primeira besta de Apocalipse 13.

SUA IDENTIFICAÇÃO COM A BESTA

Se, nas Escrituras de Daniel, está ausente o seu nome, sendo mencionados apenas os nomes das potências anteriores, suas características, contudo, conferem plenamente com as claras indicações bíblicas.

O fato de nem o profeta e nem Apocalipse 13 referirem-lhe o nome decorre de um motivo assaz óbvio. Se o fizessem, jamais, naquele clima de

truculência totalitária, poderiam circular os dois livros e suas páginas se destinariam às chamas.

Muitos notáveis indícios, todavia, identificam Roma aos membros inferiores da estátua de Nabucodonosor, ao quarto animal de Daniel e à primeira besta de Apocalipse 13.

Além dos já aludidos, pelo menos de passagem no capítulo anterior, apresentamos os seguintes:

a) A sua posição geográfica é bem definida pelas **“sete cabeças”** (Apocalipse 13.1), que são **“sete montes”** (Apocalipse 17.9).

Se hoje, por haver muito se expandido, Roma conta com doze colinas, naqueles tempos do seu domínio mundial, erguia-se sobre sete. É a *“Urbs Septicollis”*, de Horácio. Plínio, o Velho, reconhece-a *“Complexa septem montes”* (*Hist. Nat.*, 3, 9). Os sete montes, pelos quais se lhe atribuíram o cognome de “A Cidade das Sete Colinas” (*Urbs Septemontium*) são: o Aventino, o Palatino, o Célio, o Esquilino, o Viminal, o Quirinal e o Capitólio.

b) A composição dupla do seu Império dividido em Oriente e Ocidente corresponde às duas pernas e aos dois pés da estátua do monarca babilônio e à sua dúplice composição em ferro e em barro (Daniel 2.41).

c) Com efeito, o **“reino dividido”** (Daniel 2.41), dividido geografica e politicamente em Oriental e Ocidental, também foi dividido em seus sentimentos porque nunca o Ocidente e o Oriente se sintonizaram de modo completo.

Em grande parte da supremacia do Império Romano, o Oriente, simbolizado pelo ferro, prevaleceu sobre o Ocidente, assemelhado ao barro. **“Como os artelhos eram em parte de ferro e em parte de barro, assim, por uma parte, o reino será forte e, por outra, será frágil. Quanto ao que viste do ferro misturado com barro de lodo, misturar-se-ão mediante casamento, mas não se ligarão um ao outro, como o ferro não se mistura com o barro”** (Daniel 2.42-43).

d) Os **“dez chifres”** (Daniel 7.7; Apocalipse 13.1), que correspondem aos dez dedos da monumental estátua de Nabucodonosor, lembram o **“reino dividido”** de Roma que se formara de pedaços de outros reinos, são também os **“dez reis”** surgidos desse Império após a sua decadência (Daniel 7.24). São os povos bárbaros que, depois de subjugados por Roma, venceram-na.

O número dez não quer definir aritmeticamente o número dessas nações porque nas Escrituras ele denota quantidade razoável de poderes. Mencionamos, porém, alguns dos povos bárbaros: vândalos, suevos, anglo-saxões, visigodos, alamedos, borgúndios, hérulos, ostrogodos e lombardos,

os quais de 351 a 476 de nossa era, procedentes do Norte da Europa, esfacelaram o Império e deles se originaram nações independentes entre si também distinguidas em fortes umas, como a Alemanha, a França e a Itália, e fracas outras, como a Bélgica, a Holanda e a Suíça.

e) A pedra da alegoria de Nabucodonosor a se tornar em grande montanha capaz de encher toda a terra é outro indício desta identificação. **“A pedra que foi cortada sem auxílio de mãos, feriu a estátua nos pés de ferro e de barro e os esmiuçou”**, tornando-se **“em grande montanha, que encheu toda a terra”** é o Reino por Deus suscitado, Reino sempiterno (Daniel 2.32, 35, 44).

Ora, este Reino de nosso Senhor Jesus Cristo, a **“pedra”**, em germe estabeleceu-se quando o Império latino dominava o mundo – *toto orbe integral pace composito* – sob a augusta paz: **“Naqueles dias [do nascimento de Jesus], saiu um decreto da parte de César Augusto...”** (Lucas 2.1; Mateus 22.21; João 19.12).

ROMA, EXACERBAÇÃO DA CRUELDADE DOS REINOS ANTERIORES

As características próprias das potências anteriores desaguaram no Império Romano.

Identificada com o quarto animal de Daniel, pelos **“dez chifres”** que a distinguiram das outras feras, a besta do Apocalipse, figuração desse Império, recebeu do primeiro Reino, simbolizado pelo leão, a brutalidade; do segundo, assemelhado ao urso, a potência irresistível nos ataques; e do terceiro, comparado ao leopardo, a agilidade astuta.

O profeta vidente manifestou o desejo de conhecer a verdade sobre este quarto animal **“que era diferente de todos os outros, muito terrível, cujos dentes eram de ferro, cujas unhas eram de bronze, que devoravam, fazia em pedaços e pisava aos pés o que sobejava”** (Daniel 7.19).

Na sua violência inigualável e única, **“devorará toda a terra, a pisará aos pés, e a fará em pedaços”** (Daniel 7.23).

Roma, a loba legendária, herdeira do idioma do Lácio que no passado ocupara a região central da Península Itálica, Roma, pretende a hegemonia universal! Estende os seus tentáculos às regiões mais recuadas e, no seu expansionismo insofrido, subjuga os povos às suas férreas garras.

As batalhas de Júlio César, nas Gálias, vergaram ao seu poder 800 populações, submeteram 300 povos, mataram um milhão de homens e reduziram à escravidão outros tantos.

Todas as nações, a partir de 31 a. C., sob o astuto e Augusto Otávio, se encolhem sob as imensas asas da águia capitolina e, transformadas em reinos ou províncias vassaladas, são administradas por reis tributários, governadores, procuradores ou procôncules.

Desde as costas da Lusitânia aos limites dos desertos da Ásia e da África. Desde as longínquas florestas do Reno e do Danúbio aos confins da Caledônia.

A crueldade é o seu método de engarrar os povos. As belonaves dominadoras carregam aos gemidos dos hercúleos escravos. As galeras, cujos remos movidos por soldados vencidos e cativos perpétuos, velejam mares em fora, levando, ao ritmo surdo dos bombos da proa, procônsules implacáveis na imposição dos tributos e na escravização dos bárbaros.

Devorada toda a terra sob a brutalidade do seu domínio, o progresso material da grande potência em toda a sua vastidão territorial (os seus templos, as suas rodovias, os seus estádios, as suas termas, os seus aquedutos) custou o esmagamento de milhares e milhares de escravos de tornozelos acorrentados por grossos ergástulos de ferro, moídos sob o azorrague de feitores crudelíssimos que lhes vazam olhos quando, ardendo em sede e dobrando as pernas de inanição, não aguentam mais arrastar pedras, tanger remos, britar pedreiras e rasgar estradas nos campos e nas charnecas.

Subjuga-se a turba. Milhares morrem à espada nas guerras de conquista e nas sublevações civis sufocadas, enquanto outros são envenenados ou assassinados pelo punhal traiçoeiro.

Milhares extinguem os seus dias com as pesadas grilhetas do cativo nos pés. Milhares são confiscados, despojados, exilados e proscritos. Multidões de mulheres são entregues à sanha da luxúria sádica. Pais, esposos, filhos, irmãos são violentamente separados.

Essa turba imensa na passividade degradante, incapaz de um impulso de rebeldia contra o conceito brutal de força e da crueldade característica da descomunal potência, extravasa seus instintos também de violência, apinhando-se nas arquibancadas do circo a aplaudir freneticamente o espetáculo de sangue e de morte que lhe prodigalizam os gladiadores, de cujos lábios, no instante do desporto despiadoso, explode a frase: *“Ave Caesar, morituri te salutant”* (Ave, César, os que vão morrer te saúdam!).

Roma, o reino férreo, é a síntese e o apogeu inaudito de todas as truculências dos reinos anteriores. É a besta por definição!

Besta fera que investe, nos paroxismos da brutalidade e do ódio, contra os cristãos. Estes, fiéis intimoratos à Doutrina Sagrada, recusam cultuar o Imperador e rejeitam quaisquer comprometimentos com a idolatria. Recusam mesmo passar por uma porta da cidade encimada por alguma estátua (Tácito, *História*, V, 5). E Roma, cidade muito religiosa na sua ampla idolatria, faz de pronto, distinguir qualquer pessoa que menoscaba as suas manifestações de fé. Recusar o culto ao Imperador é incorrer em crime contra o próprio Império. É tornar-se inimigo e fora da lei. “*Hostis, hostis patriae, hostis publicus, humani generis inimicus, hostis deorum atque hominum*” (Inimigo, inimigo da Pátria, inimigo público, inimigo do gênero humano, inimigo dos deuses e dos homens). O próprio nome de Cristo já é um crime.

Nesta fase da História, Nero (anos 51 a 68 d. C.) pontifica como perseguidor. Basta conhecê-lo para se concluir que ele só pode condenar o que era eminentemente bom.

Subiu ao trono com 17 anos. Alma carregada de ignóbeis paixões, entregou-se aos excessos da corrupção moral nos lupanares, onde, acompanhado de rapazes da escória da licenciosidade, passava as noites.

Por prazer, espancava e roubava. De vaidade desmedida, quando cantava em público, ordenava aos policiais punissem os indiferentes à sua voz. Fez-se artista de teatro a apresentar o papel de bobo de comédia.

Semelhante personalidade só podia ser de grade propensão supersticiosa. Por isso, sempre se cercou de astrólogos, adivinhos e mágicos. Recorria aos espíritos diabólicos a fim de descobrir o segredo de crescer em corrupção e tirania.

Sua inexcedível crueldade afinava-se à conduta debochada. Mandou apunhalar Agripina, sua mãe. Cismado do seu sucessor legítimo, Britânico, seu próprio irmão, determinou envenená-lo. Assassinou Poppea, Otávia e Statília, suas esposas, e também Sêneca e Burrhus, seus preceptores.

Do ano 64 ao fim trágico de sua vida insana, reuniu todos os requintes de crueldade contra os cristãos, insubmissos às determinações cúltricas do reino.

Para servir de tochas a iluminar as trevas da noite dos seus jardins (“*in nocturni luminis usum*”, diz Tácito) suspendia os crentes sobre postes e cruzeiros e os incendiava.

Tenho para mim que Paulo Apóstolo não foi degolado, como divulga a lenda. Suponho que, em 67, sob o império truculento de Nero, haja sido

ele queimado vivo num desses postes dos jardins do monarca. Se o corpo incendiado do apóstolo iluminou as trevas dos jardins do seu algoz, suas Epístolas, de luz mais viva e palpitante, quais clarões inextinguíveis, iluminam, com os seus ensinamentos, as nossas inteligências e aquecem, com as suas exortações, a nossa sensibilidade.

O violento soberano incendiou Roma, que ardeu durante uma semana, tendo 10 dos seus 14 bairros destruídos. Jubiloso no seu tresloucado sadismo, galgou uma alta torre para, ao embalo da sua própria voz e ao som da harpa que ele dedilhava, assistir mais à vontade a tragédia. E, no intuito de acirrar o ódio popular contra os cristãos, lançou-lhes a responsabilidade do crime.

“Christianum esse non licet!” (Não é lícito ser cristão!), era o clamor de guerra.

A maldade de Nero fazia inocentes as suas vítimas por mais criminosas que hajam sido. *“Uma sentença deste monstro é um diploma de inocência”*, afirmou Tertuliano (*Apolog.*, cap. IV).

Domiciano (anos 81 a 96 d. C.) foi o outro Imperador cruel a ponto de ser quase nivelado, pelos escritores seus contemporâneos, a Nero. Chamou-o Juvenal de Nero Calvo (*Sat.*, 4, 38) e Tertuliano (*Apolog.*, V), *“portio Neronis de crudelitate”* (“pela sua crueldade era um pedaço de Nero”).

A truculência inaudita da besta híbrida contra os cristãos culminou com a perseguição movida pelo católico romano Décio, Imperador de 249 a 251. No seu curto governo, soube juntar os requintes de maldade de todos os seus antecessores no tresloucado intento de esmagar em definitivo os crentes evangélicos.

.oOo.

O CHIFRE QUE ARRANCOU TRÊS CHIFRES

Enquanto, atônito, o profeta considerava os dez chifres do quarto animal de suas visões, **“eis que entre eles subiu outro pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados; e eis que neste chifre havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava com insolência... e parecia mais robusto do que os seus companheiros.., e**

eis que este chifre fazia guerra contra os santos e prevalecia contra eles” (Daniel 7.8, 20-21).

A título de didática, com o propósito de memorização deste evento importantíssimo em nosso estudo, pergunta-se, à luz de Daniel 7.24: Qual é o poder que, imponente na Europa, surgiu do Império Romano, após a queda deste? Poder aquele que abateu três daqueles dez chifres ou reinos bárbaros? Qual foi este poder **“diferente dos primeiros”** e que **“parecia mais robusto do que os seus companheiros”**?

Se os dez chifres representam reinos surgidos da quarta fera, símbolo do Império Romano, dentre estes reinos sobrevém um outro chifre que a História identifica com o poder do “papado”.

Começou **“pequeno”** e se tornou **“mais robusto do que os seus companheiros”**. Superou em grandeza os demais, tornando-se **“diferente”** deles.

Neste pormenor da visão de Daniel está a chave que nos leva a compreender as origens históricas do “papado”. E, com efeito, em prol do seu desenvolvimento, foram arrancadas ou extirpadas três das nações representadas pelas dez pontas.

As três nações vítimas são a dos hérulos, a dos ostrogodos e a dos lombardos. **Todas as três instaladas na Península Itálica!!!**

E de fato!

Os primeiro destes três povos, o dos hérulos, então sob o comando de Odoacro, que, em 476, depondo o Imperador Rômulo Augusto, assenhoreou-se da Itália, foi, em 487, destruído por Teodorico, rei dos ostrogodos, que invade a Península e dela se apossa.

Os ostrogodos, de sua parte, também se insurgiram contra o pequeno chifre agora em desenvolvimento com a ascendência do bispo de Roma. Este ficara em campo livre para a sua expansão desde a saída de Constantino quando instalou a sede do Império em Constantinopla. O Imperador Justiniano, do Oriente, em 533, com um decreto oficializou a supremacia daquele bispo sobre todas as igrejas, contra a qual se rebelaram os ostrogodos. Em 538, derrotados estes pelo general Belisário, que se valera da aliança com os lombardos do Norte da Itália, foram eles por completo desenraizados da Península. É o segundo chifre do conjunto dos dez a desaparecer, propiciando o crescimento do pequeno chifre. E, nesta circunstância, o Imperador Justiniano confirma a supremacia do bispo de Roma, alegorizado, repita-se, nesse pequeno chifre.

Receoso dos seus aliados, os ostrogodos, valeu-se o “papa” da ajuda de Pepino, o Breve, das Gálias, para derrotá-los, ocasião em que aquele rei gaulês entrega ao pontífice Estêvão II os domínios do ducado de Roma, a

primeira parte dos territórios do “papa”, nascendo assim os Estados Pontifícios. É o chavelho, antes de pequenas proporções, a robustecer-se!

Finalmente, os lombardos, o terceiro chifre a ser superado, os quais, inconformados com a espoliação, se insurgiram sob o comando de Didier, contra o “papa”, também foram em 774 totalmente destruídos por Carlos Magno, que confirmou ao pontífice a posse do ducado de Roma e acrescentou-lhe Córsega, Parma, Mântua, todo o exarcado de Ravena, as províncias de Vêneto e de Istria e os ducados de Spoleto e de Benevento.

Por oportuno, observe-se o exato cumprimento da profecia apresentada na visão de Daniel. Estes três reinos significados pelos três chifres **“foram arrancados”** (Daniel 7.8) em favor do chavelho que surgiu por último. Não foi o pequeno chifre que os arrancou. Mas outros (Teodorico, Belisário, Pepino e Carlos Magno), no cumprimento exato da profecia, os abateram em prol daquele que seria diferente de todos os reinos.

É a constância da História! Em tudo e sempre, o “papa” se vale dos outros na sua expansão e no seu predomínio.

Desarraigados sucessivamente os três reinos (o dos hérulos, o dos ostrogodos e o dos lombardos), Carlos Magno, rei da França, após vencer os lombardos, confirmou a doação feita por Pepino, o Breve, seu pai, dos territórios desses três reinos abatidos, ao “papa”, que, a partir de 756, soberano único dos Territórios Pontifícios, se tornou, ao mesmo tempo, cumprindo-se dessa forma a alegoria profética dos **“dois chifres semelhantes aos de um cordeiro”** (Apocalipse 13.11), tornou-se o “papa”, soberano espiritual sobre toda a Europa, e chefe temporal dos Estados Pontifícios, os quais lhe outorgariam independência política para mais facilmente imiscuir-se na política internacional e na política interna dos povos. E, no dia 25 de dezembro do ano 800, o “papa” Leão III coroou Carlos Magno Imperador do novo Santo Império Romano do Ocidente, sob a suserania do pontífice de Roma.

Nesta postura de grandeza, feito mais robusto na sua prepotência sobre os reinos sobreviventes e deles, pela sua influência religiosa, diferente, o “papado”, pode perscrutar toda a sociedade com seus **“olhos”** (Daniel 7.8, 20), de tudo sendo informado para agir com segurança e malícia. Os seus **“olhos”**, que são os confessionários espalhados pelo mundo inteiro e através dos quais o “papado” de tudo se informa. Os seus **“olhos”**, que são as nunciaturas apostólicas ou embaixadas junto dos Chefes de Estado, olhômetros da política das nações. Os seus **“olhos”**, que também são certas associações religiosas ou de cunho social como as até de empregadas domésticas, as quais, com esse nefando programa, olham

tudo quanto se passa na intimidade dos lares visados e tudo baldeiam para os foros papistas.

Nem o recesso das famílias lhe escapa! Na eventualidade de querer informar-se da sua vida e dos assuntos conversados e confidenciais na privacidade das casas, quando acontece de as pessoas postas em alvo serem omissas na frequência do confessor, encaminham-se serviços domésticos adrede instruídas e treinadas. Essas olheiras, no desempenho de suas atribuições profissionais, são esmeradas e fiéis exatamente para conseguirem inteira confiança. Credoras de confiança, aproximam-se das pessoas da família, entram em todas as dependências da casa. Simpáticas e prestativas, servem durante as refeições às mesas. E vão, ouvidos ligados e apurados, olhando e captando todos os assuntos... E depois... Missão cumprida!!!

No pequeno chifre, diferente dos outros e sobre estes robustecendo-se, além dos olhos, destacava-se **“uma boca que falava com insolência”** (Daniel 7.8, 20). Chamou, outrossim, a atenção de Daniel a **“voz das insolentes palavras que o chifre proferia”** (Daniel 7.11), **“palavras contra o Altíssimo”** (Daniel 7.25). Abram-se as encíclicas pontifícias, leiam-se as definições dogmáticas, ouçam-se os pronunciamentos papais. Palavras altissonantes! Frases bombásticas! Adulteradoras do Evangelho!!!

Agigantara-se o chavelho. Olhos longos dos confessores, da diplomacia, das empregadas domésticas. Suplantara os demais chifres. Boca arrogante a despejar, encobertas em frases grandiloquentes, palavras contra o Altíssimo.

Prepotente, move **“guerra contra os santos”** (Daniel 7.21, 25). É da própria estrutura do “papado” a execranda Inquisição, por escárnio aos santos, cognominada de “santa”, a “Santa Inquisição”!

.oOo.

A BESTA RELIGIOSA

As profecias concernentes ao nosso estudo se inter-relacionam e, entre si, se completam.

Deparamo-nos no livro de Daniel com as profecias extraídas do sonho de Nabucodonosor quando viu a estátua em cujas quatro partes o servo de Deus desvendou quatro reinos, sendo o último deles o do imperialismo latino.

Na visão dos quatro animais, o profeta viu as figuras daqueles mesmos reinos com o realce de novas revelações quanto ao quarto reino, o Império Romano, por meio dos dez chifres e também quanto ao “papado” por meio do chifre especial que se destacou dos mais após terem sido arrancados três dos dez anteriores.

O livro de Apocalipse, outrossim, completa todos os elementos da revelação acerca deste chifre especial, figurado na Besta, também chamada o Anticristo. Leiamos o texto de Apocalipse 13.11-18 a fim de podermos analisá-lo:

“Vi ainda outra besta emergir da terra; possuía dois chifres, parecendo cordeiro, mas falava como dragão. Exerce toda a autoridade da primeira besta na sua presença. Faz com que a terra e os seus habitantes adorem a primeira besta, cuja ferida mortal fora curada. Também opera grandes sinais, de maneira que até fogo do céu faz descer à terra, diante dos homens. Seduz os que habitam sobre a terra por causa dos sinais que lhe foi dado executar diante da besta, dizendo aos que habitam sobre a terra que façam uma imagem à besta, àquela que, ferida à espada, sobreviveu; e lhe foi dado comunicar fôlego à imagem da besta, para que não só a imagem falasse, como ainda fizesse morrer quantos não adorassem a imagem da besta. A todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos, faz que lhes seja dada certa marca sobre a mão direita ou sobre a fronte, para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tem a marca, o nome da besta ou o número do seu nome. Aqui está a sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem. Ora, esse número é seiscentos e sessenta e seis”.

1)- “Vi ainda outra besta emergir da terra” (Apocalipse 13.11).

De posse das principais chaves fornecidas pelas Sagradas Escrituras temos condições de, examinando o texto, compreender-lhe as incidências históricas exatas e o elevado e permanente alcance doutrinário.

Enquanto o **“mar”**, de onde surgira a primeira besta, denota povos agitados, a **“terra”** designa a situação de estabilidade legal e de ordem inalterável, no caso, imposta por Roma. Em Apocalipse 17.1 a besta é figurada na **“grande meretriz que se acha sentada sobre muitas águas”**, que **“são povos, multidões, nações e línguas”** (Apocalipse 17.15).

Ela procede da primeira besta, ou seja, do Império Romano, a terra ou parte do mundo onde há governo organizado.

E, de fato, Daniel a viu na figuralidade de um pequeno chifre surgido dentre os dez do quarto animal (Apocalipse 7.8).

Conforme vimos no capítulo anterior, o “papado” se firmou quando três reinos bárbaros (hérulos, ostrogodos e lombardos) foram abatidos.

Sua formação foi lenta e segura. Sincretista, absorveu as práticas celtas do paganismo bárbaro. Maneiroso, infiltrou-se nos meandros da política imperial.

Constantino Magno, o Imperador máximo e único de todo o imperialismo, de sua parte, ofereceu enorme e valiosa cota à expansão daquele ainda pequeno chifre das visões de Daniel. Destacam-se dois atos desse considerável subsídio: o Edito de Milão (ano 313), pelo qual outorgou liberdade religiosa aos “cristãos” e a transferência, saindo de Roma, no ano 330, da capital do Império para Constantinopla, no Oriente, às margens do Bósforo, fato esse que deixou sem peias o bispo da antiga metrópole, propiciando-lhe ainda maior abertura e mais amplo campo para se desenvolver. Roma, evacuada da corte imperial, oferecia condições mesológicas propícias à incubação da autoridade pontifícia!

Constantino, conquanto preservasse os procôncules, concedeu aos bispos o direito de plena jurisdição sobre os membros do seu clero, num passo decisivo para a criação da hierarquia católica.

Teodósio favoreceu também a rápida ascensão do “papado” ao torná-lo religião oficial do Império e, em 382, com o novo Edito de Milão, ao proibir os atos exteriores do culto pagão, o seu sacerdócio e as suas vestais. Confiscou-lhe ainda os bens temporais, entregando-os ao pontificado nascente. Outros reforços de inestimável valor foram os de Justiniano, Pepino o Breve e Carlos Magno na formação dos Estados Pontifícios, de acordo com a explanação do capítulo anterior.

2)- “Possuía dois chifres, parecendo cordeiro, mas falava como dragão” (Apocalipse 13.11).

Se a besta híbrida tinha dez chifres, a segunda só tem dois, numa imitação do Cordeiro.

Estes chavelhos, semelhantes aos do Cordeiro e não aos de qualquer outro animal, mostram a aparência exterior da fera sob a pele de cordeiro.

É a besta que se apresenta com um caráter pacífico. Como chefe de aspecto religioso, finge-se cordeiro para combater o Cordeiro.

Apocalipse é o livro das culminâncias e das consumações. E dos contrastes. À **“mulher vestida do sol com a luz debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça”** (Apocalipse 12.1) contrasta a **“mulher montada numa besta escarlata, besta repleta de nomes,... vestida de**

púrpura e de escarlata, adornada de ouro, de pedras preciosas e de pérolas” (Apocalipse 17.3-4). À **“noiva adornada para o seu noivo”** (Apocalipse 21.2), **“a noiva, a esposa do Cordeiro”** (Apocalipse 21.9) ele opõe **“a grande meretriz”, “a mãe das prostituições”** (Apocalipse 17.1, 5). À **“santa cidade, Jerusalém”** (Apocalipse 21.10) levanta em contraste **“Babilônia, a grande”** (Apocalipse 17.5). À glória da **“nova Jerusalém”** exaltada às magnificências celestiais (Apocalipse 21.9) contrasta a grande Babilônia, cuja queda entristeceu os **“mercadores da terra que se enriqueceram à custa da sua luxúria”** (Apocalipse 18.1-19). Ao Cordeiro morto e cujo sangue adquiriu **“para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação”** (Apocalipse 5.9) opõe o cordeiro de dois chifres que **“falava como dragão”** (Apocalipse 13.11).

A incumbência mais pertinaz do diabo é a de reproduzir falsificando a Obra de nosso Senhor Jesus Cristo. É da segunda besta, numa pertinaz paródia, qual Janes e Jambres, a tarefa de resistir à Verdade (2ª Timóteo 3.8).

O simbolismo do Cordeiro não oferece dúvidas. Logo adiante (Apocalipse 19.20), o Apocalipse explicitamente oferece a sua chave, ao mencionar o falso profeta, cujo poder e cuja maneira de atuar evocam os do Cordeiro.

É esta besta pior do que a primeira por ter a aparência de cordeiro e fazer-se passar pelo Messias.

Eis a obstinada obra do “papa”, a paródia do Cordeiro. Do Cordeiro branco, arremedado também nas vestes brancas do “sumo pontífice”, sempre habilidoso em manipular os sentimentos religiosos das massas.

Ao longo das Sagradas Escrituras, o chifre emblema o poder. Os dois chifres, pois, são o poder religioso-político ou os dois poderes semelhantes ao de Cristo, o Cordeiro: o espiritual e o temporal. Ao ascender aos céus, despedindo-Se dos discípulos, assegurou o Senhor: **“É-Me dado todo o poder no céu e na terra”** (Mateus 28.18). Também na terra, o qual não se confunde com os poderes deste mundo cujo príncipe é o diabo, mas que se consumará no Milênio e ainda mais posteriormente pelos séculos sem fim.

Esta segunda besta, a besta religiosa, por esse motivo, dentre outros muitos, é o Anticristo, o Falso Profeta, cujo reino em aparência é o de Jesus Cristo, mas suas palavras são do dragão, palavras de astúcia e de mentira, como a serpente do Éden. É o falso cristo com todo o aspecto externo do verdadeiro Cristo. Ao falar, revela a sua personalidade, como se conhecem os cordeiros-lobos por seu agir (Mateus 7.15).

Como imitação caricata do duplo poder de Jesus Cristo, o “papa”, qual cordeiro de dois chavelhos, detém o poder religioso sobre milhões e

milhões de consciências e o poder político na qualidade de Chefe de Estado do Vaticano e fala como dragão **“por causa da voz de insolentes palavras... contra o Altíssimo”** (Daniel 7.11, 25), no intento de falsificar a Verdade do Evangelho.

3)- “Exerce toda a autoridade da primeira besta na sua presença” (Apocalipse 13.12).

É a usurpação do poder público pelo poder espiritual, que se constitui em índole própria do Anticristo ou segunda besta.

Esta usurpação foi, aliás, objeto de uma das três grandes tentações de Satanás contra Jesus Cristo, quando, após o Seu prolongado jejum, levando-O a um alto monte, Lhe ofereceu todos os reinos deste mundo com a glória deles. Recusou-lhe a proposta blasfema Jesus Cristo, preferindo **“dar a César o que é de César”**.

A oferta do diabo, por Cristo rejeitada, aceitou-a o “papa” das mãos de Carlos Magno, tornando-se, desde então, na maior organização política do mundo inteiro, diante da qual, nestes últimos tempos, até os Estados Unidos da América do Norte, outrora sempre independentes, se curvam e rastejam. É uma máquina política internacional que interfere no plano mundial da política e também, na condição de religião oficial, officiosa ou não, se imiscui na política interna de cada nação na própria presença dos governantes civis.

Em nosso País é só abrir as páginas dos jornais e temos aí as notícias abundantes da indevida ingerência do clero no manipular de nossa política, via de regra, sob os olhares complacentes ou conformados (que remédio!!!) dos governantes.

4)- “Faz com que a terra e os seus habitantes adorem a primeira besta, cuja ferida mortal foi curada” (Apocalipse 13.12).

Em 406, quando os suevos, vândalos e borgúndios ultrapassaram a fronteira do Reno e entraram na Gália Cisalpina, começaram as invasões bárbaras sobre o Império.

Se à semelhança de um golpe de espada (Apocalipse 13.14), símbolo da guerra, se abateram sobre a potência imperial, essas invasões desde logo e contribuíram enormemente para robustecer o poder do “papa” e dos “bispos” juntando à sua missão de líderes religiosos a incumbência política.

É do registro da História!

Sucedem-se as invasões dos povos bárbaros. Em 410, os visigodos de Alarico saqueiam os Balcãs e a Grécia e invadem Roma. Os vândalos se

firmam na Espanha e, em 455, também assolam a capital ocidental do Império. Os visigodos se fixam no Sudoeste da Gália e, em 476, os hérulos depõem Rômulo.

O aluvião bárbaro só se detinha diante do “papado”. Depositário de toda a majestade de um poder moral para os ignorantes bárbaros aterrorizados pela pompa do pontífice como chefe, centro e personificação do Catolicismo.

Diante dele humilhou-se e retrocedeu Átila. Alarico e Genserico se prostraram. Diante dele se deteve o hérulo Odoacro, o valente que exigiu, em 476, a abdicação do derradeiro Imperador ocidental, Rômulo Augusto.

Os tentáculos imperiais não suportaram as pressões bárbaras e o sonho universalista de Otávio Augusto e de Constantino se desfaleceu. Morta a Roma Imperial, ia ser substituída pela Roma dos “papas”.

Favorecido com a ausência do Imperador residente em Constantinopla, a tudo o “papa” podia recorrer. Em decorrência, sua popularidade, mesclada de temor e respeito, sobretudo se acentuou. Posto na cumeada do prestígio, além de vencer e liquidar os três povos bárbaros (os hérulos, os ostrogodos e os lombardos), feito que lhe propiciou a instalação dos Territórios Pontifícios, o “papa”, a segunda besta, passou a curar a ferida mortal aberta pela espada dos bárbaros invasores.

Dado como fato consumado o haver sido ferido o velho Império, volve-se o “papa” para os bárbaros. E, dentre os seus vários povos, movido pelas circunstâncias, aproxima-se dos francos, oriundos da Germânia e que haviam conquistado a parte das Gálias entre o Reno e o Sena, e depois até o Loire. É a primeira nação bárbara a se tornar católica com o batismo, em 496, de Clóvis, seu chefe, e 3.000 soldados. Por isso, a França é chamada de “a filha primogênita da igreja”. E neste episódio se encontra o primeiro lance para a cura da besta com a criação do Novo Sacro Império Romano.

O seu afã moveu-o a restabelecer a fera que Gregório Magno (590-604) restaurou Roma das ruínas.

Seguiram-se outras etapas quanto à disposição do “papa” no sentido de restabelecer o Império latino até culminar os seus desígnios com a coroação de Carlos Magno Imperador do Novo Sacro Império Romano no natal de 800. Ressurgira o **Imperium Mundi** nesta espécie de teocracia cujo monarca sempre se deixaria sagrar pelo “papa”.

Esta nova potência restaurou a besta ferida! E este evento de revivificação da besta ferida coincide com o completo desenvolvimento da besta religiosa.

O poderoso império cristão compreendia todas as tribos germânicas e a maior parte dos antigos domínios romanos do Continente Ocidental.

Pelo “papa” Leão III (795-816), coroado Imperador da sacra potência, o próprio “papa” Leão III, segundo o costume bizantino, prestou a Carlos Magno homenagens de adoração. Fez, outrossim, com que se adorasse a primeira besta restabelecida ao instigar ao povo, sempre de inclinação supersticiosa, a aclamar o novo coroado: “*Carolo, piüssimo Augusto a Deo coronato, magno et pacifico imperatori, vita et victoria*” (Ao piedosíssimo Augusto, coroado por Deus, Carlos, grande e pacífico Imperador, desejamos vida e vitória), conforme o registro de Enhard (*Vita Caroli Magni*, ed. Pertz. Waitz, Hannover, 1911).

Augusto é um dos nomes blasfemos adotados pelos antigos monarcas do Império anterior. Coroado por Deus, ou seja, pelo próprio “papa”, o deus do Catolicismo. Aliás, o vocábulo “papa” quer dizer exatamente deus.

Na coroação de Carlos Magno efetivou-se a aliança entre os dois poderes. Se o “papa”, a segunda besta, se dispusera a endeusar o Imperador, a primeira besta, esta, em contrapartida, se incumbiu da *advocatia ecclesiae* (a advocacia da igreja) em virtude da qual protegeria a “igreja” e o “papa” contra os inimigos externos e internos, e da qual decorreria o direito de confirmar a eleição pontifícia, isto é, o pontífice canonicamente eleito só podia ser entronizado depois de haver, em adoração à primeira besta, prestado ao Imperador o juramento de fidelidade a ele. Doutra parte, lembre-se, só podia ser Imperador legítimo o coroado e ungido pelo “papa”.

Consciente e convencido de sua soberana investidura como detentor do *imperium mundi* e responsável pela *advocatia ecclesiae*, Carlos Magno, favorecendo enormemente a superação do poder espiritual sobre o poder político, intitulava-se a si mesmo: “*devotus sanctae ecclesiae defensor atque adjutor integral omnibus*” (defensor devoto da santa igreja e seu auxiliar em tudo). Anelava ele encarnar no Novo Sacro Império o ideal teocrático de Agostinho de Hipona, de cuja obra *Civitas Dei* (A Cidade de Deus) fazia sua leitura predileta e assídua (Einh., *Vita Caroli Magni*, c. 24).

E este Império católico latino, conquanto de relativa permanência como organização, tornou-se, como organismo, concepção jurídica transcendental a orientar toda a Idade Média.

5)- “Também opera grandes sinais, de maneira que até fogo do céu faz descer à terra, diante dos homens. Seduz os que habitam sobre a terra por causa dos sinais que lhe foi dado executar diante da besta” (Apocalipse 13.13-14).

A vaga mais portentosa dos prodígios católicos coincidiu exatamente na vigência do Sacro Império Romano. E foi precisamente nessa fase que

os milagres favoreceram na credence popular a criação dos dogmas romanistas, a começar da doutrina sobre a eucaristia e o culto das imagens.

O próprio Carlos Magno acabou fazendo prodígios e a cobiça do seu endeusamento moveu a “santa sé” a canonizá-lo “santo”.

Satanás sempre procurou remedar os milagres de Deus. Pela instrumentalidade dos magos do Egito, por exemplo, procurou imitar os portentos de Moisés (Êxodo 7.11-12, 22).

Reconhecendo esta capacidade do maligno, Jesus Cristo já anunciara o surgimento dos falsos profetas e dos pseudotaumaturgos, cujos portentos poderiam enganar até os escolhidos (Mateus 24.11, 24; Marcos 13.22).

A besta religiosa, que é o falso profeta, que é o próprio Anticristo, sempre foi fadada a operar grandes prodígios. **“O aparecimento do iníquo é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais, e prodígios de mentira, e com todo engano de injustiça aos que perecem, porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos”** (2ª Tessalonicenses 2.9-10).

Lembrou, outrossim, o Mestre a ineficácia desses prodígios perante o próprio Juiz eterno (Mateus 7.22-23).

Com efeito, em defluência desses portentos e por pretender imitar Jesus Cristo na qualidade de Profeta, a besta recebe o nome de falso profeta ao ser incluída em Apocalipse 16.13, como participe da trindade do mal, junto com o dragão e a primeira besta (Apocalipse 19.20; 20.10).

Com semelhantes milagres, o Anticristo, ou segunda besta, induz as massas populares admiradas a aceitarem as suas falsas doutrinas religiosas.

É da experiência diária de quem evangeliza! Quantas pessoas insistem em permanecer na mentira porque receberam um grande milagre do “santo” tal ou da “nossa senhora” qual.

O “papa” dispõe de grande potência diabólica de sedução das coletividades humanas. Engana os habitantes da terra... Dizem-no as suas recentes viagens ao México, à Polônia e aos Estados Unidos.

Enganar ou seduzir é o termo encontrado sete vezes em Apocalipse e sempre para assinalar a ação própria de Satanás ou dos seus sequazes (Apocalipse 2.20; 12.9; 13.14; 19.20; 20.3, 8, 10), como esta besta romanista dotada de especial habilidade nessa operação de milagres.

6)- “Seduz os que habitam sobre a terra por causa dos sinais que lhe foi dado executar diante da besta, dizendo aos que habitam sobre

a terra que façam uma imagem à besta, àquela que, ferida à espada, sobreviveu; e lhe foi dado comunicar fôlego à imagem da besta, para que... a imagem falasse” (Apocalipse 13.14-15).

O Catolicismo, a religião do “papa” (o “papa” a encarnação-tipo da segunda besta), não concebe culto sem imagem.

Aqueles que ela própria enganava com os seus falsos prodígios induzia a fazer uma imagem da primeira besta, da besta híbrida, ou seja, do Império Romano.

O Catolicismo romano procede de três fatores: o pensamento grego, o farisaísmo e a organização jurídico-política do Império latino.

A sua estrutura doutrinal, apesar da terminologia bíblica destinada a seduzir, a sua estrutura doutrinal se embasa no pensamento grego, seu sistematizador e justificador dos pressupostos metafísicos dos seus dogmas. Aliás, a escolástica católica, alicerce da sua teologia, é a própria filosofia aristotélica caiada com a nomenclatura tomista.

O seu conceito de tradição como fonte da Revelação Divina e a arrogante tese da salvação pelas obras da Lei, imprescindíveis em conjunto com a fê, procedem do farisaísmo judaico.

E a organização jurídico-política do Império Romano com o seu Imperador, o supremo hierarca, com os seus governadores, com os seus reis vassallos, com os seus procôncules, entrou como o sistematizador do seu organismo sócio-eclésiástico.

À semelhança do antigo Império Romano, o Catolicismo tem em Roma a sua capital e no “papa”, o seu supremo monarca, enquanto que, nas províncias eclesiásticas ou dioceses (termo oriundo da velha Roma), os seus bispos, à imitação dos procôncules.

O mesmo culto idólatra tributado ao antigo soberano centraliza-se na pessoa do romano pontífice, cópia em xerox daquele monarca.

Idêntica e insaciável é a fome de domínio universal. E a lhe fazer jus à avidez de prepotência, o nome: “IGREJA” CATÓLICA, ou seja, UNIVERSAL. ROMANA por ser Roma a sua sede, como ao tempo do político Império.

As muitas situações e os muitos episódios da História do fim do reino latino e da sua revivescência no Sacro Império Romano moveram as massas ignaras a aceitarem a hierarquia clerical católica como a verdadeira imagem do antigo Império em sua organização político-social. Essa hierarquia que tem no seu pontífice a permanência da figura do soberano imperial.

Essa imagem até hoje perdura! E semelhante ao original como perfeita cópia fac-símile, ou em papel carbono, ou fiel xerox.

7)- “Ainda fez morrer quantos não adorassem a imagem da besta”
(Apocalipse 13.15).

Revivescência do antigo Imperador romano, o “papa”, a besta apocalíptica, herdou-lhe também o instinto de crueldade. A sua “Santa Inquisição”, procedente do conceito jurídico da *advocatia ecclesiae*, que enche a Idade Média e grande parte da Idade Moderna de gritos lancinantes e de sangue, não fica nada a dever à truculência dos grandes perseguidores da besta híbrida.

Por graça especial de Deus e por elevadíssimo privilégio por Ele a mim concedido, juntei meus ais de dor àqueles gritos e misturei muitas gotas do meu sangue àquele sangue, quando, impulsionado pela minha consciência regenerada pelo Evangelho, rebelei-me contra a hierarquia.

O profeta Daniel pôde antever a Inquisição na alegoria daquele pequeno chavelho que se tornou mais robusto do que os seus companheiros, depois de haver destruído três deles: **“Este chifre fazia guerra contra os santos e prevalecia contra eles,... magoará os santos do Altíssimo,... e os santos lhe serão entregues nas mãos, por um tempo, dois tempos e metade dum tempo”** (Daniel 7.21, 25).

8)- “A todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos, faz que lhes seja dada certa marca sobre a mão direita ou sobre a fronte, para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tem a marca, o nome da besta ou o número do seu nome” (Apocalipse 13.16-17).

O Senhor Deus selou o Seu pacto com Noé dando-lhe um sinal. Com Abraão o sinal foi a circuncisão. Na Dispensação Mosaica da Lei o sinal foi o Sábado semanal.

E na Dispensação da Igreja outorgou o Senhor Deus como selo da Sua fidelidade ao crente evangélico, o salvo, o sinal do Espírito Santo (2ª Coríntios 1.22; Efésios 1.13; 4.30).

Em meu livro **“O CRENTE PODE PERDER A SALVAÇÃO?”** dedico um capítulo inteiro ao estudo deste sinal, garantia inamovível da perseverança final do salvo.

E o sinal dos seguidores da besta religiosa é o sinal da cruz, assunto esse desenvolvido por extenso em um outro livro meu: **“O SINAL DA BESTA”**.

A religião do “papa” é a religião do sinal da cruz. Os seus fiéis são assinalados com ele já no “batismo”, quando o sacerdote traça sobre o infante por várias vezes o sinal da cruz, e são despedidos deste mundo ao receberem o “sacramento” da unção dos enfermos com o mesmo sinal

traçado sobre a fronte e as mãos. E a cruz permanece ao lado do seu corpo a encimar a sua tumba.

Na administração de todos os “sacramentos”, na celebração da missa, na bênção de pessoas e objetos,... sempre o sinal da cruz. No frontispício dos seus templos, na ponta de seus campanários, sempre a cruz. A cruz a anteceder a assinatura dos bispos, os partícipes ativos da imagem da besta... A cruz do paganismo babilônico ou culto ao deus Tamuz.

9)- “Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é homem. Ora, esse número é seiscentos e sessenta e seis” (Apocalipse 13.18).

Este famoso número é objeto de outra obra de minha autoria: **“666”**.

De sua argumentação apresento apenas dois tópicos, solicitando aos irmãos que se reportem à leitura desse meu livro.

Irineu, bem próximo dos tempos apostólicos, atribuiu ao nome grego LATEINS esse número por ser o reino latino o último a dominar (*Adv. Haer.*, V, 30, 3).

E, de fato, nesse vocábulo grego, em que foi escrito, em seu original, o Apocalipse, tomadas as suas letras pelos respectivos valores numéricos, temos 666:

L	vale	30
A	vale	1
T	vale	300
E	vale	5
I	vale	10
N	vale	50
O	vale	70
S	vale	200

666

O Anticristo, a segunda besta, é latino. Verificamo-lo em sua origem. Latino, aliás, é sinônimo de romano.

Naquele chifre do animal das visões de Daniel, que surgiu entre os dez outros, e se prevaleceu daqueles três reinos. Este episódio se deu na Itália, território do antigo Lácio, o país latino.

O “papa” se arroga a incumbência de VIGÁRIO DO FILHO DE DEUS. Ora, em sendo o latim a língua do Império Romano e ainda em uso no Catolicismo, essa locução em idioma latino, de igual forma, encerra o número 666.

Senão vejamos:

VIGÁRIO DO FILHO DE DEUS em latim é *VICARIUS FILII DEI*.

Como no grego e no aramaico, o latim não tem algarismos. Seus números são significados por letras. São os nossos conhecidos algarismos romanos ou latinos.

V	vale	5
I	vale	1
C	vale	100
A		
R		
I	vale	1
U	vale	5
S		
F		
I	vale	1
L	vale	50
I	vale	1
I	vale	1
D	vale	500
E		
I	vale	1

666

E, com efeito, o número 666 marca fatidicamente o Catolicismo romano.

Tenho as coleções das atas deste último Concílio, o Concílio Ecumênico Vaticano II. Fui, por pesquisa, contar o número de discursos e intervenções havidos em sua quarta sessão. Não deu outro resultado: SEISCENTOS E SESSENTA E SEIS!!!

Exatamente, o número SEISCENTOS E SESSENTA E SEIS na QUARTA SESSÃO.

A Sessão que promulgou a Constituição DOGMÁTICA *LUMEN GENTIUM*, que enaltece a hierarquia clerical (a imagem da besta) e confirma a idolatria do culto às imagens e a Maria.

.oOo.

O ANTICRISTO

À luz das Sagradas Escrituras o analisaremos em suas atividades, em seu tempo, em seu fim e em sua identidade.

I

A SUA NATUREZA

1)- O vocábulo ANTICRISTO é empregado apenas por João em suas Epístolas (1ª João 2.18, 22; 4.3; 2ª João 7).

O significado do termo define a natureza desse personagem. Vamos examiná-lo e a conclusão será patente.

a)- A preposição grega *ANTI*, por transladação, significa OPOSTO. Indica, por conseguinte, a ideia de oposição, de antagonismo. Iguala-se a CONTRA.

Nem nesse sentido, como querem alguns, poder-se-á aceitar seja o Império Romano o Anticristo. Com efeito, impunha-se o Imperador como deus e, nessa qualidade, exigia culto à sua pessoa.

Contudo, os monarcas romanos assim se comportavam por ignorarem o Verdadeiro Deus.

A ordem pública estabelecida no Império latino se enraizava no culto à pessoa do Imperador, o Augusto. Deixar de cultuá-lo era subverter a Lei.

Os cristãos, em decorrência de sua fé evangélica, conquanto aceitassem submeter-se à autoridade civil (Romanos 13.1-7), jamais poderiam, mesmo em nome da ordem pública, adotar o culto ao soberano imperial. Em resultado, foram indiciados como subversivos do *status* político e, por isso, perseguidos.

Com os sequazes de outras religiões nada acontecia porque eles aceitavam o culto ao Imperador.

Se os cristãos, ecumenistizando-se, concordassem em entronizar imagens de Deus e de Cristo no Panteon, em anuência ao culto da pessoa do monarca, tudo lhes correria normalmente.

O motivo das perseguições aos cristãos no reino latino não foi de cunho religioso. Primordialmente, por parte do Estado, procedeu de razões políticas por ter os cristãos em conta de subversores sociais.

É assaz importante o entendimento desse aspecto a fim de não se confundir o Anticristo com a primeira besta de Apocalipse 13, que é a alegoria do Império Romano na pessoa do seu soberano.

O Anticristo firma-se frontalmente CONTRA a Pessoa de Cristo. Ostensivamente se coloca EM OPOSIÇÃO a Cristo.

Consciente da existência do Verdadeiro Deus contra Ele e contra o Seu Cristo, por motivos religiosos se rebela.

Se Paulo Apóstolo não usou este vocábulo, contudo elucida, quanto ao seu sentido, o termo ANTICRISTO na frase: **“O qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus ou é objeto de culto”** (2ª Tessalonicenses 2.4). De semelhante maneira, o profeta Daniel: **“CONTRA o Deus dos deuses falará cousas incríveis”** (Daniel 11.36).

b)- O significado CONTRA ou EM OPOSIÇÃO A da palavra ANTI, todavia, não é o mais importante, o fundamental.

Primeiramente, a preposição grega ANTI exprime a ideia de substituição a quer dizer EM LUGAR DE.

Em nosso idioma português, a preposição CONTRA pode expressar esta noção de troca ou de substituição. Por exemplo: Antonio recebeu um automóvel contra um lote de terreno.

Por conseguinte, ANTICRISTO, primeiramente significa AQUELE QUE OCUPA O LUGAR DE CRISTO. Aquele que chega **“a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus”** (2ª Tessalonicenses 2.4). Na arrogância de se atribuir absoluta e exclusiva divindade, **“se levantará e se engrandecerá sobre todo deus”** (Daniel 11.36).

Clara e ostensivamente não nega a Pessoa de Jesus Cristo. Ao revés, caricaturiza-a. Imita e falsifica o Verdadeiro Jesus. E na exploração dos sentimentos religiosos das massas apresenta-se como o Seu vigário ou aquele que Lhe ocupa o lugar na terra.

E na sua imensurável insolência, encapuçada de humildade, considerando o seu **“coração como se fora o coração de Deus”** (Ezequiel 28.6), pretende, como o diabo: **“Eu sou Deus, sobre a cadeira de Deus me assento”** (Ezequiel 28.2).

O santuário ou o templo de Deus mencionado por Paulo é a Igreja como instituição, porquanto é impossível tratar-se aqui do santuário celeste ou do Templo em Jerusalém.

E, de fato, a Igreja é assemelhada por Paulo ao edifício (1ª Coríntios 3.9), do qual a pedra de esquina, o fundamento principal, primário, é Jesus Cristo, aquela mesma PEDRA da visão figural de Nabucodonosor. Desse edifício ou templo – **“casa espiritual”** (1ª Pedro 2.5) – do qual os

crentes são pedras vivas, **“edificados para habitação de Deus no Espírito”** (Efésios 2.22).

Sentar-se no templo de Deus é um modo de falar revelando sua disposição de arrogar a si o direito de Deus. Atribuir a si mesmo a própria glória de Deus. Proclamar-se como Deus e exhibir-se nestas condições.

Presumindo-se deus, o Anticristo quer ocupar na Igreja o lugar de Deus. E anela, como Deus, exaltar-se. É o falso cristo aludido por Jesus (Mateus 24.24).

2)- Se Paulo Apóstolo não empregou o vocábulo ANTICRISTO, descreveu-lhe, contudo, a natureza quando, além de reconhecê-lo opositor de Deus (2ª Tessalonicenses 2.4), denomina-o **“homem da iniquidade”** e **“iníquo”** (2ª Tessalonicenses 2.3, 8, 9).

a)- **“Homem da iniquidade”** ou **“homem do pecado”** ou da impiedade.

O Anticristo é um HOMEM e não uma instituição, embora seja ele o chefe de um sistema. Esta informação de Paulo se coaduna com a de João em Apocalipse 13.18.

O pecado consiste essencialmente na tentativa de a pessoa se fazer igual a Deus, como ocorreu com Lúcifer.

Lá no Éden, Satanás investiu contra os nossos primeiros pais, prometendo-lhes serem, de olhos abertos, como Deus, conhecedores do bem e do mal (Gênesis 3.5).

O Anticristo, o máximo de rebelião a Deus, anseia, como **“homem da iniquidade”** ou **“homem do pecado”**, se assentar como Deus, no Templo de Deus, querendo parecer Deus (2ª Tessalonicenses 2.4).

O pecado, em última análise, é a conduta de acordo com a própria vontade, sem levar em conta a Autoridade Divina.

Como Anticristo, esse **“HOMEM do pecado”** insurge-se contra Deus e quer se pôr, conscientemente, em Seu lugar, procedendo de maneira contrária à de Jesus Cristo que, em João 4.34, assegurou: **“A Minha comida consiste em fazer a vontade dAquele que Me enviou”**.

Se nosso Senhor Jesus Cristo sempre faz aquilo que agrada a Deus (João 8.29), o Anticristo se conduz de modo diametralmente oposto quando quer fazer tudo **“segundo a sua vontade”** (Daniel 11.36).

“Homem do pecado”, em seu procedimento iníquo, declara guerra de revolta contra Deus. O Anticristo é a besta religiosa de Apocalipse 13.11-18 por falar como dragão ou Satanás. É aquele pequeno chifre simbólico de Daniel 7.8, cuja boca falava grandes coisas e proferia palavras contra o Altíssimo (Daniel 7.25). Fará **“segundo a sua vontade”**

porque quer fazer somente o que lhe apraz. **“Se engrandecerá sobre todo deus; contra o Deus dos deuses fará cousas incríveis”** (Daniel 11.36).

b)- Ele é o **“iníquo”**, ou o **“ímpio”**, ou **“o homem da impiedade”**, pois o Anticristo não é Satanás em pessoa. É um instrumento dele.

Outrossim, não é um personagem estritamente político, como o rei de Tiro (Ezequiel 28), como Gogue, príncipe de Magogue (Ezequiel 38), como Antíoco Epifanes (Daniel 9.27) ou como o Imperador romano (Apocalipse 13.1-10). O Anticristo, em tendo missão eminentemente religiosa, não combate contra uma potência terrena. Contrafigura de Cristo, pelega contra Deus na pretensão de destroná-LO a fim de Lhe ocupar o lugar.

É o **“iníquo”** ou o **“ímpio”** um pecador excepcional por se revelar maliciosamente contra a vontade de Deus. Ele quer ser a lei!

3)- Infalível em suas decisões, como anseia, assemelha-se a um cordeiro em seus dois chifres (Apocalipse 13.11).

Ao longo das Escrituras Sagradas, desde Gênesis 22.7, o cordeiro se constitui em metáfora apropriada de Jesus Cristo. Contemplou-O Isaías a carregar os nossos pecados. João, o Batista, apontou-O a tirar o pecado do mundo. Pedro encontrou-O imaculado e incontaminado a resgatar-nos com o Seu sangue. Deparamo-nos com Ele no livro do Apocalipse.

A missão do Anticristo é a de parodiar Jesus Cristo. Por isso, coloca-se em Seu lugar. E se apresenta também como cordeiro.

Como cordeiro, quer ser manso, pacífico e submisso para enganar e seduzir. Ludibria com as suas grandes palavras (Daniel 7.11) e com seus portentosos sinais (2ª Tessalonicenses 2.9).

Em resumo: A natureza do Anticristo consiste em sua oposição a Deus e a Cristo quando quer se colocar no lugar de Cristo. Com esta pretensão satânica é ele o **“HOMEM do pecado”**, o **“iníquo”**, na sua rebelião contra Deus.

João alude a muitos anticristos, todos inventores de heresias cristológicas. O Anticristo, porém, é **“o que nega o Pai e o Filho”** (1ª João 2.22), o que **“não confessa a Jesus”** (1ª João 4.3), o que reúne em si e em sua doutrina, de modo sorrateiro e disfarçado, todas as heresias. O Anticristo é a assimilação e a sintetização de todos os anticristos.

II

SUAS ATIVIDADES

A atuação da primeira besta de Apocalipse 13 é política. A da segunda, figurada no cordeiro, é religiosa.

E, pelo fato de exercer o Anticristo notável influência religiosa, corresponde à segunda besta de Apocalipse 13.

Suas incursões no terreno da política objetivam facilitar-lhe o predomínio religioso sobre as massas fanatizadas por suas superstições. Como um ser pessoal, quer ele burlescamente imitar Cristo. Negar-Lhe a Pessoa.

a)- Investido do múnus satânico de engendrar e difundir o erro doutrinário, **“nega que Jesus é o Cristo”, “nega o Pai e o Filho”** (1ª João 2.22). Ele **“não confessa a Jesus”** (1ª João 34.3). E nem confessa que Ele veio em carne (2ª João 7).

Motivado por Satanás, seu criador, o seu ministério de inimigo jurado de Deus é o **“ministério da iniquidade”** (2ª Tessalonicenses 2.7), em cujo frontispício se grava o nome: **“A grande Babilônia, a mãe das prostituições e abominações da terra”** (Apocalipse 17.5).

b)- A sua nefanda atuação **“é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais, e prodígios de mentira”** (2ª Tessalonicenses 2.9; Apocalipse 13.13-14) E lembra a descrição feita por Jesus Cristo em Mateus 7.15, 22; 24.11, 24.

Age no poder do diabo, seu próprio criador.

Seus sinais e seus prodígios, à imitação dos portentos dos feiticeiros egípcios, são falsos. São **“prodígios de mentira”!**

Pelo fato de sair de sua boca o espírito imundo que opera maravilhas, é chamado de falso profeta (Apocalipse 16.13; 19.20).

O Anticristo é a segunda besta e não a primeira. Esta não faz sinal algum enquanto que a segunda faz muitos deles. Eis outra diferença assaz importante como característica própria do Anticristo figurado pela segunda besta de Apocalipse 13.11-18.

c)- Incumbido de criar e incrementar a apostasia (2ª Tessalonicenses 2.3), os seus falsos sinais o ajudam a propagar a operação do erro a fim de que **“os que perecem não acolheram o amor da verdade para serem salvos”** (2ª Tessalonicenses 2.10). Estes aceitam a operação do erro e creem na mentira desde que recusam o Evangelho, que **“é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê”** (Romanos 1.16).

d)- O Anticristo também desencadeia a perseguição contra os que lhe escapam à influência e contra os que se recusam a acatar sua hierarquia, chamada no Apocalipse de a **“imagem da besta”** (Apocalipse 13.15).

Não é sem razão que o escritor sacro assemelha o Anticristo a uma fera, por estar a fera sempre sedenta de sangue.

O Anticristo, em sua atividade, corresponde àquele pequeno chifre tornado **“mais robusto do que os seus companheiros”** da visão de Daniel e que **“fazia guerra contra os santos e prevalecia contra eles”** (Daniel 7.20-21).

III

SEU TEMPO

Quando surgirá? Só no período da Grande Tribulação? Ou já veio e já se foi?

a)- Ele vem na **“última hora”** (1ª João 2.18). E agora, na Dispensação da Igreja, é a **“última hora”**.

João foi bem explícito e categórico quando asseverou: **“Já está no mundo”** (1ª João 4.3).

b)- Daniel, outrossim, considerou **“o fim do tempo”** este período da História quando prevalecem os gentios.

Com efeito, ao recordar a Nabucodonosor o seu sonho da monumental estátua e ao oferecer-lhe a devida interpretação, afirmou que aqueles eventos alegorizados na estátua sucederiam **“nos últimos dias”** (Daniel 2.28). Toda a sequência das quatro grandes potências se daria nestes últimos dias, mui distantes para o profeta.

No terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia, apareceu a Daniel um homem vestido de linho, lombos cingidos de ouro, corpo com berilo, rosto como relâmpago, braços e pés como de bronze polido, olhos como tochas de fogo, voz como a voz da multidão (Daniel 10.1, 5-6). Apareceu-lhe a fim de fazer-lhe entender o que iria acontecer **“nos últimos dias”** (Daniel 10.14).

E explica-lhe que nesses **“últimos dias”** o reino da Grécia suplantaria o Império Medo-Persa (Daniel 10.20; 11.2-4).

Na sequência dos fatos, para Daniel, ainda postos no futuro, verificamos que **“os últimos dias”** são estes longos séculos principiados com o domínio do Império Babilônico e terão seu fim nos grandes acontecimentos escatológicos.

É, pois, nesta **“última hora”** ou nestes **“últimos dias”** o tempo de atuação do Anticristo.

c)- Ao tratar da época de atividade desse **“ímpio”**, Paulo Apóstolo fornece esse mesmo esclarecimento.

Os crentes tessalonicenses, ouvindo falar da volta de Cristo, a Sua gloriosa Parusia, tiveram algumas dificuldades. Admitiam, por exemplo, ocorrer esse maravilhoso evento já naqueles seus dias (1ª Tessalonicenses 4.17).

Paulo recomenda-lhes serenidade – **“nem vos perturbeis”** (2ª Tessalonicenses 2.2) – em consonância, de resto, com o próprio Jesus quando aconselhou: **“Vede, não vos assusteis”** (Mateus 24.6; Marcos 13.7).

Contesta-lhes, todavia o Apóstolo, a suposição do grande acontecimento, a Parusia, para aqueles dias. E estabelece-lhes um evidente indício da vinda do Senhor Jesus Cristo quando nós nos reuniremos com Ele, ou seja, a Sua vinda para arrebatá-la Igreja. O grande e inconfundível sinal é este: a presença e a atuação do Anticristo neste mundo. **“Ninguém, de nenhum modo, vos engane, porque isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição”** (2ª Tessalonicenses 2.3).

Trata-se de uma apostasia nos próprios meios cristãos.

A apostasia da qual se ocupa o Apóstolo Paulo em 2ª Timóteo 3.1-9 e Jesus em Mateus 24.4-5, 10-12, a grande obra do Anticristo, é o afastamento da doutrina bíblica e, de modo particular, a rejeição dos princípios do Novo Testamento.

Conquanto se aceite o arrebatamento anterior à Grande Tribulação, à luz desta informação precisa de Paulo, torna-se impossível admitir-se a presença do Anticristo na terra somente durante o período da Grande Tribulação, se assim fosse, nem teria ele tempo suficiente para a sua obra gigantesca de apostasia.

Inexequível ainda o separar-se a **“vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”** do acontecimento da **“nossa reunião com Ele”**, fatos estes aludidos no primeiro versículo do capítulo segundo da 2ª Epístola aos Tessalonicenses. Trata-se aqui daquela vinda para o Arrebatamento ou a **“reunião com Ele”**. Aliás, em 1ª Tessalonicenses 4.15 também desta forma elucida o Apóstolo.

A atuação do Anticristo, incrementador e ponto culminante da apostasia, se prolonga durante toda a vigência da economia da Igreja e entrará no período da Tribulação, época em que como **“filho da perdição”**, será, junto com a primeira besta, lançado VIVO no lago de fogo que arde com enxofre (Apocalipse 19.20).

A História, com efeito, comprova a sua presença e o seu agir. Nem precisa abrirem-se muito os olhos para enxergá-lo porque a sua principal característica, qual seja a de adular o Evangelho e a Pessoa de Jesus Cristo, é patente.

IV

SEU FIM

Ao descrever-lhe a natureza e as atividades, o Apóstolo cognomina-o de **“o filho da perdição”** (2ª Tessalonicenses 2.3), ou seja, destinado à perdição.

Só um outro personagem é chamado assim nas Escrituras: Judas Iscariotes, um diabo (João 6.70). Em Sua oração sacerdotal, o próprio Jesus Cristo chama-o de **“o filho da perdição”** (João 17.12).

O triunfo que o Anticristo pretende ser-lhe-á negado. Jesus Cristo liquidará sua cobiça **“com o sopro de Sua boca e o destruirá pela manifestação de Sua vinda”** (2ª Tessalonicenses 2.8).

O destino final do falso profeta ou Anticristo será o de ser, junto com a besta política, lançado VIVO no lago de fogo que arde com enxofre (Apocalipse 19.20), onde, com o diabo, sofrerá, dia e noite, inimagináveis tormentos pelos séculos dos séculos (Apocalipse 20.10).

ADENDA

Impossível amoldar-se o Anticristo à primeira fera de Apocalipse 13.1-10 pelas sete razões seguintes, dentre outras:

1ª) Na sequência dos Impérios simbolizados nas diversas partes da colossal estátua alegórica de Nabucodonosor e nos diferentes animais das visões de Daniel, o Império Romano é o quarto e se harmoniza com a primeira besta de Apocalipse 13.1-10.

O Anticristo não pode, pois, se conformar com esta besta porque, se assim fosse, seria ele uma potência política também vinculada aos reinos políticos anteriores ao reino latino.

2ª) A segunda besta surge depois da primeira e exerce o seu poder na presença desta. O Anticristo só pode aparecer depois do Império Romano, é evidente.

3ª) O Anticristo firma-se direta, frontal e ostensivamente CONTRA a Pessoa de Jesus Cristo.

O Imperador romano que se adequa às características dessa primeira fera jamais almejou opor-se a Cristo, anelando fazer-Lhe as vezes.

4ª) A missão do Anticristo alegorizado pela segunda besta é primordialmente religiosa e a da primeira fera é política. No seu munus de adulterar a Verdade do Evangelho, o Anticristo fanatiza as multidões com **as suas feitiçarias**.

5ª) A primeira besta não realiza prodígio algum. Os portentosos sinais são executados pela segunda besta figuração do Anticristo. Com eles promove a idolatria.

6ª) Pelo fato de imitar burlescamente Jesus Cristo, é chamado de o falso profeta (Apocalipse 16.13; 19.20; 20.10). O Imperador romano representado pela primeira besta nunca poderia ser esse falso profeta.

7ª) O Anticristo, na alegoria da segunda fera, quer se assemelhar ao cordeiro, metáfora de Cristo (Apocalipse 5.5; 6.16; 7.9-17; 15.3; 19.7-9).

.oOo.

A IDENTIFICAÇÃO DO ANTICRISTO

Os abundantes elementos exibidos pelas Sagradas Escrituras acerca desse nefasto personagem proporcionam-nos distingui-lo com muita facilidade.

Esquivando-me de rodeios, ambiguidades ou eufemismos, de pronto, apresento o Anticristo: O “PAPA”.

Ah, já sei! Arrepiam-se de espanto os ecumenistas e os insensatos da pieguice, todos estes a serviço do diabo, sempre interessado em pôr o “papa” ao abrigo de quaisquer suspeitas por lhe proporcionar atuação mais desembaraçada.

O “papa” é o Anticristo em pessoa! Ele se sucede um após o outro na extensão dos séculos desde os primórdios do Catolicismo romano. Até nesse nosso século XX: Pio X, Bento XV, Pio XI, Pio XII, João XXIII, Paulo VI, João Paulo I, João Paulo II,...

Como Anticristo, o “papa” é aquele pequeno chifre das visões alegóricas de Daniel. É a segunda besta de Apocalipse 13. É o falso profeta. O **“iníquo”**, o **“homem do pecado”**. E a religião por ele comandada é o sistema simbolizado na mulher prostituta e pela grande Babilônia de Apocalipse 17.1-6.

Não há por onde escapar à luz das seguintes indicações:

1)- Em capítulo anterior já vimos! Dentre os dez chifres do quarto animal das alegorias de Daniel subiu outro chifre. Pequeno, de início. Cresceu e se tornou robusto e diferente dos demais. E abateu três reis.

Quem é a pessoa por esse chavelho figurada?

Só pode ser o “papa”.

Surgiu pequeno entre os povos bárbaros nos quais se esfacelou o Império Romano, comparado à primeira besta de Apocalipse 13. Agigantou-se. Depois de haver abatido três reis (os hérulos, os ostrogodos e os lombardos), suplantou os outros povos em prestígio e em poderio.

São fatos da História de cujas informações qualquer pessoa pode se assenhorear.

2)- O único personagem do mundo a se arrogar, qual “um cordeiro” (Apocalipse 13.11), a postura no lugar de Cristo, nesta Dispensação da Igreja, é o pontífice romano. Intitula-se, com toda a arrogância, VIGÁRIO DO FILHO DE DEUS.

O vocábulo VIGÁRIO é sinônimo da preposição ANTI no sentido grego primário de EM LUGAR DE.

ANTICRISTO é, por conseguinte, VIGÁRIO DE CRISTO, porquanto Vigário quer dizer o que ocupa o lugar de outrem, o que faz as vezes de outro.

O “papa”, VIGÁRIO DE CRISTO é o ANTICRISTO.

Não é evidente? É lógica a conclusão!!!

3)- O próprio termo PAPA também o identifica como o Anticristo porque este quer se assentar no santuário de Deus, apresentando-se como Deus (2ª Tessalonicenses 2.4).

O vocábulo PAPA é formado pela junção ou união da primeira sílaba das duas palavras latinas *PATER PATRUM*.

Pater Patrum quer dizer pai dos pais.

Quando dizemos senhor dos senhores, queremos dizer senhor soberano.

Pai dos pais é o pai soberano.

E quem é o Pai soberano? O Pai dos pais? É Deus!!!

Ora, da palavra **PATER** separe-se a primeira sílaba: PA. Da palavra **PATRUM** faça-se o mesmo. Juntem-se essas duas sílabas: PA + PA. Forma o termo PAPA.

PAPA que significa pai dos pais. Pai soberano.

E é o que cobiça o pontífice católico, **“apresentando-se como Deus”** (2ª Tessalonicenses 2.4).

4)- Esse **“mistério da iniquidade”** já operava no tempo de Paulo Apóstolo (2ª Tessalonicenses 2.7). Satanás, como autor do mal e do poder do pecado, promovia a sua gestação enquanto não fosse em definitivo retirado o impedimento de sua total manifestação.

Quando, porém, se manifestou por completo o **“ministério da iniquidade”** do “papa”?

Foi quando aquele que o detinha foi posto fora (2ª Tessalonicenses 2.7).

Com efeito, nesse versículo Paulo declara: **“O mistério da iniquidade já opera e aguarda somente que seja afastado aquele que agora o detém”** (2ª Tessalonicenses 2.7).

Este **“que o detém”** (particípio masculino) ou **“um que agora o detém”** (particípio neutro) do verbo *kateco* é uma força superior e transitória. Só com a sua remoção surgirá a vitória completa na manifestação e na ação do **“ímpio”** ou Anticristo, contrafigura diabólica de Jesus Cristo.

Este obstáculo não pode ser o Espírito Santo, como supõem alguns. Se fosse Ele, não haveria razão alguma para o Apóstolo ocultar-lhe o nome sob a designação de **“o que o detém”**, porquanto em 1ª Tessalonicenses 5.19 menciona-O claramente. Paulo alude várias vezes e claramente a **“Deus nosso Pai”** e a Jesus Cristo. Menciona, outrossim, o seu próprio nome no começo e no epílogo da Epístola, referindo-se, ainda, ao nome de Silvano e de Timóteo, seus companheiros.

“O que o detém” ainda não pode ser a Igreja, pelo menos por dois motivos: porque o Anticristo já opera por muitos séculos nesta Dispensação da Igreja e também porque não havia razão alguma para Paulo se esquivar de lhe declarar com clareza o nome, pois a ela se refere logo no cabeçalho da carta.

Esse que detém o Anticristo não pode ser outro senão o antigo Imperador romano.

A nossa conclusão é, de resto, confirmada pela História.

Senão, em resumo, vejamos!

O bispo de Roma, conquanto atuasse, permanecia incubado sob o Império latino. Começou a se salientar quando da saída de Constantino de Roma para Bizâncio, no Oriente, onde instalou a sede oficial do Reino.

A ascensão total do Anticristo, contudo, se deu quando o Imperador romano foi por completo liquidado pelos bárbaros, deixando desse modo campo livre e aberto para a plena expansão do “papa”.

5)- Quem se assenta no santuário de Deus, a Igreja, arrogando-se o direito de ser o timoneiro firme e seguro?

É o “papa” com o seu suposto primado universal transformado em seu soberano, seu sumo pontífice.

Dotado da capacidade diabólica de enganar a todo o mundo, depois de inteiramente deturpado o conceito de Igreja, ao apresentar-se como sumo pontífice da mesma Igreja, tomou para seu sistema a exclusividade do uso desse vocábulo sagrado: IGREJA.

A sua religião é a IGREJA única. IGREJA por antonomásia.

Os próprios evangélicos, na rabada do Anticristo, quando se referem ao Catolicismo, chamam-no: a Igreja.

6)- Quem **“se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus ou é objeto de adoração”**?

É o “papa”! Contesta tudo o que procede de Deus, a começar do Evangelho, por havê-lo deturpado em sua própria tese fundamental quando exige obras, além da fé em Cristo, para a salvação do pecador.

Levanta-se contra as Escrituras, negando-lhes a toda-suficiência como única fonte de Revelação Divina, ao expor a Tradição com idêntico privilégio e, mais ainda, ao se pôr ele próprio como órgão infalível dessa Revelação quando se ostenta com a incumbência e autoridade de definir dogmas, estabelecer normas morais, canonizar santos.

Como sumo pontífice, opondo-se a Deus e aos Seus planos e desígnios, muda os tempos e a Lei.

Os tempos, impingindo aos seus súditos práticas e costumes, como parte da liturgia mosaica, próprias dos tempos do Velho Testamento e não dos tempos da Economia da Graça.

A Lei, quando falsificou o Decálogo, retirando-lhe o segundo preceito, o da proibição da idolatria, e dividindo o décimo para que o seu decálogo não ficasse manco com nove preceitos.

7)- Quem tem movido as mais encarniçadas guerras contra os santos?

A “Santa Inquisição” é a obra prima de crueldade dantesca (ou pior) quanto à truculência de Nero, Domiciano e Décio juntos. Só na França, esse tribunal iníquo fez mais vítimas do que esses três monarcas reunidos.

8)- O “papa” **“não confessa a Jesus Cristo”**. Seus teólogos, seguindo-lhe os passos, **“não confessam que Cristo veio em carne”** (1^a João 4.3; 2^a João 7).

Ah, sim, é certo! A teologia católica apresenta a Divindade de Cristo, Seu nascimento virginal, Sua morte, Sua ressurreição, Sua ascensão. Ela diz aceitar todos os fatos históricos da vida terrena do Senhor.

Quando chega na soteriologia, contudo, desdiz tudo quanto afirmara antes.

Observe-se! Ela exige obras para a salvação do pecador. Defende a necessidade do purgatório, onde os fiéis defuntos, por tempo indeterminado, se purificam dos seus pecados, pagando as penas ou os castigos por eles devidos. Maria, em sua contextura doutrinária, é apresentada como advogada e refúgio dos pecadores, como co-redentora e medianeira. Assegura ter um tesouro dos méritos supra-rogoratórios, ou seja, uma reserva de sobras dos merecimentos de Maria e dos “santos” à disposição dos pecadores necessitados deles para a sua salvação, sendo da competência e do critério da “igreja” a sua aplicação.

Se o “papa” viesse clara e ostensivamente negar a vinda de Cristo em carne padecente, não conseguiria enganar tantas pessoas.

Como instrumento de Satanás, mais do que ninguém, ele sabe seduzir – **“fala como dragão”** (Apocalipse 13.11). E engana a todo mundo!

Em sendo necessárias as obras, além da fé, para a salvação do pecador, em sendo imprescindível o purgatório para as derradeiras purificações dos fiéis defuntos, em sendo verdadeiras as atribuições de Maria, em sendo real o tesouro dos méritos de Maria e dos “santos”, em sendo legítima a cognominada missa em seus aspectos de eucaristia e de sacrifício, o Jesus Cristo do Catolicismo, na verdade, não é o Verdadeiro Filho de Deus vindo em carne.

A soteriologia papal, em última análise, nega Jesus Cristo por Lhe negar a TODA-SUFICIÊNCIA. E, negando esta toda-suficiência, nega que Jesus é o Cristo. Nega o Pai e o Filho!

9)- No “papa” se identifica o Anticristo! Ele se destaca entre todos os anticristos que sempre se têm levantado.

Quando Nabucodonosor lá em seu sonho figural contemplava a gigantesca estátua, **“uma PEDRA foi cortada sem auxílio de mãos, feriu a estátua nos pés de ferro e de barro e os esmiuçou... se tornou em grande montanha, que encheu toda a terra”** (Daniel 2.34-35). A PEDRA, Jesus Cristo, é o **“reino que não será jamais destruído”**, mas que **“subsistirá para sempre”** (Daniel 2.44). Quando o anjo Gabriel anunciou

a Maria a concepção de Jesus, assegurou que **“o Seu reinado não terá fim”** (Lucas 1.33).

Na simbologia das Sagradas Escrituras, outrossim, a PEDRA aparece como figuração de Jesus Cristo. Aliás, o próprio Cristo se apresenta como a PEDRA (Mateus 16.18; 21.42; Lucas 20.17-18).

Ora, apesar de o próprio Pedro reconhecer Jesus Cristo como a PEDRA (1ª Pedro 2.7), arroga-se o “papa” como a pedra da “igreja”. Sua teologia faz malabarismos incríveis no afã de propalar o dogma de ser o pontífice, na suposta qualidade de sucessor de Pedro, essa pedra.

Sempre, também na incumbência de PEDRA angular ou fundamental da “igreja”, o “papa” cobiça ocupar o lugar de Cristo, fazendo-Lhe as vezes. E, nesta desmedida e arrogante pretensão, conquanto profira belas palavras acerca de Jesus Cristo, a Ele se opõe e atua contra a Sua Obra Redentora.

Os próximos capítulos somarão outras indicações comprobativas de ser a pessoa do “papa” o Anticristo.

.oOo.

A MULHER E A GRANDE BABILÔNIA

O Apocalipse apresenta o Anticristo em sua luta renhida contra Jesus Cristo. E, na deliberação de frisar os lances dessa peleja, recorre às alegorias mais expressivas. Objetiva ainda destacar a natureza e a atuação do Falso Profeta a fim de, nos últimos capítulos, registrar a sua completa derrota com a vitória ímpar e inamovível de Jesus Cristo.

Apocalipse é o livro da inamovível certeza do triunfo final de Cristo e da Sua Igreja por ser esta o campo de combate entre esses dois protagonistas.

O Anticristo, à semelhança de um cordeiro (Apocalipse 13.11), para enganar e seduzir os habitantes da terra (Apocalipse 13.14), como antítese da verdadeira Igreja de Cristo, estabelece, inspira, orienta e dirige a falsa igreja porque com esta quer confundir os homens.

O livro do Apocalipse fala-nos sobre ambas: sobre a Verdadeira e sobre a falsa, que é paródia da legítima.

A legítima Igreja de Jesus Cristo é a NOIVA **“ataviada para o Seu Noivo”** (Apocalipse 21.2). Contemplou-a Paulo como **“virgem pura”** (2ª

Coríntios 11.2), **“gloriosa, sem mácula, nem ruga”, “santa e irrepreensível”** (Efésios 5.27). Por ela entregou-Se Cristo (Efésios 5.25) e pelo Seu sangue purificou-a (Apocalipse 1.5-6). Sentar-se-á ela no trono de Cristo (Apocalipse 3.21) e cavalgará cavalos brancos (Apocalipse 19.14). Vestida de linho finíssimo, resplandecente e puro (Apocalipse 19.7-8), tributar-lhe-ão glória os reis da terra (Apocalipse 21.9-10, 23-24). É a Nova Jerusalém, a santa cidade (Apocalipse 21.2).

A igreja parodiada pelo Anticristo é mulher (Apocalipse 17.3). Mulher prostituta (Apocalipse 17.1; 19.2). Na sua frente traz o nome **mistério** (Apocalipse 17.16). Sentada sobre águas e montes (Apocalipse 17.19), cavalga numa besta escarlata de dez chifres (Apocalipse 17.3). Contamina os reis da terra (Apocalipse 17.1-2) e está bêbada com o sangue dos santos e dos mártires de Jesus (Apocalipse 17.6). É a mãe das prostituições e abominações da terra (Apocalipse 17.5). É a Grande Babilônia!

A Grande Babilônia mística chafurdada na idolatria como a sua homônima histórica.

Na simbologia da PROSTITUIÇÃO, as Sagradas Escrituras destacam o supremo ministério da iniquidade do Anticristo.

O Anticristo é uma pessoa. É o “papa”! Quer ser ele o santuário divino da Igreja como seu chefe soberano e sua pedra angular, sua rocha inabalável. **“Homem do pecado”** porque, considerando-se infalível, quer que a sua vontade em suas definições dogmáticas, prevaleça. Sua atuação é a do mistério da iniquidade por meio do seu SISTEMA – o Catolicismo romano.

Ele é o Anticristo em pessoa. É a segunda besta de Apocalipse 13. A besta religiosa. O Falso Profeta (Apocalipse 16.13; 19.20; 20.10). A sua hierarquia, o seu sistema, a sua organização é a GRANDE PROSTITUTA (Apocalipse 17.1). É a **“grande cidade que reina sobre os reis da terra”** (Apocalipse 17.18).

Na linguagem profética da Bíblia, a prostituta é símbolo de um povo ou de uma instituição que se prostitui em sentido espiritual. Em Isaías 1.21, por exemplo, encontramos Deus referindo-Se a Jerusalém: **“Como se fez prostituta a cidade fiel!”**. E em Jeremias 2.20 e 3.6 Ele chama de prostituta a nação de Israel. Em Ezequiel 16 Deus assemelha o povo de Israel a uma jovem, pobre e desamparada, a quem Ele estendeu a mão e a tomou por esposa. Mas, quando essa esposa, que no passado fora desvalida e abandonada, se viu rica e como uma rainha, esqueceu-se do seu grande benfeitor e se tornou meretriz. **“Confiaste na tua formosura e te entregaste à lascívia, graças à tua fama; e te ofereceste a todo o que passava, para seres dele. Tomaste dos teus vestidos e fizeste**

lugares altos adornados de diversas cores, nos quais te prostituíste; tais cousas nunca se deram e jamais se darão. Tomaste as tuas jóias de enfeite, que Eu te dei do Meu ouro e da Minha prata, fizeste estátuas de homens e te prostituíste com elas” (Ezequiel 16.15-17). Com elas quem? Com as imagens! Israel se prostituíra com as imagens!

Por intermédio do profeta Oséias, o Senhor Deus emprega igual metáfora: **“O Meu povo consulta o seu pedaço de madeira e a sua vara lhe dá resposta; porque um espírito de prostituição os enganou, eles, prostituindo-se, abandonaram o seu Deus”** (Oséias 4.12).

Prostituta é a pessoa, instituição ou povo que se torna infiel ao Deus Verdadeiro, prestando culto a uma imagem.

A Judá, a Samaria, a Tiro, a Nínive atribuiu a Bíblia igual metáfora deprimente, mas merecida, pela prática do culto idolátrico e por afastar o povo do verdadeiro culto a Deus.

“A GRANDE PROSTITUTA”

“A Grande Prostituta” metaforiza com exuberante realismo a hierarquia romanista.

No capítulo 17 de Apocalipse se apresentam três indicações demonstrativas desta assertiva:

PRIMEIRA: “Se acha sentada sobre muitas águas” (v. 1). Colocada, entronizada, instalada permanentemente sobre muitas águas à semelhança de Babilônia, a capital do poderoso reino perseguidor do povo de Deus, edificada sobre as muitas águas do Rio Eufrates, com suas derivações e canais, como a caracterizou o profeta Jeremias: **“Ó tu que habitas sobre muitas águas”** (Jeremias 51.13). Roma, a Babilônia escatológica, não se ergue geograficamente sobre notáveis águas. Por isso, o anjo revelador elucida a João a figura: **“As águas que viste, onde a meretriz está assentada, são povos, multidões, nações e línguas”** (Apocalipse 17.15).

É a hierarquia católica permanentemente instalada sobre as nações e povos a se sustentar graças às suas manobras políticas.

SEGUNDA: “Montada numa besta escarlata, besta repleta de nomes de blasfêmia, com sete cabeças e dez chifres” (v. 3). É a besta do Império Romano (Apocalipse 13.1-10), assunto já examinado em capítulo anterior.

O sistema romanista, a “igreja” romana, é a mulher montada nessa besta da qual dependeu na sua gestação e nos primeiros estágios de seu desenvolvimento e da qual auriu o poder.

TERCEIRA: “As sete cabeças são sete montes, nos quais a mulher está sentada” (v. 9). As sete colinas sobre as quais se erguia a velha Roma constituem-se num indício seguro na identificação da capital do Reino latino com a besta política de Apocalipse 13. Sobre essas colinas, ou seja, sobre essa capital, assenta-se a sede do sistema católico romanista.

A hierarquia católica é a mulher-religião a cavalgar sobre a besta-política!

É a sistemática romanista a grande meretriz!

“A MÃE DAS PROSTITUIÇÕES”

Com muita propriedade, o Catolicismo romano é **“a mãe das prostituições”**, por ser, na vigência desta Dispensação da Igreja, o sistema idólatra origem de todas as organizações idólatras disseminadas pelo mundo.

E, de fato, todas elas que se apresentam como participantes do Cristianismo, têm o seu útero-fonte no romanismo e por ele, quer direta, quer indiretamente, são sustentadas.

Querer-se-á exemplo mais frisante do que o espiritismo em todas as suas ramificações, incluindo-se a macumba? O cordão umbilical que o prende ao Catolicismo é a idolatria. E, através dele, é que o espiritismo recebe do romanismo a seiva e o sustento nos meios populares.

Semelhante mecanismo ocorre com certas denominações supostamente evangélicas. Pelo fato de recusarem a perseverança eterna dos salvos, ou, em outras palavras, pelo fato de suporem a possibilidade de o crente evangélico vir, com os seus pecados, a perder a salvação, essas denominações camufladas de evangélicas não passam de seitas católicas. E todas estão ligadas à mãe das prostituições pelo cordão umbilical da idolatria.

Vejam-se os adventistas! Recusam a gloriosa bênção da eternidade da salvação com o risco de se poder perdê-la. Conquanto se apresentam como os impertérritos atalaias da Lei consubstanciada no Decálogo, e ardorosos praticantes do sábado, os adventistas praticam a idolatria das imagens de Deus e de Jesus Cristo. Basta folhear um dos seus livros e revistas ou entrar num dos seus estabelecimentos. Lá estão figuras do velho barbudo

a representar Deus e do rapaz de longos e encaracolados cabelos a se assemelhar a Jesus Cristo. Lá se encontram as estampas de Cristo crucificado e do Menino Jesus.

Por oportuno, recomendo a leitura do meu livro **“SERÁ QUE O CRENTE PODE PERDER A SALVAÇÃO?”**.

Como mãe das prostituições, o romanismo embriaga os reis e os habitantes da terra com o vinho da sua prostituição porque, segundo antigo provérbio, Baco (o deus da embriagues) e Vênus (a deusa da fornicção) sempre andam juntos. A idolatria é o Baco de Vênus. É o vinho embriagador da fornicção.

Grande meretriz do culto idólatra, o Catolicismo é o Panteon de todos os deuses... Em sua liturgia sincretista, a todos agasalha e, para que ninguém fique de fora do abrigo de suas asas, instituiu o 1º de novembro, o “dia de todos os santos”.

A PROSTITUIÇÃO

Entendamos o significado do termo se quisermos compreender o vigor da alegoria apocalíptica.

Adulterio é a prática sexual entre pessoas casadas ou entre um solteiro e uma casada ou entre uma solteira e um casado.

Quando os dois são solteiros não se dá o adultério. Há a fornicção.

Na prostituição entram dois elementos característicos: a sucessão de vários ou de muitos homens para uma só mulher e o fator dinheiro ou pagamento.

Prostituição, por conseguinte, é o ato sexual praticado mediante pagamento de taxa estipulada por uma mulher com vários ou muitos homens seguidos.

É o mais nefando comércio! É a profanação vil do ato destinado à prolongação da humanidade e à expressão do amor conjugal. É a abjeção do ser humano. O aviltamento mais baixo e a desonra mais sórdida da mulher.

A prostituta é a rameira, a marafona, a meretriz. Embora pobre, a sociedade e os homens libertinos que dela se utilizam, dedicam-lhe asco e desprezo.

Ao Catolicismo romano, Apocalipse atribui o vocábulo mais abjeto e nojento. É ele um imenso prostíbulo, um asqueroso lupanar, um fétido bordel, um repugnante meretrício.

No alcouce da sua liturgia idólatra, a troco de dinheiro, a prostituta se entrega aos grandes e aos pequenos da terra, embebendo-os com o vinho da sua prostituição.

“UM CÁLICE DE OURO CHEIO DAS ABOMINAÇÕES E DA IMUNDÍCIA DA SUA PROSTITUIÇÃO”

Pelas Sagradas Escrituras, a idolatria é assemelhada e ilustrada com as mais vigorosas e brutais palavras.

Classificam-nas elas de vaidade, mentira, mal, coisa imunda, coisa vergonhosa, pecado, vento e nada, obra de enganos, cisternas rotas, falsidade, rebeldia, tesouro da impiedade, apostasia, malícia, corrupção, violência, feitiçarias, prevaricações, impudicícia, devassidão, luxúria, imundícia, abominação, prostituição. A mulher vista por João portava **“na mão um cálice de ouro transbordante de abominações e com as imundícias da sua prostituição”** (Apocalipse 17.4).

O hagiógrafo sagrado, no intento de dar o maior realce à repugnância da idolatria, neste versículo junta as três mais vis designações lembradas pela Bíblia e atribuídas ao culto falso.

A idolatria é abominação! (Deuteronômio 17.4; 21.18; 2º Crônicas 33.2; 36.14; Jeremias 13.27; 16.18; 32.34; Ezequiel 6.9, 11; 17.3, 4, 8, 9, 20; 14.6; 16.22, 36, 50, 51, 58; 20.7, 30, 36; 33.29; 36.31; 44.6, 7, 13).

A idolatria é imundícia! (2º Crônicas 29.5, 16; Ezequiel 36.29).

A idolatria é prostituição! (Êxodo 34.15, 16; 2º Reis 9.22; Jeremias 2.20; 3.2; 13.27; Ezequiel 16.15-17, 20-22, 25-29, 33-34, 36; 20.30; 23.19, 27, 29; 43.7-9; Miqueias 1.7).

O Catolicismo é o cálice transbordante das abominações e da imundícia da prostituição!

O cálice se constitui no centro do seu culto. Com efeito, a missa é o coração da liturgia católica e é celebrada com um cálice sempre de rico metal. E é a máxima blasfêmia contra o sangue de Cristo, Cordeiro imaculado e incontaminado, porque a missa, além de expor, segundo sua proposição, a presença real e física de Deus na “hóstia”, quer, com a sua celebração, renovar ou repetir o sacrifício de Jesus Cristo.

Se me fosse permitido, recomendaria a leitura do meu livro **“A MISSA”**, em cujos capítulos desenvolvo um estudo documentado acerca

desse tema e, à luz das Sagradas Escrituras, desmonto todo o arcabouço da eucaristolatria.

É do cálice de sua missa que o romanismo despeja mundo afora todas as abominações das suas prostituições...

É ele a **“mãe das prostituições e abominações da terra”** (Apocalipse 17.5) por incorporar as piores manifestações idolátricas.

O Catolicismo, a prostituta com quem se prostituem os reis da terra (Apocalipse 18.3) enchendo-lhes eles os cofres de incomensurável riqueza, guindando-o à categoria de supercapitalismo, a maior potência econômico-financeira do mundo, de cuja opulência, em contrapartida, os reis também se enriquecem (Apocalipse 18.19).

“A GRANDE BABILÔNIA”

A **“grande prostituta”**, a **“mãe das prostituições”**, o Catolicismo traz na sua frente um nome simbólico: **“GRANDE BABILÔNIA”**.

Conforme testemunhos de Sêneca e Juvenal, as prostitutas romanas adotavam o hábito de levar na testa uma cinta de pano com o seu nome ou o seu apelido inscrito.

Roma-religião, a **“mãe da prostituições”**, ostenta, a individualizá-la com destaque, no alto de sua frente, o nome convencional ou alegórico de **“A GRANDE BABILÔNIA”**.

Com efeito, três salientes motivos sublinham a justeza desta alcunha para a hierarquia ou sistema romanista:

PRIMEIRO: Da Babilônia geográfica, da Mesopotâmia, se originou e se alastrou a idolatria.

A genealogia do culto idolátrico finca suas raízes em Cam, um dos três filhos de Noé.

De Cam, o amaldiçoado filho do patriarca (Gênesis 9.20-25), procedeu Ninrode, fundador do reino de Babel (Gênesis 10.8, 11), a cidade da rebelião contra Deus (Gênesis 11.1-9).

Semíramis, esposa do monarca Ninrode, **“o primeiro a ser poderoso na terra”** (Gênesis 10.8), fundou em Babilônia a idolatria, sendo, outrossim, a sua primeira sacerdotisa.

Por intermédio de seu marido Ninrode, Semíramis sabia da grande promessa de Deus: **“Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça e tu Lhe**

ferirás o calcanhar” (Gênesis 3.15), É a promessa do Messias. Do Redentor!

E a rainha sacerdotisa tomou para si a promessa e apresentou seu filho Tamuz como salvador miraculosamente gerado em suas entranhas. Tamuz, recebido como libertador, passou a ser reverenciado e adorado. Seu nascimento era celebrado com pompa. Cada ano comemorava-se a sua morte e a sua ressurreição.

Dada a máxima importância do fogo naqueles tempos primitivos de recursos parcíssimos, revestia-se de solenidade o ato de acendê-lo com a fricção vigorosa e rápida de dois pedaços de madeira. Essa operação de se friccionarem os dois paus colocava-os em forma de cruz.

Uniu-se a imagem de dois paus cruzados à letra *tau* (T), a primeira do nome Tamuz, o deus salvador.

E a cruz se transformou em objeto de culto. É ela o primeiro sinal, a primeira imagem, objeto de culto religioso. É ela **O SINAL DA BESTA** aludido em Apocalipse 13.18 e objeto de um outro livro meu, aliás, sob este título.

De Babilônia a religião idólatra se expandiu. Tamuz recebeu outros nomes nos países onde passou a ser cultuado: no Egito, Íris e Osiris; na Grécia, Eros e Afrodite; no Lácio (Roma), Vênus e Cupido; em Canaã, Baal.

Com efeito, a terminologia cúltica de todos os povos antigos tem nos seus nomes o radical dos termos caldeus. E os deuses salientes de cada nação são designados por nomes babilônicos.

Todas as manifestações da idolatria se reduzem a uma e mesma perversa e intencionada corrupção do Evangelho em embrião na Escritura de Gênesis 3.15, transmitido mais tarde por Noé a toda a Humanidade e, ainda, naquelas remotas eras, proclamado na experiência de Abraão.

De início incubada na Caldéia e depois desenvolvida no Império Babilônico, a sistematização religiosa pagã se transportou até aos confins da terra, adaptando-se e evoluindo.

Essa sistemática religiosa babilônica, em nossos dias, encontra-se quase por inteiro, embora mascarada com terminologia bíblica, no Catolicismo papista, o qual, numa penetrante visão do futuro, pelo anjo apocalíptico, é chamada, com sobradas razões, de **“A GRANDE BABILÔNIA”**.

O Catolicismo romano, como a mais satânica corrupção do Evangelho, é, nesta Dispensação, o útero onde se gerou e do qual do qual se espalhou a aberrante idolatria do culto falso a Deus. Absorveu da Babilônia histórica até o culto à **“rainha do céu”**. A cruz é a marca da sua presença. Adulterando o Evangelho, usa de sua nomenclatura para

confundir e enganar o povo. Apresenta-se como Cristianismo e cumpre o seu execrando destino de mãe das prostituições, **“a grande Babilônia”**.

SEGUNDO: O outro motivo a destacar a hierarquia romanista como **“a grande Babilônia”** figural é o da sua sede insaciável de sangue.

A metrópole da idolatria é o protótipo da perseguidora, no passado, do povo de Deus.

Roma religiosa, que faz com que sejam mortos todos quantos não adoram a imagem da besta (a sua hierarquia); Roma religiosa, em cujas entranhas se achou o sangue dos santos, **“nela se achou sangue de profetas, de santos e de todos os que foram mortos sobre a terra”** (Apocalipse 18.24), é a grande Babilônia do Catolicismo romano com as suas masmorras, com os seus cutelos, com os seus cadafalsos, com as suas fogueiras, com as suas perseguições, com as suas caluniosas denúncias, com o seu criminoso recurso aos poderes civis e judiciários para esmagar, sufocar, oprimir, assassinar, humilhar, enxovalhar os servos de Deus que rejeitam a imundícia da sua prostituição.

TERCEIRO: O Catolicismo é a **“grande Babilônia”** mística porque, à semelhança da sua homônima da antiguidade, veste-se **“de púrpura e de escarlata, adornando-se de ouro, pedras preciosas e pérolas”** (Apocalipse 17.4).

Nabucodonosor, o soberano babilônio, no delírio da ostentação religiosa, mandou construir mancomunada imagem de ouro (Daniel 3.1). De 60 côvados de altura por 6 côvados de largura. Em correspondendo o côvado babilônico a 58 centímetros do nosso sistema métrico, aquela estátua tinha 34 metros e 80 centímetros de altura por 3 metros e 48 centímetros de largura.

A soberba imagem sobressaía em riqueza aos edifícios da tentacular Babilônia, cuja construção se engrandecia com os mais ricos e variados mármore, granito e basalto.

A púrpura, veste dos cardeais romanistas, ainda hoje é riquíssima. Não conheço nenhuma madame por mais rica que se traje dela.

Quando o arcebispo de S. Paulo, Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, em fins de 1945, foi eleito cardeal pelo “papa” Pio XII, o governo do Estado de S. Paulo ofereceu-lhe a púrpura cardinalícia que, naquele tempo, custou 200 contos de reis, dinheiro suficiente para se adquirir um quarteirão (dos quatro lados) de edifícios em pleno centro da Paulicéia.

Hoje são uns 110 cardeais. Se cada um tiver apenas uma sotaina de púrpura, o valor com que eles se vestem, por exemplo, quando da eleição e

da posse do “papa”, corresponde ao valor de 110 quarteirões (dos quatro lados da quadra) de prédios do centro de São Paulo ou do Rio de Janeiro. É de estontear!

Afora a púrpura dos cardeais, o romanismo ostenta em pedras e metais preciosos, uma opulência material inimaginável.

Por estes três motivos, a organização católica, em sendo “**a grande Babilônia**” mística, se identifica com a Babilônia histórica.

E se não fosse o Catolicismo, qual outra organização religiosa poderia ser? Quem espalha e mantém a idolatria na forma do culto falso a Deus como a religião da hierarquia? Quem, como ela, é responsável pelo trucidamento dos santos, os crentes evangélicos? E qual outra organização religiosa que exhibe tão imensa riqueza material?

Se não for o Catolicismo romanista a “**grande Babilônia**” religiosa, pergunto aos insensatos ecumenistas, qual outro sistema será?

Ah, uma curiosidade! A cor da púrpura e da escarlata com que a mulher se traça é vermelha. E vermelha é a cor predominante na liturgia romanista. Quem viu na TV a posse de João Paulo II pôde verificar!

.oOo.

LANCES HISTÓRICOS DO DESENVOLVIMENTO DA IDOLATRIA

Sincroniza-se como seu elemento essencial o culto idólatra na sistemática católica-romana, Sem ele, ser-lhe-ia impossível a sobrevivência, como se lhe faltasse o ar.

Revivescência do antigo paganismo, a representação plástica de Deus, de Jesus Cristo, de Maria e dos “santos”, a par de grande parte de sua ritualística litúrgica, é o acervo de sua acentuada herança pagã.

Broussolle, escritor católico (*Religion*, p. 116), aceita haver o culto romanista buscado em mitos pagãos os subsídios da sua simbologia.

A introdução da idolatria no culto católico foi lenta e progressiva na medida em que se desenvolvia a “autoridade” do bispo de Roma e em que se impunha o seu prestígio.

Os momentos de efetiva unidade política do Império Romano, como ao tempo de Otávio Augusto e de Constantino Magno, foram de curta permanência. Os sonhos de duradoura unidade imperial esbarraram em intransponíveis óbices até que, a partir do ano 395, se consumou a

definitiva divisão em dois blocos já de há séculos prognosticada nos dois pés da estátua alegórica dos sonhos de Nabucodonosor. O bloco do Ocidente e o bloco do Oriente.

A trama dos acontecimentos nos quais se desenvolvera e se implicara o bispo romano propiciou-lhe considerável impulso em seu crescimento organizacional em direção de sua postura definitiva como chefe soberano de uma religião imperializada.

Com a mudança e a instalação do Imperador em Constantinopla, capital da facção oriental, o bispo de Roma pôde se ver livre dos possíveis e naturais embaraços causados pela presença do monarca em Roma. A residência imperial na antiga Bizâncio, transformada em nova Roma, Constantinopla, deixou-o com a faculdade de gerir a seu talante a política do Ocidente, já conturbado pelas invasões dos povos bárbaros.

Em capítulo anterior observamos a atuação da política envolvimentista do bispo romano para com as nações adventícias.

Desde sempre o Catolicismo se distinguiu por sua tática sincretista e pela sua capacidade de assimilação de outros ritos religiosos. No empenho de absorver em seu seio as massas bárbaras e de catolicizá-las, tornando-as subservientes aos seus planos, aceitou-lhes o culto das imagens ou ícones como no passado, ao tempo de Constantino e de Teodósio, aceitaram-se os antigos templos confiscados dos pagãos.

A prática do culto por meio de ícones ou imagens, de modo tácito, somente foi adotada e, de início, em regiões restritas, a partir do século V. Entrou a título de adorno e de didática religiosa no intuito de facilitar a aproximação dos pagãos bárbaros.

Embora instalado no Oriente, o Imperador reprimia as pretensões de domínio acalentadas pelo hierarca romanista. A este interessava sumamente o enfraquecimento daquele também nas regiões longínquas. Nos começos do século VIII, com esse empenho de debilitamento do poder político da facção oriental do Império, sabendo, outrossim, da repulsa que o culto das imagens causava à corte imperial, o bispo romano determinou ao seu clero a sua propagação maciça.

A estrutura humana tanto no Oriente como no Ocidente carrega a mesma inclinação para o pecado e para a idolatria. Em consequência, a aceitação popular dos ícones foi fácil e se tornaram em rendoso atrativo.

Na exploração da credulidade das massas, sempre propensas à materialização do sobrenatural, desde o início, esse culto se revelou de tendência mercantilista.

Com o prestígio popular em ascensão, ao bispo de Roma, sempre ganancioso de maior poder, provocava repulsa e indignação o realce

político e sacerdotal de Leão III, o Imperador, apesar de residente no Oriente distante. Causava-lhe sobressaltos contínuos o fato de o monarca civil desfrutar de privilégios políticos e religiosos inerentes ao seu munus imperial consoante a mentalidade da época (*“Imperator et sacerdos”* — “Imperador e sacerdote”, sentenciava o soberano).

Percebendo Leão III, o Isaurino, o avolumar-se do nefando culto inserido à exploração comercial e a tática subversiva de debilitação da sua autoridade perante o povo, decretou no ano 726 a proibição do seu exercício e determinou a destruição dos ícones. O clero, temeroso da perda de grande manancial de riquezas e de prestígio popular, incitou as massas à rebeldia contra a ordem imperial, provocando violências de parte a parte, concretizando-se dessa forma as suspeitas do soberano.

Contando com o apoio dos bárbaros já catolicizados, o pontífice Gregório II se rebelou contra o Imperador e sublevou as guarnições militares do Ocidente contra o monarca.

Com a sua ascensão ao trono do Império, no ano 740, instalado ainda em Constantinopla, Constantino V, Coprônimo, filho de Leão III, recrudescer a luta como resultado das suas firmes e sólidas convicções contrárias às imagens. Realce-se o valor dessas convicções do soberano, dada a sua cultura teológica superior.

O clero goza de inexcedível poder de fantasiar. A fartura das lendas por ele engendradas para mistificar o beatério supera qualquer previsão. Conjugando suas lendas fantásticas à sua sofistaria monta a sua dogmática. Se desta retirarem-se os sofismas entretrecidos com as fabulosas lendas, desmoronar-se-á o arcabouço dos seus dogmas.

Dentre a imensa quantidade de lendas, lembro-me agora desta. Inventou-se que certo monge, um tal de Estêvão, decidiu interpelar o Imperador Coprônimo no tocante ao seu iconoclasmo. Esforçou-se o monge idólatra por persuadir o esclarecido monarca da legitimidade e conveniência desse culto. Seu arrazoado, contudo, deixou-o frustrado diante da inflexibilidade do Imperador quanto à persistência no repúdio às imagens.

Num ímpeto decisivo, o monge solicitou-lhe uma moeda com a efígie do Imperador e interrogou-lhe se era lícito cuspir nela e pisá-la.

Indignou-se o soberano e respondeu-lhe que seria crime de lesa-majestade e castigaria com a pena capital quem se atrevesse a semelhante ato.

Então o monge replicou-lhe: “Oh! Que louco sois vós! Ao que insultar o retrato do Imperador infligis-lhe a pena de morte e ao que profana a sacratíssima imagem de Cristo, Rei dos reis, a esse considerai sem culpa”.

Transtornado com o argumento do monge, prossegue a lenda, o Imperador mandou executá-lo. E o monge mártir tornou-se “santo”. É um dos “santo” Estêvão da hagiografia papista.

No lendário romanista é esse um dos fatos comprovantes do entusiasmo pelo culto das imagens e do heroísmo por sua defesa.

A estória (não história) demonstra-nos a antiguidade do disparate de ser a imagem o retrato de Cristo, de Maria ou dos “santos”. Este sofisma de mascate de roça, que só os insanos aceitam, vamos analisá-lo e rebatê-lo em capítulo posterior.

Voltemos aos fatos reais da História! O Concílio de 754, por Constantino V convocado, de acordo com as normas da época, condenou a iconolatria.

A luta, porém, continuou acesa também com Leão IV, sucessor de Constantino V, morto em 775.

A guerra desse culto enfraquecia o poder político dos Imperadores caídos na antipatia das massas exatamente por resistir à proliferação do culto tão do gosto popular.

É a velha repetição da História: toda vez que o poder político deixa de interessar à avidez de mando e à cupidez de ouro do clero, este, a qualquer pretexto, o solapa em seus fundamentos no objetivo de liquidá-lo.

Em 780, dada a circunstância da menoridade de Constantino V, legítimo herdeiro da coroa imperial, ascende ao trono sua mãe, a Imperatriz Irene, como regente em nome de seu filho.

A encantadora ateniense desposada pelo Imperador Leão IV (775-780), por causa de sua beleza e de seus atrativos físicos, foi deveras uma estranha personalidade por guardar no seu íntimo, em chocante contraste, um sórdido caráter.

Orgulhosa. Apaixonada. Sutil. Astuta. Na sua audácia desmedida eliminou todos os seus adversários. E a morte do marido guindou-a ao trono.

Mulher ambiciosa e cruel, certa de ceder ao filho a posição imperial quando ele atingisse a maioridade, engendrou o plano de lhe vetar a posse da coroa, mandando prendê-lo e vazar-lhe os olhos.

Logo no início do seu governo adotou medidas no sentido de refrear a violência provocada pelo combate e pela defesa das imagens.

Sedenta de poder e relutante em permanecer no trono, convencera-se do insanável prejuízo para a sua desmedida ambição se prosseguisse a luta religiosa e, concomitantemente, da indisposição do clero idólatra.

Numa guinada habilidosa, bandeou-se para os iconólatras no intento de agradar o bispo de Roma e a sua hierarquia. Tardias pretensões! O pontífice já a esta altura se aliara a Carlos Magno, da França.

Com efeito, enquanto a guerra por causa das imagens persistia no Oriente, aquele hierarca obtinha memoráveis triunfos no Ocidente, que lhe solidificavam a supremacia em ascensão e lhe incrementavam o desenvolvimento econômico-financeiro, sobretudo com a conquista dos territórios que formariam dentro em pouco os Estados Pontifícios.

Na execução dos seus planos, Irene convocou o 7º Concílio Ecumênico ou o 2º Concílio de Nicéia, em cuja oitava e última sessão, celebrada em Constantinopla, em 787, presentes no palácio imperial os Imperadores Carlos Magno e Irene, o culto das imagens foi, em definitivo, sancionado e imposto como dogma da fé católica.

A essa mulher sanguinária o Catolicismo deve a definitiva implantação oficial da iconodulia. Em retribuição deste valioso feito em prol da hierarquia, a astuta e assassina Imperatriz, ao ser canonizada “santa”, recebeu as honras dos altares.

Daniel Rops (*L’Eglise des Temps Barbares*, p. 424) reconhece que a luta de 120 anos abalou os próprios fundamentos da sociedade e do poder político do Império do Oriente em proveito da ascensão e da efetivação do domínio do “papa” transformado logo no ano 800 em suserano máximo do Sacro Império Romano do Ocidente e Chefe dos Estados Pontifícios, partícipes do novo imperialismo.

Com a sagração de Carlos Magno deu-se a cura da ferida da besta imperial (Apocalipse 13.3, 14) como resultado das lutas iconoclastas causadoras do enfraquecimento do monarca do Oriente.

Se as invasões bárbaras destruíram o velho Império Ocidental, a guerra religiosa das imagens arrasou o Oriente.

Restaurada a besta imperial no novo Sacro Império personificado em Carlos Magno exposto à adoração pública e cessadas as lutas contra a idolatria com a vitória do “papa”, a besta religiosa ou o Anticristo crescia, cumprindo, em sua inexorabilidade, as profecias de Daniel e do Apocalipse.

A idolatria, a sofreguidão de controle dos políticos e o poder econômico sempre se aliam e se confundem nos planos e na permanente atuação da hierarquia clerical, ávida de domínio político, construída sobre o “papa”, o Anticristo, a **“grande prostituta que está assentada sobre muitas águas”** (Apocalipse 17.1). Águas que são povos, multidões, nações e línguas (Apocalipse 17.15). É a grande prostituta **“com a qual se prostituíram os reis da terra”** (Apocalipse 17.2).

A hierarquia clerical, sequiosa do poder econômico, a mulher apocalíptica, **“vestida de púrpura e de escarlata, adornada de ouro, pedras preciosas e pérolas”** (Apocalipse 17.4).

A hierarquia clerical, a **“mãe das prostituições e abominações da terra”**, em cuja mão está um cálice de ouro, cheio das abominações e da imundícia da sua prostituição idolátrica.

.oOo.

A IDOLATRIA

A hediondez da besta religiosa, ou Falso Profeta, ou Anticristo se concentra na figural mulher prostituta, o sistema católico das práticas idolátricas.

Afinal de contas, o que é idolatria?

Se almejamos conhecer e distinguir melhor a malícia ou o **“mistério da iniquidade”** da autuação do Anticristo e prepararmo-nos para os eventos escatológicos já nossos vizinhos, cumpre-nos examinar o assunto.

DEFINIÇÃO

Idolatria é uma palavra frequente nas conversas dos crentes evangélicos. Conhecer o seu real sentido se torna também muito importante e indispensável, haja vista no linguajar de hoje o esvaziamento do verdadeiro significado de muitos vocábulos, inclusive idolatria.

A etimologia desta palavra nos dá a sua procedência de dois outros termos gregos: *EIDOLON* (imagem) e *LATREIA* (culto). Portanto, etimologicamente, idolatria é o culto das imagens.

E o que entendemos por IMAGEM? É uma figura que representa uma pessoa ou coisa obtida pelos processos do desenho, da pintura, da escultura, etc.

É um termo muito em voga nos meios religiosos para a representação de Deus, do Espírito Santo, da figura humana de Jesus Cristo, de Maria e dos “santos” exposta à veneração dos fiéis.

A palavra IMAGEM tem como sinônimo muito adequado o vocábulo ÍCONE, do grego *EIKON*, que expressa o sentido de imagem religiosa.

O vocábulo “ídolo” é sinônimo de “imagem”. “Latria” quer dizer “culto”. Juntem-se os dois termos e temos IDOLATRIA.

Idolatria ou iconolatria, por conseguinte, é a homenagem cultural ou o respeito cûltico às imagens representativas da divindade. E, em nosso caso, do Verdadeiro Deus.

É por extensão, que dizemos ser idolatria o culto direto ao sol, por exemplo, conceituado como deus. Ou em outras expressões: suponhamos que alguém considere o sol como deus verdadeiro e diante dele, enquanto ilumina a terra, se prostra, inclina-se e lhe dirige louvores e orações. Trata-se, neste caso, de uma superstição. E somente por extensão é que o classificamos de idolatria.

AS CAUSAS

Dois motivos preponderantes influenciam a sua prática: o desequilíbrio da natureza humana provocado pelo pecado desde os primórdios da Humanidade, aliado a outras influências psicológicas. E a ignorância do Verdadeiro Deus, ignorância essa que também entra como fator preponderante neste contexto cultural.

UMA SEPARAÇÃO

Os povos primitivos receberam da Babilônia a cruz para representar o seu deus Tamuz e, depois, também outros símbolos grosseiros dos seus outros deuses.

Estes outros símbolos foram sendo aperfeiçoados até à representação plástica na forma de homem e mulher, num crasso antropomorfismo.

Deus, em Seus desígnios misericordiosos, resolveu salvar o homem. E Sua primeira iniciativa salvífica foi a de separar de seus parentes Abraão, nascido em Ur da Caldeia, por serem eles adoradores dos deuses mesopotâmicos ou caldeus. Habitavam eles além do Rio Eufrates, onde serviam aos deuses da região (Josué 24.2), de onde procedeu e se expandiu toda a idolatria do mundo. Separando o patriarca da sua parentela (Gênesis 12.1), Deus o fez no propósito de estabelecê-lo começo da restauração do monoteísmo.

Abraão era filho de Terá, da descendência de Sem, o filho mais velho de Noé, portanto, da décima geração do patriarca sobrevivente do Dilúvio. Quando ele nasceu em Ur da Caldeia, a idolatria predominava. Com efeito, Ninrode, descendente de Cam, é da terceira geração de Noé, medeando, pois, entre Ninrode e Abraão um longo tempo de cerca de 400 anos.

Esse Ninrode fundou a Caldéia e Babilônia. Casou-se com Semíramis, a criadora do nefando culto do qual, outrossim, foi sacerdotisa.

Tudo isso, é evidente, se deu muito antes de Abraão.

A primeira iniciativa de Deus no sentido de desenvolver o Seu Plano Redentor foi a separação de Abraão da sua terra e dos seus parentes por estarem implicados em crassa idolatria.

Desde aqueles inícios, Deus recusou qualquer laivo ecumenista.

Os discursseiros do neo-evangelismo deveriam aprender esta lição e, criando juízo, abandonar a insensata estratégia do conluio pseudo-evangelístico com os idólatras.

OUTRA SEPARAÇÃO

De Abraão procedeu o povo escolhido. Este, tangido pela adversidade de prolongada estiagem com a inerente carestia de alimentos, fixou-se durante 420 anos no Egito, ambiente profundamente idólatra, por representar em imagens os seus deuses.

O longo contato dos descendentes do patriarca com a religião egípciana fê-los aceitar a presença dos ícones como normal nas celebrações cúlticas.

Deus decidiu retirar o Seu povo dos ergástulos egípcios e levá-lo ao monoteísmo puro.

A longa jornada de 40 anos pelos desertos, liderada por Moisés, o herói das triunfais epopéias, serviu para criar a sua consciência nacional embasada na fé em um Deus único, Espírito transcendente. Com este propósito, o Senhor Deus convocou Moisés ao cume do Sinai, onde lhe entregou as Suas Leis e, no Decálogo, um código sucinto e sobremodo completo que Êxodo 20.1-17 e Deuteronômio 5.7-21 conservam.

Dos Dez Preceitos, aquele em que Ele Se estende mais é na condenação da idolatria ou culto das imagens, representação da divindade: **“Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque Eu sou o Senhor teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que Me aborrecem e faço misericórdia até mil gerações daqueles que Me amam e guardam os Meus mandamentos”** (Êxodo 20.4-6).

AMEAÇAS PARA OS TRANSGRESSORES

Por ser transcendente, o Senhor, neste segundo Preceito, exige uma concepção IMATERIAL de Deus e veta quaisquer imagens ou símbolos de Sua Pessoa.

Em posteriores ocasiões e à farta, o Senhor repetirá a condenação das práticas idolátricas.

Conhecia o Seu povo e reconhecia o seu pendor para elas, sendo, por isso, rigoroso na eventualidade de alguma transgressão.

Quando, por exemplo, o povo se demorou em Sitim, misturou-se com as mulheres moabitas e, por instigação delas, cultuou a Baal-Peor. Sobreveio o terrível castigo duma praga que dizimou 24 mil pessoas (Números 25.1-9).

Impunha o Senhor absoluta separação dos primitivos habitantes da Terra Prometida a fim de não se contaminarem os do Seu povo com os cultuadores de deuses estranhos ou de suas imagens.

Ameaçava-os com horríveis castigos, no caso de desobedecerem o Preceito: **“Guardai-vos não vos esqueçais da aliança do Senhor, vosso Deus, feita convosco, e vos façais alguma imagem esculpida, semelhança de alguma coisa que o Senhor, vosso Deus, vos proibiu. Porque o Senhor, teu Deus, é fogo que consome, é Deus zeloso”** (Deuteronomio 4.23-24).

Prometera-lhes a Terra. Entre prodígios, conduzira-os pelos desertos. Estabelecera-lhes Preceitos. No decurso dos 40 anos de viagem, formara-se a nacionalidade. Em vésperas de se apossarem eles da terra, o Senhor Deus os admoesta com a máxima severidade na circunstância de se corromperem com imagens de escultura, provocando-O à ira: **“Não prolongareis os vossos dias nela; antes, sereis de todo destruídos. O Senhor vos espalhará entre os povos e ficareis poucos em número entre as gentes aonde o Senhor vos conduzirá”** (Deuteronomio 4.26-27). **“Virás a ser pasmo, provérbio e motejo entre todos os povos a que o Senhor te levará”** (Deuteronomio 28.37).

À transgressão do Preceito contra a idolatria dever-se-ia cominar a pena de morte por apedrejamento (Deuteronomio 17.2-5).

Ele, Deus, é ÚNICO! **“Não terás outros deuses diante de Mim”** (Êxodo 20.3), preceituou.

A Sua unicidade transcendente recusa o contributo da Sua representação plástica: **“Guardai, pois, cuidadosamente, a vossa alma, pois aparência nenhuma vistes no dia em que o Senhor, vosso Deus,**

vos falou em Horebe, no meio do fogo; para que não vos corrompais e vos façais alguma imagem esculpida na forma de ídolo, semelhança de homem ou de mulher... Porque o Senhor, teu Deus, é fogo que consome, é Deus zeloso” (Deuteronômio 4.15-16, 24).

.oOo.

DEUS REIVINDICA A SUA HONRA

As ameaças do Senhor Deus a honrar a Sua própria Palavra se consumaram em penosos juízos quando o povo se rebelou, desprezando-O pelos ídolos.

Salomão, de sabedoria superior à de todos os do Oriente e de todos os do Egito (1º Reis 4.30), atração dos povos e dos reis (1º Reis 4.34), depois de haver edificado o suntuoso Templo de Jerusalém para a glória de Deus, se resvalou para os falsos deuses. Fez **“o que era mau aos olhos do Senhor”** (1º Reis 11.6), impedindo-O de confirmar o trono do reino do monarca para sempre, como prometera a Davi. Ao revés, determinou rasgá-lo e dá-lo, não ao seu filho, mas ao servo do soberano. O Reino do Norte, o das dez tribos de Israel, cuja capital, a partir de Onri, foi Samaria, e o de Judá, com a capital em Jerusalém.

De como Deus vindica a Sua honra quando ultrajada com o culto falso ou quando preterida pelo culto a deuses falsos sirvam-nos os seguintes exemplos:

I

ISRAEL

1)- Cindido o reino, as dez tribos rebeldes aclamaram Jeroboão seu rei.

Ao tempo de Salomão, o profeta Aías prognosticara a cisão do reino e a chefia real de Jeroboão sobre os revoltosos do Norte. Intimidado Salomão, perseguiu o laborioso e valente efrateu Jeroboão, que, acoçado pela fúria do soberano, se refugiou na corte do rei Sesaque, do Egito.

Lá no exílio presenciou as cerimônias pomposas em homenagem ao deus Ápis, simbolizado na escultura de um boi, expressão plástica entre os egípcios do vigor, da força e da resistência.

Retornando à pátria, ascende ao posto de comando das tribos insurgentes e instala a sede do governo em Siquém e depois em Penuel.

Prevedendo possíveis defecções por parte do seu povo, caso este continuasse a frequentar as solenidades do Templo de Jerusalém, depois de haver consentido por três anos a ida dele à capital de Judá (2º Crônicas 11.16-17), decidiu impedir essa participação nas festas jerosolimitanas. Para a substituição da liturgia do Templo, mandou esculpir dois bezerros de ouro, à imitação dos egípcios, imitação essa já antecipada por Arão no deserto de Sinai (Êxodo 32,1-14).

Queria o novo rei simbolizar nas duas estátuas o poder de Deus. Do Deus Verdadeiro e não de Ápis. Daquele Deus que, no passado, libertara o povo do jugo do Egito. Uma das esculturas instalou em Betel e a outra em Dã, estimulando o povo a ir aos dois santuários servidos pelo sacerdócio também por ele instituído, e a deixar de subir a Jerusalém (1º Reis 12.25-33).

Ressalte-se a intenção do efrateu Jeroboão! Os bezerros, representação plástica da Força e do Poder, construídos em metal precioso, eram símbolo e imagem do Deus Verdadeiro. Alheia de seu objetivo a intenção de cultuar Ápis ou um deus estranho qualquer.

Conquanto o ideal do monarca fosse o mais puro possível e embora por sua mente não passasse o desejo sequer remoto de trocar o Deus Verdadeiro por deuses dos gentios, Jeroboão se desviou do Senhor. As suas imagens se tornaram em pecado e em ídolos (1º Reis 12.30).

Os bezerros de Betel e de Dã se transformaram em tropeço para o povo e causa da grave decadência espiritual e social.

Muito depois ainda os dois ícones motivaram rude polêmica do profeta Oséias, quando o povo, fascinado pelo esplendor da veneração aos bezerros de ouro, oferecia-lhes sacrifícios, acariciava-os e atirava-lhes beijos (Oséias 13.2).

Este profeta Oséias combateu com tenacidade esse culto e lembrou, outrossim, a ignomínia da mudança de Betel em Bete-Áven (Oséias 5.8; 10.5).

BETEL é a Casa de Deus, a porta do céu, onde, em remoto passado, Jacó teve a visão da escada, lutou vigorosamente com Deus e recebeu do Senhor a confirmação da grande promessa feita a Abraão.

BETE-ÁVEN é casa de vaidade porque o culto falso a Deus é vaidade, como vaidade é a idolatria (Jeremias 10.15; 18.15; 51.18).

O vilipêndio da idolatria jeroboaneica acompanhou sempre a história desditosa do rei setentrional, fazendo-o pecar e se constituiu em causa de sua destruição (1º Reis 13.34).

2)- Acabe, outro rei de Israel, sucessor de Jeroboão, além de conservar o culto falso a Deus por meio dos dois bezerros esculpidos pelo seu antigo predecessor, instigado por sua mulher, a sidônia Jezabel, promoveu o culto a Baal, hebraização de Astarte, a divindade do sacerdócio do seu pai, que, por sua vez, era um desdobramento do deus Tamuz da Babilônia, a fonte de todos os deuses da antiguidade. Edificou Jezabel um templo em Samaria, a nova capital de seu reino, e incrementou o seu culto oficializado pelo próprio sacerdócio também criado pela rainha e por ela sustentado.

Foi nessa negra conjuntura que Deus suscitou o profeta Elias, cujo ministério se tornou em paradigma de fidelidade a Deus nosso Senhor.

A experiência ocorrida no Monte Carmelo, quando Elias desafiou Baal e os seus profetas (1º Reis 18.20-40), empolga pela sua têmpera no combate à mentira e pela sua ilimitada confiança em Deus.

Cumpriu-se a ira divina contra Acabe quando, em luta contra os sírios, em Ramote-Gileade, foi ferido. Transportado para Samaria, veio a morrer e, enquanto se lavava o seu carro nas águas em que as prostitutas se banhavam, os cães lamberam-lhe o sangue (1º Reis 22.38).

E sobre a sua memória execranda as Sagradas Escrituras erguem o seguinte epitáfio: **“Ninguém houve, pois, como Acabe, que se vendeu para fazer o que era mau perante o Senhor, porque Jezabel, sua mulher, o instigava; que fez grandes abominações, seguindo os ídolos”** (1º Reis 21.25-26).

Jezabel, porventura, escapara ilesa da ira divina?

Embora ela se enfeitasse, pintando até as voltas dos olhos, para receber o monarca Jeú, mandou este lançá-la da janela do alto prédio abaixo, sendo pisoteada por patas de cavalos. E nem puderam sepultá-la porque os cães lhe devoraram as carnes e ela se tornou em esterco sobre o campo (2º Reis 9.30-37).

Desgraçada sorte foi também a do rei Acazias, filho de Acabe e seu imediato sucessor. Cultuou Baal e, tendo-se ferido num acidente, recorreu a Baal-Zebube, deus de Ecrom. Sua devoção idólatra custou-lhe a vida, tendo um reinado de apenas dois anos (2º Reis 1.1-9, 17).

Posteriormente, ungido rei de Israel pelo profeta Eliseu, Jeú, numa conspiração, matou o rei de Israel, Jorão, filho de Acabe e seu sucessor.

E Jeú só completou a sua missão quando exterminou, em Samaria, os setenta filhos de Acabe; em Jizreel, todos os grandes e os amigos íntimos do ímpio rei; e, em Bete-Equede, os demais parentes dele. Não deixando de resto ninguém das relações de Acabe porque que paz pode haver enquanto as prostituições e as feitiçarias de Jezabel eram tantas? (2º Reis 9 e 10.1-14).

A honra do Senhor Deus deve prevalecer e a Sua soberana vontade deve ser acatada também quanto à forma do culto a Ele.

II

JUDÁ

1)- Sob o reinado de Roboão, filho de Salomão, consumou-se, com a divisão do reino, o castigo de Deus conseqüente da idolatria do velho monarca. Roboão, todavia, recalcitou na rebelião contra o Senhor e, como outro castigo, Sisaque, rei do Egito, subiu contra Jerusalém e saqueou os tesouros do Templo e do palácio real (1º Reis 14.26-27).

2)- Jeorão, assassino dos próprios irmãos, também descambou para as maldades da casa de Acabe, com cuja filha se casara. Conquanto Deus o poupou em atenção à promessa de preservação da lâmpada de Davi no trono de Judá (2º Reis 8.18-19), os filhos do rei prevaricador, com exceção do mais novo, para que se cumprisse a promessa de Deus, os filhos do rei prevaricador foram levados cativos pelos filisteus e pelos árabes (2º Crônicas 21.17). O próprio Acazias só teve tempo de suscitar seu descendente em seu filho Joás. E foi morto por Jeú (2º Crônicas 22.7-9).

3)- Depois de Atalia, também ímpia e também assassinada por Joás à ordem do sacerdote Joiada (2º Crônicas 23.15), Joás, a lâmpada de Davi segundo a promessa divina, assumiu o trono e, enquanto viveu o sacerdote Joiada, seu conselheiro, agiu de acordo com a vontade de Deus. Depois se tornou ímpio e mandou matar Zacarias, filho de Joiada, por haver-lhe censurado os desmandos idolátricos. Numa conspiração dos sírios, foi morto em sua própria cama (2º Crônicas 24.24-25).

4)- Amazias promoveu culto aos deuses dos edumeus, que consigo levava para Jerusalém quando de seu regresso de uma batalha militar

contra aquele povo. Seu fim, por isso, não foi menos trágico do que o de Joás, quando da invasão de Israel, ao ser saqueado o Templo e o palácio real.

5)- Acáz levou suas devoções idolátricas ao extremo de queimar seus filhos no Vale de Hinom e de mandar construir um fac-símile do altar de bronze do Templo de Jerusalém por ele próprio removido. O descontentamento de Deus se manifestou permitindo contra Jerusalém os ataques dos assírios, dos de Israel, dos edomitas e dos filisteus. **“Porque o Senhor humilhou a Judá por causa de Acáz, rei de Israel; porque este permitira que Judá caísse em dissolução, e ele, de todo, se entregou à transgressão contra o Senhor”** (2º Crônicas 28.19).

Inúteis as provações de Deus no sentido de reabilitar o rei rebelde na idolatria. Ao revés, a disciplina do Senhor fê-lo agravar ainda mais a sua insubmissão, movendo-o a destruir os utensílios da Casa do Senhor e fechar-lhe as portas (2º Crônicas 28.22-25).

6)- Após o reinado de Ezequias, que suprimira o culto falso, restaurara o Templo e restabelecera a celebração da Páscoa, outro monarca ímpio, na pessoa de Manassés, tomou a direção do governo. Suas abominações superaram em malícia a todos os seus antecessores ímpios, que atraíram a cólera divina. **“Eis que hei de trazer tais males sobre Jerusalém e Judá, que todo o que os ouvir lhe tinirão ambos os ouvidos... Abandonarei o restante da Minha herança, entregá-lo-ei nas mãos de seus inimigos; servirá de presa e despojo para todos os seus inimigos”** (2º Reis 21.12, 14-15), ameaçava o Senhor Deus.

O arrependimento de Manassés e o reinado piedoso e fiel de Josias delongaram a execução dos juízos de Deus. Nada obstante, o Senhor não desistiu do furor da Sua grande ira, ira com que ardia contra Judá, por todas as provocações com que Manassés O tinha irritado. Disse o Senhor: **“Também a Judá removerei de diante de Mim, como removi Israel, e rejeitarei esta cidade de Jerusalém, que escolhi, e a casa da qual Eu dissera: Estará ali o Meu Nome”** (2º Reis 23.26-27).

Com efeito, anos depois, Nabucodonosor, rei da Babilônia, subiu contra o rei Eiaquim, também ímpio, e o amarrou e o transportou cativo para Babilônia, após haver também saqueado o Templo.

Nabucodonosor constituiu rei de Judá a Zedequias que, apesar das sérias advertências do profeta Jeremias, **“endureceu a sua cerviz e tanto se obstinou no seu coração que não voltou ao Senhor, Deus de Israel”** (2º Crônicas 36.13). Recrudesceram as abominações e as zombarias contra

os profetas de Deus e o furor do Senhor subiu tanto contra o Seu povo que nenhum remédio houve. O Templo foi outra vez saqueado e depois incendiado. Os muros de Jerusalém derrubados após o cerco que a levou à fome. Queimados todos os palácios. Na presença de Zedequias, degolaram-lhe os filhos, vazaram-lhe o olhos, agrilhoaram-no e o povo, subjugado, foi em cativo para a Babilônia.

Cumpriram-se as ameaças de Deus: **“Voltei o rosto contra esta cidade, para mal e não para bem, diz o Senhor; ela será entregue nas mãos do rei da Babilônia, e este a queimará”** (Jeremias 21.10).

Durante setenta anos o povo em cativo se tornou objeto de espanto, de assobio e de opróbrio como vingança do seu culto a deuses falsos e do seu culto falso ao Deus Verdadeiro.

.oOo.

ABOMINAÇÕES, IMUNDÍCIA E PROSTITUIÇÃO

Um velho sacerdote na Rádio Aparecida jamais se cansa de assegurar: *“Idolatria é culto a deuses falsos, a deuses pagãos ou às forças da natureza. As imagens de Deus, de Jesus, de “nossa senhora”, dos “santos”, não são idolatria”*.

Apesar da rompância do discípulo da Grande Babilônia, a forma idólatra mais detestada por Deus, porque a mais abjeta, é exatamente a do culto a Ele por meio de imagens. Ofende mais a Deus o chamado cristão que Lhe oferece culto através de ícones de escultura do que o pobre indígena que venera o sol e se curva diante de uma frondosa árvore.

Compadeço-me profundamente do pobre povo enganado e seduzido pela sua cúpida liderança sacerdotal, a hierarquia romanista, imagem da besta do Apocalipse.

DEUS PROÍBE IMAGENS EM HONRA DELE

De acordo com as Sagradas Escrituras, no culto legítimo a Deus é severamente vetado todo e qualquer uso de imagem ou de representação dEle.

A Arca da aliança, centro de gravitação do culto nos primórdios do Antigo Testamento, foi sempre considerada pelos israelitas como o Trono vazio de Deus. Os querubins, não eram representativos da Divindade, apenas ornamentavam a Arca e faziam parte do Trono sobre o qual Deus Se sentava. **“Ó Pastor de Israel,... Tu que estás entronizado acima dos querubins”** (Salmo 80.1). **“Ali [no propiciatório], virei a ti, e, de cima do propiciatório, do meio dos dois querubins que estão sobre a arca do Testemunho, falarei contigo acerca de tudo que Eu te ordenar para os filhos de Israel”** (Êxodo 25.22).

Com efeito, os querubins da Arca e nas paredes do Templo e os touros que sustentavam a bacia de bronze nunca foram objeto de culto.

A proibição das imagens em Êxodo 20.4-6 e em Deuteronômio 5.8-10, por se constituir em explicitação do Primeiro Preceito (**“não terás outros deuses diante de Mim”**), também atinge a fabricação e o culto de imagens de Deus. E não apenas de deuses pagãos.

No Sinai, Ele não Se demonstrou em figura nenhuma. Em consequência, em Deuteronômio 4.15-18, Ele proíbe com absoluta clareza o emprego de imagens como representação plástica dEle e como objeto do Seu culto. **“Guardai, pois, cuidadosamente, a vossa alma, pois aparência nenhuma vistes no dia em que o Senhor, vosso Deus, vos falou em Horebe, no meio do fogo; para que não vos corrompais e vos façais alguma imagem esculpida em forma de ídolo, semelhança de homem ou de mulher, semelhança de algum animal que há na terra, semelhança de algum volátil que voa pelos céus, semelhança de algum animal que rasteja sobre a terra, semelhança de algum peixe que há nas águas debaixo da terra”**.

Deus é transcendente! E Isaías, em decorrência dessa transcendência divina, pergunta: **“Com que comparareis a Deus? Ou que coisa semelhante confrontareis com Ele?”** (Isaías 40.18). A ninguém e a nenhuma figura!

Através do profeta, Ele próprio interroga: **“A quem, pois, Me comparareis para que Eu lhe seja igual?”** (Isaías 40.25).

A resposta categórica, afirmativa, vem dEle mesmo: **“Eu sou o Senhor, este é o Meu Nome; a Minha glória não a darei a outrem, nem a Minha honra, às imagens de escultura”** (Isaías 42.8).

MOISÉS VINDICA A HONRA DIVINA ULTRAJADA

Moisés, cuja biografia se repleta de gestos intrépidos de fidelidade a Deus, é enaltecido pelas Sagradas Escrituras como o homem **“mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a terra”** (Números 12.3).

Manso! Não omisso. Não indolente. Não mansarrão. Não conivente.

Manso! Encontro-o a espatifar as próprias tábuas da Lei, a moer e a queimar o bezerro de ouro e a mandar matar os idólatras do seu povo quando acampado no deserto de Sinai.

Enfurecera-se naquela conjuntura Moisés, porventura, por surpreender os seus liderados em culto a um deus falso, como ocorrera em Sitim, onde o povo cultuara a Baal-Peor?

A situação é por completo diferente.

E aconteceu assim!

Enquanto Moisés permanecia sobre o Monte Sinai ouvindo a Palavra de Deus e recebendo a Lei, o povo, atendendo sugestões de Arão, juntou joias de ouro e com elas esculpiu um bezerro de fundição.

Edificado o altar e a imagem dele entronizada, ofereceram-se em sua honra e devoção holocaustos e ofertas pacíficas, seguindo-se grande festança. É o registro de Êxodo 32.1-6.

Surpreendendo o povo em semelhantes celebrações, Moisés, o homem **“mui manso, mais do que todos os homens”**, tomado de cólera, arremessou das mãos as tábuas e as despedaçou ao pé do monte. Então, sem qualquer respeito pelas convicções religiosas dos outros, tomou o bezerro que tinham feito e queimou-o no fogo e, moendo-o até se tornar em pó, o espargiu sobre a água e deu-o a beber aos filhos de Israel (Êxodo 32.19-20). E ordenou a execução sumária dos idólatras, cerca de três mil homens (Êxodo 32.28).

A imagem do bezerro fora fabricada em honra do Verdadeiro Deus. Os hebreus, durante 430 anos no Egito, imbuídos da ideia de que o boi figurava a força e o poder dos deuses pagãos, quiseram empregar o mesmo conceito neste seu culto a Deus na figuração plástica do bezerro de ouro.

Na sua ardente e sincera devoção, se despojaram de suas joias porque anelavam oferecer a Deus o melhor e simbolizá-lo numa imagem de ouro, o metal precioso.

Quiçá não teria sido a imagem consagrada a um deus egípcio à semelhança do boi Ápis, poder-se-ia perguntar.

A regra áurea para a compreensão das Escrituras quando nos deparamos com uma passagem obscura ao nosso intelecto é a seguinte: A BÍBLIA ESCLARECE A PRÓPRIA BÍBLIA.

Aplicamo-la neste caso se desejamos desaprender as informações erradas quanto àquele bezerro ser uma imagem de um deus pagão.

O salmista, mencionando o acontecimento, afirma: **“Em Horebe, fizeram um bezerro e adoraram o ídolo fundido. E, assim, trocaram a glória de Deus pelo simulacro de um novilho que come erva”** (Salmo 106.19-20).

Neemias, de semelhante sorte, assegura haver sido uma imagem de Deus aquele bezerro: **“Fizeram para si um bezerro de fundição e disseram: Este é o teu Deus, que te tirou do Egito; e cometeram grandes blasfêmias”** (Neemias 9.18).

Cometeram os israelitas o pecado de idolatria! Reconhece-o Estêvão: **“Naqueles dias, fizeram um bezerro e ofereceram sacrifícios ao ídolo, alegrando-se com as obras das suas mãos”** (Atos 7.41). Admitiu-o, com idêntica clareza Paulo Apóstolo quando, lembrando a ocorrência do bezerro de ouro em Horebe, exortou os coríntios que não se tornassem idólatras como aqueles hebreus (1ª Coríntios 10.7).

Imagem representativa de Deus é pecado!

Ao recordar Moisés as murmurações e as infidelidades dos israelitas em suas viagens pelos desertos, menciona o bezerro que tinham feito e o chama de PECADO (Deuteronômio 9.21).

A atitude de Moisés, severa e radical segundo o conceito efeminado dos moleirões, foi consentânea com o seu ministério de vindicar a honra de Deus, cuja glória jamais Ele atribui às imagens esculpidas.

O ESCÂNDALO DE JEROBOÃO DESGRAÇA ISRAEL

Morto Salomão e instalado Roboão, seu filho, no trono do reino, Jeroboão retorna do seu refúgio no Egito.

Executam-se os juízos de Deus ao ser rasgado o reino. As dez tribos do Norte aderiram a Jeroboão. Judá e parte considerável de Benjamim seguiram Roboão, qual lâmpada de Davi diante do Senhor em Jerusalém. Cumpriram-se as profecias de Aías como resultado do desprezo a Deus por parte do povo. Dispusera-se este a seguir o seu monarca Salomão no nefando culto a Astarote, deusa dos sidônios, a Camos, deus dos moabistas, e a Milcom, deus dos amonitas.

Após a cisão do reino, as dez tribos fiéis a Jeroboão, continuaram a frequentar as festas do Templo de Jerusalém. Este contato punha em

ameaça a fidelidade do Norte ao soberano que, havendo por oportuno evitar estas peregrinações, mandou edificar dois santuários nos territórios do seu domínio (Betel e Dã), neles entronizando duas imagens na forma de bezerro, esculpidas em ouro.

Ensinara-lhe a permanência no Egito quando lá estivera exilado, como ocorrera com os seus antigos patrícios, o hábito dos egípcios de simbolizar a divindade na figura de um boi, representação do vigor e da força.

Na ausência da Arca, os dois animais em ouro representariam a presença de Deus entre eles. **“E disse ao povo: Basta de subirdes a Jerusalém; vês aqui teus deuses, ó Israel, que te fizeram subir da terra do Egito!”** (1º Reis 12.28).

Estabeleceu, ainda, à semelhança dos costumes de Judá, solenidades religiosas com holocaustos e ofertas de incenso. Constituiu um sacerdócio espúrio com homens que não eram da descendência levítica.

Jeroboão não só apartou o seu povo de seguir a Deus no cumprimento dos seus deveres religiosos para com Ele, mas, levando à prática do culto falso a Deus, fê-lo **“cometer GRANDE PECADO”** (2º Reis 17.21), pois as imagens do bezerro, em si próprias, se constituíam em PECADO (1º Reis 12.30).

Com efeito, a própria imagem é pecado e o culto a Deus por meio dela é **“GRANDE PECADO”**.

Se a idolatria, de si mesma, é pecado e o seu exercício é grande pecado, constitui-se esse uso em CAUSA de pecado e motivo dos juízos divinos (1º Reis 13.34).

O grande pecado das práticas idólatras do culto falso a Deus nunca está sozinho. Acompanha-o sempre o cortejo de outros pecados. E clamam aquelas práticas as vinganças dos céus!

Cometera o rei do Norte o mal, pior do que todos os males cometidos por seus antepassados (1º Reis 14.9). Sim, a idolatria do culto falso a Deus é mais grave do que a dos deuses falsos.

Se, no passado, Deus usara Aías como profeta dos seus castigos à casa de Salomão, vale-se outra vez dele, nesta conjuntura, para avisar Jeroboão da cólera do Senhor que sobre ele pesa: **“Eis que trarei o mal sobre a casa de Jeroboão, e eliminarei de Jeroboão todo e qualquer do sexo masculino, tanto o escravo com o livre, e lançarei fora os descendentes da casa de Jeroboão, como se lança fora o esterco, até que, de todo, ela se acabe”** (1º Reis 14.10). Ainda, em outra ocasião, em 1º Reis 14.7-16, o Senhor mandou o profeta Aías predizer ao soberano as trágicas consequências dos seus desmandos idólatras.

E, como demonstração da seriedade das Suas ameaças, feriu-lhe de imediato o Senhor Deus a casa com a morte de Abias, seu filho.

A VISITA DA INIQUIDADE DOS PAIS NOS FILHOS

Vinculam-se ao Segundo Preceito do Decálogo graves e explícitas ameaças para os seus infratores: **“Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma... Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque Eu, o Senhor, teu Deus, sou Deus zeloso, que VISITO A MALDADE DOS PAIS NOS FILHOS ATÉ A TERCEIRA E QUARTA GERAÇÃO DAQUELES QUE ME ABORRECEM”** (Êxodo 20.4-5).

As predições de castigos por intermédio do profeta Aías contra a família de Jeroboão concordam com este pronunciamento divino.

Nem foi preciso chegar à terceira ou à quarta descendência do monarca para o cumprimento dessas ameaças.

Sucedeu-o no trono do Reino do Norte Nadabe, seu próprio filho. Nem bem completara dois anos de governo, Baasa, de origem alheia ao sangue do soberano, conspira contra ele. Mata-o e assume a coroa real. **“Logo que começou a reinar, matou toda a descendência de Jeroboão; não lhe deixou ninguém com vida, a todos exterminou, segundo a palavra do Senhor, por intermédio do Seu servo Aías, o sionita, por causa dos pecados que Jeroboão cometera e pelos que fizera Israel cometer, por causa da provocação com que irritara ao Senhor, Deus de Israel”** (1 Reis 15.29-30).

Conquanto Baasa de tudo soubesse, persistiu nos caminhos idólatras de Jeroboão.

Sobrevieram-lhe as mesmas desgraças do seu antecessor. Idênticas desgraças para idênticas transgressões.

Sucedeu-o no trono seu filho Elá, que, nos anos do seu reinado, conservou o pecado de Jeroboão.

Zinri, um dos seus servos, contra ele rebelou-se e, matando-o bêbado, assentou-se no trono. Feriu todos os descendentes de Baasa, já na segunda geração. Não lhe deixou homem algum, nem de seus parentes, nem de seus amigos (1º Reis 16.9-13).

No seu curtíssimo governo de apenas sete dias, sustentou o culto blasfemo instituído por Jeroboão. Rebelou-se o povo contra ele e constituiu Onri rei de Israel. Zinri suicidou-se.

Onri governou doze anos. Edificou a cidade de Samaria. Conservou o culto falso dos bezerros nos moldes estabelecidos pelo primeiro monarca do reino rebelde. Sua morte foi natural.

Seguiu-se-lhe na coroa o filho Acabe.

Acabe adotou uma religião sincretista. Tendo-se casado com a ímpia Jezabel, dos sidônios, filha de Etbaal, sacerdote de Astarte, além de conservar o culto adotado por Jeroboão, promoveu e incentivou o culto a Baal.

No capítulo precedente, vimos como foi o seu fim, bem como o de Jezabel, em decorrência de seu comprometimento com a idolatria do culto a deuses falsos e do culto falso ao Deus Verdadeiro.

Acazias, filho de Acabe, herdou-lhe o poder. Sustentou o sincretismo religioso imposto pelo pai. Acidentou-se gravemente e, como castigo por haver recorrido ao deus Baal-Zebube, morreu sem deixar um filho que o sucedesse.

Por isso ascendeu ao trono o seu irmão Jorão, cuja administração se destacou pelo combate parcial ao sincretismo religioso estabelecido por seu pai Acabe. Embora removesse o ídolo de Baal do templo deste, prosseguiu o culto falso dos bezerros de ouro.

Eliseu, o profeta, ungiu Jeú, um dos seus discípulos, rei de Israel, com a incumbência específica de matar Jorão e Jezabel.

Jeú matou os dois e todos os filhos de Acabe, extinguindo-lhe por completo a família e os amigos íntimos.

As ameaças contra os violadores do Segundo Preceito recaíram em brutal realidade também sobre os descendentes de Acabe, os quais, no trono, não passaram da primeira geração.

Tendo conquistado o poder, Jeú exterminou completamente o culto de Baal. Matou os seus sacerdotes e os seus fiéis. Queimou os seus altares e derrubou o seu templo, transformando-o numa latrina.

Seu iconoclastismo, contudo, não o conduziu a executar idêntica operação com a estátua de Asera, construída por Acabe, e com os bezerros de Jeroboão. Combateu com tenacidade o culto aos deuses falsos, mas se omitiu quanto ao combate do culto falso ao Deus Verdadeiro.

Como galardão de sua intransigência na luta do extermínio do culto a Baal, garantiu-lhe o Senhor a permanência dos seus filhos no trono real até a quarta geração (2º Reis 10.30).

Com efeito, na ordem direta dos seus descendentes, sucederam-lhe na coroa: seu filho Jeoacaz, seu neto Joás (filho de Jeoacaz), seu bisneto Jeroboão II (filho de Joás) e o seu tataraneto Zacarias (filho de Jeroboão II).

Com este Zacarias completava-se o prêmio prometido por Deus a Jeú. Zacarias foi assassinado por Salum, filho de Jabes, que se apossou do governo. **“Esta foi a palavra que o Senhor falou a Jeú: Teus filhos, até a quarta geração, se assentarão no trono de Israel. E assim sucedeu”** (2º Reis 15.12).

UMA REFLEXÃO

O Senhor Deus condicionara a Jeroboão a permanência de seus descendentes como herdeiros sucessivos do trono do Reino do Norte à sua obediência a Ele no tocante ao repúdio à idolatria (1º Reis 11.38).

Idêntica promessa fizera a Salomão. Teria este, de modo contínuo e permanente, os de sua geração no trono do Reino de Judá, como uma lâmpada de Davi.

O protótipo de ambas as descendências é a fidelidade de Davi ao Senhor. Davi, apesar dos seus graves pecados de adultério com Bate-Seba e de homicídio, jamais se permitiu resvalar para a idolatria, sustentando-se sempre na lealdade a Deus.

Vem muito de molde observar-se que, embora muitos reis do Reino de Judá praticassem a idolatria do culto a deuses falsos, chegando ao extremo de instalar imagens deles no próprio Templo e lhes oferecessem sacrifícios nos altos, jamais praticaram o culto falso ao Verdadeiro Deus por intermédio de imagens Suas, supostas representações.

Os monarcas do Reino do Norte, contudo, logo de início, com Jeroboão, deliberadamente criaram e mantiveram o abjeto culto. Como resultado, quase todos os seus reis foram apeados do poder em consequência de conspirações e a sua descendência não se prolongou no trono, com exceção da de Jeú, até a quarta geração por condescendência especial de Deus.

São fatos – e contra fatos não há argumentos! – que comprovam a maior abominação de Deus contra o culto falso a Ele votado por meio de ícones, do que contra o culto aos deuses falsos, apesar de detestar Ele também este último.

MALDIÇÕES QUE SE CONSUMAM

Se Deus premiara Jeú ao permitir a presença dos seus descendentes até a quarta geração na soberania do Reino do Norte pelo fato de haver

exterminado por inteiro o culto a Baal, contudo Sua bênção foi incompleta, pois não se alargou além do seu tataraneto e já nos dias de Jeú os limites de Israel passaram a sofrer arranhaduras da parte dos sírios.

É a ira do Senhor por causa dos pecados de Jeroboão, conservados pelo próprio Jeú, tão ardoroso na refrega contra Baal.

Já no tempo de Jeú principiaram a se cumprir as previsões de seu mestre, o profeta Eliseu.

De fato, quando Hazael, a mandado de Ben-Hadade, rei da Síria, foi encontrar-se com Eliseu, fixando-lhe os olhos e em pranto, o profeta asseverou: **“Por que sei o mal que hás de fazer aos filhos de Israel; deitarás fogo às suas fortalezas, matarás à espada os seus jovens, esmagarás os seus pequeninos e rasgarás o ventre de suas mulheres grávidas”** (2º Reis 8.12).

Hazael matou o seu soberano Ben-Hadade e se apossou do reinado sírio. Tornou-se no grande verdugo de Israel, cuja missão começou a executar sob o governo de Jeú.

A mão vingadora de Deus santo deveria pesar sobre o Reino das Dez Tribos em consequência das suas abominações do culto falso a Ele.

Jeoacaz, filho de Jeú, seguiu o exemplo do pai no tocante à preservação dos bezerros de Dã e de Betel, **“pelo que se acendeu contra Israel a ira do Senhor, o qual os entregou nas mãos de Hazael, rei da Síria, e nas mãos de Ben-Hadade, filho de Hazael, todos aqueles dias”** (2º Reis 13.3).

Conquanto Jeroboão II restabelecera os termos de Israel, resgatando-os da dominação síria, permitiu ainda a presença do culto falso a Deus.

Depois de Zacarias, poucos reis cingiram a coroa do Reino do Norte: Salum, assassino de Zacarias, governou apenas um mês e foi morto por Menãem, que o sucedeu; e Pecaías, filho do seu imediato antecessor, tendo governado dois anos, foi deposto por Peca. Este, por seu turno, foi morto por Oséias, que se tornou seu sucessor.

Todos eles conservaram os bezerros do culto falso a Deus.

Nos dias de Peca, o rei da Assíria, Tiglate-Pileser, invadiu muitas cidades de Israel e levou seus habitantes cativos para a Assíria.

Pretendeu Oséias aliar-se a Sô, rei do Egito, no intuito de se libertar do domínio assírio. Salmanasar, o novo rei assírio, descobriu a conspiração e encerrou Oséias agrilhado na prisão. Sitiou Samaria por três anos, depois dos quais conquistou-a e transportou em cativo para a Assíria todos os seus moradores, preenchendo essas vagas com os gentios trazidos de Babilônia e de outras terras.

Tantas desgraças consumaram as maldições de Deuteronômio 4.23-28 consubstanciadas neste apelo divino: **“Guardai-vos não vos esqueçais da aliança do Senhor, vosso Deus, feita convosco, e vos façais alguma imagem esculpida, semelhança de alguma cousa que o Senhor, vosso Deus, vos proibiu. Porque o Senhor, teu Deus, é fogo que consome, é Deus zeloso. Quando, pois, gerardes filhos e filhas de filhos, e vos envelhecerdes na terra, e vos corromperdes, e fizerdes alguma imagem esculpida, semelhança de alguma cousa, e fizerdes mal aos olhos do Senhor, teu Deus para O provocar à ira, hoje tomo por testemunhas contra vós o céu e a terra que, com efeito, perecereis, imediatamente, da terra a qual, passando o Jordão, ides possuir; não prolongareis vossos dias nela; antes, sereis de todo destruídos. O Senhor vos espalhará entre os povos e restareis poucos em número entre as gentes aonde o Senhor vos conduzirá. Lá servireis a deuses que são obra de mãos de homens, madeira e pedra, que não vêem, nem ouvem, nem comem, nem cheiram”**.

Com efeito, todas essas angústias resultaram das práticas idolátricas pelos rebeldes israelitas: **“Seguiram os ídolos, e se tornaram vãos, e seguiram as nações que estavam em derredor deles, das quais o Senhor lhes havia ordenado que não as imitassem”** (2º Reis 17.15).

Imitaram-nos a ponto de deixarem **“os mandamentos do Senhor seu Deus e também fizeram para si imagens de fundição, dois bezerros; fizeram um poste ídolo e adoraram todo o exército do céu, e serviram a Baal”** (2º Reis 17.16).

Apesar de haver Jeú, no passado, extinto o culto aos deuses dos gentios, como Baal, o povo, contudo, não abandonou a idolatria porque prosseguiu no culto falso a Deus através dos bezerros. E o trágico resultado da contumácia ocorreu com a consumação de tamanhos e horríveis castigos.

EM CONCLUSÃO

À saciedade os fatos registrados nas Páginas Sagradas e em parte neste capítulo rememorados provam e comprovam que as imagens em honra do próprio Deus são por Ele abominadas com mais repulsa do que as dedicadas aos deuses falsos.

Deus – é óbvio! – abomina todas e quaisquer manifestações de idolatria.

Mas, repita-se! Sua ira recai com mais ímpeto sobre os que querem cultuá-LO por meio de imagens.

A espiritualidade de Deus jamais pode ser representada por algo material. Sua espiritualidade transcende a matéria!

A espiritualidade de Deus impede-O até de definir-Se. Se Se definisse, limitar-Se-ia. Intranscendentalizar-Se-ia!

Deus não é só o Deus da Natureza e da História: o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, o Deus de Jacó.

Ante a pergunta ansiosa de Moisés quando da experiência da sarça ardente, porque desejava conhecer-Lhe o Nome, Deus respondeu: **“Eu sou o que sou”** (Êxodo 3.14).

Deixa Moisés no mistério... No mistério próprio da Divindade.

É o Deus Vivo em contraposição aos ídolos, mortos e inertes.

“Eu sou o que sou”, com toda a indeterminação que esta fórmula implica.

Definir Deus ou definir-Se Deus é absolutamente impossível.

E suporíamos possibilidade de representá-LO com a matéria?

.oOo.

A MÃE DAS PROSTITUIÇÕES

Alongamo-nos nos dois capítulos precedentes a examinar, à luz das Sagradas Escrituras, as quedas do povo de Israel e de Judá na idolatria e de como se manifestou a ira de Deus.

Em Jesus Cristo, Deus completou a Sua revelação e na morte do Salvador consumou a redenção objetiva do pecador. Alçado na cruz das nossas iniquidades, suspenso entre o céu e a terra, Jesus Cristo divide a História em duas principais partes: antes e depois de Cristo.

Se Ele divide a História, contudo derrubou a barreira de separação entre hebreus e gentios, fazendo de ambos um só povo. Ouvindo este a Sua Palavra e aceitando o Seu sacrifício redentor, deveria ser povo Seu, ovelhas do Seu rebanho.

Empenharam-se os discípulos dos tempos apostólicos a propagar ao mundo a mensagem salvífica e de união dos homens em Jesus Cristo.

Distinguiu-se na execução dessa incumbência Paulo Apóstolo.

Já naquelas eras do Cristianismo apostólico, o joio das heresias adúlteradoras da revelação de Cristo principiou a fincar suas raízes no

solo espargido com a Mensagem do Evangelho. O fermento das corrupções doutrinárias passou a levedar a fé.

Se Paulo se salientara como pregador da Palavra da Verdade, notabilizou-se muito mais como defensor da Verdade da Palavra! **“Estou incumbido da defesa do Evangelho”**, identifica-se ele aos filipenses (Filipenses 1.16).

Embora o ministério de rebater a corrupção doutrinária lhe valesse indisposições da parte dos amaciados, jamais esmoreceu.

Mas é sempre assim! O plano inclinado favorece muito mais o comodismo do pecador. A ascensão é custosa de galgar e requer desprendimento. Dançar ciranda com os adúlteros da Verdade é muito mais conveniente à ambição do prestígio do que a luta em prol de preservar a pureza da Verdade. O apego honesto aos princípios sagrados sempre cria áreas de atrito e carrega antipatias.

Já nas Cartas apostólicas e em Atos dos Apóstolos se apresentam os hereges com a sua nefasta atuação. E destes surgiu o Catolicismo fundamentado na tese dos “cristãos legalistas” a exigir o contributo de obras além da fé em Jesus Cristo para a salvação do pecador.

Por mais que o Apóstolo batalhasse (e as suas Epístolas aos Romanos e aos Gálatas, sobretudo, são prova disso), por mais que o Apóstolo batalhasse, o Catolicismo, então incipiente, prosperou. E, no repassar dos séculos, graças à sua maleabilidade e capacidade de adaptação, foi engrossando o seu ideário de dogmas marcados com as características da idolatria.

E hoje a sua dogmática é um inesgotável repertório de feitiçarias e de usos idolátricos.

Acentuada expansão do Catolicismo se deve à ascensão do bispo de Roma ao posto de primaz de “igreja” dotado do dom da infalibilidade (?). Seus oráculos são definições de fé.

Segunda besta, a besta religiosa, é o “papa” o Anticristo, fundamento e sustentáculo da Grande Babilônia, a sistematização católica, a **“mãe das prostituições e abominações da terra”**.

O Catolicismo é essa mãe em e de cujo útero, fecundado sempre pelo Anticristo, o seu “papa”, são geradas e despejadas em seguidas deliberações suas crias idolátricas.

O clero romanista é incansável em mencionar o Catolicismo como a “mãe igreja”. O Concílio Vaticano II então insistiu numa repetição de cansar a locução: “mãe igreja”.

Certo! Absolutamente certo!!! O Catolicismo é mãe! Mãe de verdade! É a mãe das prostituições! É mãe de verdade, sem ser mãe da Verdade!

A Verdadeira Igreja de Jesus não pode ser mãe como o Catolicismo quer ser. A Verdadeira Igreja não pode ser mãe porque ainda é a Noiva de Jesus (Apocalipse 21.4). Seus esposórios se darão no final de toda a consumação escatológica.

A “igreja” que agora quer ser mãe é prostituta de Satanás. É o Catolicismo!

O clero e o Vaticano II têm razão! O Catolicismo é a “mãe igreja”, mãe das prostituições.

Vamos à demonstração da denúncia!

1)- Deus proíbe a fabricação de imagens. A mãe das prostituições, através da imagem da besta (a sua hierarquia), contraria a Palavra de Deus e determina a confecção delas para, com as suas feitiçarias, enganar todas as nações (Apocalipse 18.13).

Deus, em Êxodo 20, com clareza límpida e meridiana, proíbe: **“Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra”** (Êxodo 20.4).

Lá vem a mãe das prostituições contrariando a Palavra categórica de Deus e determina fabricar imagens. Imagens de tudo e sob todas as desculpas, inclusive a da arte. E da didática!

“De tudo o que há em cima nos céus” ela manda fazer imagens ou representações. Do Pai como um velho barbudo ou na forma de um olho arregalado no interior de um triângulo. Do Filho como uma criança, como homem feito de coração de fora, com os braços amarrados ou estendidos, a carregar a cruz ou nela cravado. Do Espírito Santo como uma pomba.

De anjos, de serafins, de arcanjos, de querubins com asas mais abertas ou mais fechadas e nas vestes das mais variadas cores. Imagens dos espíritos angélicos em madeira, bronze, gesso e também na forma de crianças que desfilam nas procissões ou coroam as madonas do mês de maio.

Imagens do sol, da lua, de estrelas, de cometas sob os pés da “virgem”, nas lapinhas de dezembro e nas cabeças esplendentes dos ícones.

Contrariando a Palavra clara de Deus, a mãe das prostituições **“de tudo que há em baixo na terra”** faz imagens...

De homens: santos patriarcas, profetas, apóstolos, evangelistas,... De mulheres e homens canonizados a peso de ouro pela infalibilidade (?) do “papa”, o supremo vértice da hierarquia clerical, a imagem da besta... De mulheres as mais impúdicas e de homens os mais truculentos, como

Domingos de Gusmão, elevado às honras dos altares, exatamente por haver, numa manhã de domingo, durante a celebração da missa, ateadado fogo ao templo católico com as portas cerradas por lá dentro haverem-se refugiado alguns servos de Deus açodados pela sua sanha de ódio inquisitorial.

Imagens de quadrúpedes, bípedes e répteis! Um boi para “são” Mateus, um leão para “são” Marcos, um cachorro para “são” Roque e outro para “são” Bernardo e mais um (e este peludo) para “santa” Madalena. Uma águia para “são” João Evangelista, um cavalo para “são” Jorge, um porco para “santo” Antão, um carneiro para “são” João Batista, uma pomba para o Espírito Santo. Sob os pés da senhora da Conceição uma serpente a espremer nas mandíbulas arreganhadas uma fruta vermelha! Uma infinidade de bichos para a sua infinita corte santoral...

Imagens até do próprio demônio conjuntamente com “são” Miguel Arcanjo...

Imagens de objetos! De palmas, de salvas, de jarros, de bordões, de cruzes, de lenços, de flores, de galhos,...

Deus explicita Sua proibição também quanto a peixes e animais aquáticos: **“nem nas águas debaixo da terra”**. Mas a mãe das prostituições, em oposição ostensiva e arrogante à Palavra do Senhor, determina fazerem-se imagens de crocodilos, de peixes. Peixes em telas, peixes pintados ou bordados nas toalhas de sua liturgia. Peixes na forma de distintivos para a lapela dos paletós.

O Catolicismo é o Panteon de todos os ídolos!

Construía-o no ano 25 a. C. o pagão Marcos Vespasiano Agripa, genro do Imperador Augusto e o dedicara a Júpiter, depois a Marte e a Vênus. E este templo acabou abrigando todos os deuses do Olimpo.

Mármore, pórfiro, granito, bronze, ouro, prata, marfim, tornaram o Panteon no mais rico dos templos do antigo paganismo. A maior maravilha da velha engenharia, por sua imponência e suntuosidade, perfeição arquitetônica e solidez.

Nos princípios do século VII, Focas, o Imperador tirano e usurpador do Império, doara-o ao “papa” Bonifácio III ao qual outorgou, outrossim, o título de Bispo Universal do Catolicismo. Focas não só deu imenso impulso ao culto das imagens com também ao culto da pessoa do supremo hierarca de Roma porque idolatria e papolatria sempre andam de mãos dadas.

Bonifácio III o transformou em templo romano em 608. Bonifácio IV encheu-o de relíquias, em grande número, recebendo a antiga morada de Júpiter o nome de “santa” Maria dos Mártires.

Aquele Panteon do antigo paganismo tornou-se relicário do paganismo contemporâneo. Ele significa muito bem o Catolicismo: o panteão de todos os deuses.

A grande prostituta, cuja nefanda missão é a de, com a prostituição do seu culto aos ídolos, corromper a terra (Apocalipse 19.2).

Com efeito, o Catolicismo, em sendo a permanente revivescência de todas as manifestações de idolatria, encampou e carrega no seu imenso e insuperável ventre todos os deuses e semideuses do paganismo, pluralizando o número deles, na sua corte de todos os “santos”.

Em Atenas comemoravam-se as dipolias, as festas anuais em honra de Júpiter Policus, o padroeiro da cidade. O Catolicismo, à imitação do velho paganismo, tem para cada cidade, cada província, cada país, cada vilarejo um orago. “São” Jorge para a Inglaterra, “senhora” Aparecida para o Brasil, “são” Sebastião para o Rio de Janeiro, “senhora” do Carmo para o Recife,... Os seus deuses são tão numerosos como os países, as cidades, os vilarejos (Jeremias 2.28).

No antigo paganismo atribuía-se um protetor para cada doença, para cada órgão. Mercúrio para as doenças da garganta e dos pés, Vesta para os ferimentos causados pelo fogo, Cupido para os dos olhos.

O Catolicismo sincretista segue a mesma rota. Um protetor para cada enfermidade e para cada órgão do corpo humano. “São” Brás para a garganta. Para os olhos “santa” Luzia. “São” Lázaro para a pele. As queimaduras têm em “são” Vicente o seu aliviador.

Também para cada profissão um padroeiro. “São” Cristóvão para os motoristas, “são” Sebastião para os pecuaristas, “são” José para os carpinteiros, “santo” Tomás de Aquino para os filósofos, “são” Francisco de Sales para os jornalistas, para os comerciantes (sobretudo os desonestos) “são” Dimas. A “senhora” de Loreto para os viajantes. Os jornais de ontem, (9 de setembro de 1979) noticiam a ida do “papa” João Paulo II ao santuário da “senhora” de Loreto pedir-lhe a proteção para a sua viagem a Irlanda e Estados Unidos a ocorrer agora nos princípios de outubro. O próprio pontífice dá o exemplo de recorrer aos “padroeiros” neste Catolicismo reformado e renovado com o Concílio Vaticano II, como querem imaginar os pascácios da boa vontade!

O Catolicismo é a revivescência do antigo paganismo!

Na antiguidade, Flora era a deusa das flores. O Catolicismo do “papa” tem a sua “santa” Rosa de Viterbo, a “santa” das rosas, com um avental cheio delas. “São” Cosme e “são” Damião, os “santos” das crianças, “São” Castor e Polux, os antigo gêmeos, a dupla dos deuses da fecundidade.

“Santa” Bárbara, invocada nas tempestades e nos perigos dos raios, é a atualização da deusa Fulgura.

“Santa” Rita de Cássia é a catolicização de Chera, a deusa das viúvas, porque ambas exercem a mesma função.

“Santo” Antonio é honrado com a “trezena” numa lembrança continuada da *lapidaçan*, as festas celebradas em treze dias seguidos em honra de Damia e Auxênia.

A mariolatria romanista não pode escapar da regra sincretista do panteão papal. Aliás, de si mesma, a mariolatria é um panteão.

Em 431, foi em Éfeso proclamado o seu primeiro dogma: o da maternidade divina de Maria. Em Éfeso! Exatamente no lugar onde, na Ásia Menor, se centralizava o culto a “nossa senhora” Diana, cujo templo, pela sua magnificência, era uma das sete maravilhas. Maria sucessora de Diana!

Em Maria se concentram muitas figuras da velha mitologia pagã.

Até as celebrações marianas de maio se constituem em prolongamento das festividades da senhora Diana dos efésios acontecidas nesse mesmo mês.

Como Mania, Maria é a mãe de Deus. Como Belisana ela é a rainha dos céus. Como Tugia ela é a mãe da alegria. Como Conso ela é a “nossa senhora” do bom conselho. Como Hygia ela é a “nossa senhora” da saúde. Como Pas, a filha de Júpiter, ela é a “nossa senhora” da paz. Como Vitória é a “nossa senhora” da vitória (e ambas trazem uma palma). Como Lucina é a “nossa senhora” do parto. Como Dica, a protetora da capacidade intelectual, ela é a “nossa senhora” da cabeça. Como Pertunda é a “nossa senhora” dos prazeres. Como Pelônia é a “nossa senhora” do perpétuo socorro. Como Februa é a “nossa senhora” da purificação também celebrada em fevereiro. Como Morte é a “nossa senhora” da boa morte. Como Tanfana é a “nossa senhora” da boa sorte. Como Thaumanta, sobrenome da deusa Íris, é ela a “mãe admirável”. Como Netuno, deus do mar, é a “nossa senhora” dos navegantes e da boa viagem e também a “nossa senhora” do Loreto, visitada e invocada por João Paulo II. Como Diana, recorrida pelas mulheres grávidas, ela é a “nossa senhora” do parto, tendo nos braços um menino com pipizinho de fora.

As diopetes eram imagens miraculosas descidas do céu, como a da deusa Diana. As imagens milagrosas da “senhora” também descidas do céu abundam nos anais católicos.

Temos aqui no Brasil a “milagrosa” imagem da “senhora aparecida”, a padroeira da Pátria. Indescritível prodígio trouxera-a dos céus. Sem sofrer qualquer dano, caíra das imensuráveis alturas! Mas em maio de 1978 caiu

do seu altar de dois ou três metros de altura e se esfacelou em 175 pedaços...

O rosário, tradicional devoção mariana que consiste na repetição enfadonha de “ave-marias” numeradas em contas presas por pequenas argolas de metal, esse rosário, como não podia ser diferente, também procede da Babilônia. O próprio nome ROSÁRIO é de origem caldaica, porque, neste idioma, *RO* (pensamento) e *SHAREB* (diretor) formam a palavra ROSÁRIO, que também é usado entre os brâmanes, os hindus e os tártaros nas suas feitiçarias.

O culto católico, salada de todos os cultos pagãos da antiguidade, é motivo de zombaria para as pessoas sensatas, como, de resto, acontecia naqueles velhos tempos quando os pensadores contemporâneos da época não poupavam o ridículo para as devoções então em uso. Heráclito, Xenófanes, Antístenes, Zenão, Sófocles, Plutarco, Sêneca, Heródoto... Todos chacoteavam a proliferação de deuses. Diógenes, de certa feita, atirou ao fogo uma imagem do deus Hércules, zombeteando e dizendo: “Vamos, realiza a tua décima terceira façanha, ajudando-me a cozinhar o meu prato de lentilhas”.

A pregação dos profetas vergastava a propensão dos israelitas em copiar os cultos cananeus, fenícios, assírios e caldeus.

Podemos fazer nossas sátiras do profeta Isaías e atirá-las à face da devoção católica!

O ridículo de suas imagens, já pelo contorno em aberração à anatomia do corpo humano, já pela cromática extravagante, culmina, todavia, quando o seu escultor ou pintor imprime na sua obra as suas tendências pessoais ou o seu temperamento. Leonardo da Vinci, por exemplo, caricaturizou por esta forma o seu “são” João Batista na figura de um andrógino, com um sorrizinho “à gioconda”, inconcebível no austero precursor de Cristo. É que da Vinci, apaixonado da beleza feminina, nem sempre fugia à tentação de velar masculinidades...

2)- Deus proíbe não só a fabricação, mas também qualquer manifestação cültica às imagens. A **“mãe das prostituições”**, a Babel-Roma (a hierarquia clerical), contudo, em ostensiva rebeldia à Palavra Divina, impõe e divulga os mais ridículos e aberrantes rituais litúrgicos perante elas.

Esborrifa-lhes o sacerdote água benta sob a prolação de fórmulas estereotipadas e aquele ícone benzido adquire virtudes benfazejas. Torna-se sagrado!

Sagradas as imagens, servem-nas os católicos tributando-lhes ofertas ao estilo religioso dos antigos, os quais, às imagens dos deuses ofereciam holocaustos (Oséias 4.13), libações (Jeremias 7.18), trigo, azeite, bolos e toda espécie de comidas (Jeremias 7.18; Oséias 2.8). E até preparavam-lhes a mesa (Isaías 65.11).

Entronizam-nas seus atuais cultores em nichos, em oratórios domiciliares e em altares.

Cercam-nas com flores e espalham ao seu redor chamuscas de suas velas também bertas. E, via de regra, embute-se no oratório o cofre para recolher os níqueis dos papalvos. Genuflectem. Ajoelham-se. Fazem curvaturas. Persignam-se. Contemplam-nas com olhares súplices ou piegas.

Os velhos idólatras assim se comportavam. Beijavam e acariciavam os seus ícones (1º Reis 19.18; Oséias 13.2). Diante delas também se ajoelhavam (1º Reis 19.18).

E com elas falam como se falassem ao próprio “santo”. *Ah, minha “nossa senhora”, valei-me! “Santo” Antonio, tem misericórdia de mim.*

É aquela ladainha de invocações em frases curtas... É a repetição enfadonha das cinquenta “ave-marias” do rosário, entremeadas de “pai-nossos” e “gloria patri”... São as rezas dos manuais de devoções...

Passam-lhes as mãos. No rosto, nas mãos, nas vestes, na cabeça...

Beijam-nas. Com fervor e carinho. É a ternura da devoção.

A uma imagem de “santa” Filomena morreu abraçado o “papa” Pio X. Seu ardente devoto, à semelhança de “santo” Cura d’Ars, o João Batista Maria Vianey.

É a antiga concepção! A imagem não é apenas uma semelhança do ser representado. Participa dele. Em certo sentido, é ele mesmo.

Se se lhe quebrar a imagem, queixar-se-á o católico de que se lhe quebrou o “santo”. Repete ele o episódio de Labão que lamentava o ter Raquel roubado os seus deuses e não apenas os seus terafins (Gênesis 31.19,31; 35.2, 4; Êxodo 32.1, 4; Juízes 18.20, 24).

Lá em sua oficina, o imaginário lidou dias e dias na montagem daquele ícone de “Cristo Rei” de braços abertos. Preparou a massa pastosa de gesso. Encharcou trapos de estopa nessa massa e a amarrou nos ferrolhos de alto a baixo. No dia seguinte, à massa já seca, sobrepôs nova camada de trapos de estopa encharcados de gesso. A operação se repetiu até que o tronco da imagem atingisse as proporções planejadas. Então, com massa de gesso apenas, ajudado com a espátula, foi dando forma de corpo humano à construção. Eleva aqui. Rebaixa ali. Um talho mais fundo lá. Cuida das dobras das vestes talaes. Ajeita as mangas da túnica nos

braços. Com a pequena pinça e uma talhadeira de ponta fina afiada vai formando os dedos das mãos e dos pés, abrindo os olhos, os lábios, estendendo os cabelos. Encaracola-os sobre os ombros. Destaca as unhas das extremidades dos dedos. Com o esmero requerido junta um filete de gesso para formar um músculo saliente no dorso das mãos. Lixa grossa, lixa fina com cuidado passadas. Pronta toda em branco, vai receber a pintura. As longas horas de paciência permitem a imagem pronta. O devoto que a encomendara paga o preço estipulado. Instala-a sobre uma caminhonete com requinte enfeitada. Jatos de luz iluminam-na por inteiro, destacando-lhe o rosto.

Grande cortejo de automóveis a acompanha. Tudo de acordo com a praxe dos antigos pagãos, que carregavam em pomposas procissões as suas imagens (Isaiás 46.7; Jeremias 10.5). Na praça da matriz paroquial é recebida com vibração entusiástica pela massa de devotos. O sacerdote pronuncia a fórmula de benzedura. Asperge-lhe água benta. Com a derradeira gota do líquido sagrado, desce a mão abençoadora. Prorrompe o povo em aplausos. Repicam os sinos. Espoucam foguetes. A banda de música entoia estridente dobrado. Transmudou-se a obra das mãos do imaginário! Este se houvera com muito trabalho de dias e dias para construí-la. Construída, nada mais era senão um enorme boneco de gesso. Agora, o clérigo, com dois minutos, a transforma em objeto sagrado. Nimba-a o sobrenatural. De suas mãos jorram as graças e as bênçãos em favor dos devotos. De seus olhos se derrama a misericórdia. Agora, ali, aos seus pés, contrito e fronte encurvada, prostra-se o imaginário. Fabricara-a de gesso. Agora é o seu deus Jesus Cristo.

Diz o vulgo: *Santo de casa não faz milagres.*

E não faz mesmo!

A imagem da “senhora aparecida”, fac-símile, cópia fiel, em madeira de cedro, da “verdadeira” que está em sua Basílica em Aparecida do Norte, benta lá na colina sagrada por sacerdote mais santo do que os outros, porque vigário da igreja da “santa” permanece, de há muitos anos, no oratório doméstico. Diante dela, os familiares se prostram todas as noites para as rezas costumeiras. As flores mais bonitas se destinam a perfumar o seu oratório. A lâmpada votiva, dia e noite, bruxoleia no copo de óleo...

Santo de casa não faz milagres...

A promessa, na contingência de uma necessidade, é feita para a “senhora aparecida” de Aparecida do Norte, a “verdadeira”.

Aquela sim, é milagrosa! É a padroeira do Brasil!

Os sacerdotes incentivam as romarias até lá. Divulgam as imagens da “senhora aparecida” para os templos, para as capelas rurais, para os

oratórios domésticos, mas a “verdadeira”, a padroeira do Brasil, é aquela de Aparecida do Norte. Todas as outras, mesmo as mais valorizadas por terem sido benzidas na própria Basílica, servem somente para promover a “verdadeira”, a difundir a devoção a ela. Servem para estimular as romarias até Aparecida do Norte.

A Basílica de Aparecida é muito mais importante do que todos os templos e capelas dedicados à “senhora aparecida”, tanto assim que ela está sob a jurisdição imediata e direta do “papa”, que mantém lá um representante seu.

Taubaté e Lorena, grandes cidades vizinhas, são sede de bispado. Distam uma da outra apenas 80 quilômetros. Entre as duas, Aparecida do Norte é arcebispo. Lorena é muito maior do que Aparecida. E Taubaté nem se fala. Aparecida nem condições tem para ser simples bispado. E nem há necessidade alguma para o atendimento de um eficiente pastoreio. A “santa” Sé instalou lá a arquidiocese para fomentar o culto aparecidolátrico.

A mesma supervalorização e a mesma dependência do Vaticano ocorrem com as outras “nossas senhoras” surgidas de aparições prodigiosas como Lourdes e Salette, na França; Loreto, na Itália; Fátima, em Portugal. Só para mencionar uns poucos exemplos.

Se alguém ridiculariza o culto desses santuários com o contingente de suas esdruxulidades e feitiçarias, não falta quem diga ser coisa de povo ignorante. Mas por que a hierarquia supervaloriza Aparecida, guindando-a à condição de arquidiocese e consagra o seu templo como Basílica? Por que os sacerdotes se revezam nas celebrações das cerimônias, sobretudo em tempos de romarias intensas?

Dois moças discutem. Solteiras, anelam casar-se quanto antes. Os rapazes, seus pretendentes, já escasseiam. Residem ambas na capital de São Paulo. Ambas, sob o receio de um celibato imposto pelo “destino”, são devotas, devotíssimas, de “santo” Antonio, o “santo” casamenteiro, o cupido católico. Uma, contudo, é devota do “santo” Antonio do Pari. A outra, do da Praça do Patriarca. Cada uma, para defender o seu “santo” Antonio, conta prodígios. Um mais mirabolante que o outro.

E a presença dos sacerdotes no altar de “santo” Antonio, tanto do Pari como da Patriarca, oficializa a rivalidade dos devotos.

3)- Proíbe o Senhor Jesus que se recorra às imagens?

A hierarquia romanista, a imagem da besta, a mãe das prostituições, todavia, incentiva o recurso a elas, sobretudo por meio das chamadas promessas. Com elas querem condicionar a eficácia das rezas.

Promessas de acender vela. Velas de todos os tamanhos e de todas as grossuras. Sobretudo de cor amarelada e, às vezes, vermelha. Enormes brandões se o beneficiário da promessa for de alta estatura. Brandões do tamanho do devoto...

Certos templos reservam lugares especiais para queimá-las. E é aquele fogaréu dia e noite. O calor das chamas amolece o espermacete ou a estearina que escorre gota a gota, caindo em recipientes apropriados para mais um ganho da hierarquia, que a vende a quem com essa matéria fabrica velas.

Em outros templos, os “vigários” proíbem acendê-las. Lá em Aparecida, um aviso afixado nas paredes recomenda sejam as velas depositadas numa caixa, com a garantia de que, em lugar apropriado, serão queimadas. Sem que isto ocorra, as velas intactas e inteirinhas, são levadas para a loja dos “reverendos” de portas escancaradas bem ali, ao lado da Basílica. Uma mesma vela circula o ano inteiro, rendendo o seu valor sempre atualizado para os bolsos dos clérigos.

E os ex-votos? Em geral feitos de cera. Cabeças, pés, mãos, dedos... Lotam as prateleiras das salas dos milagres. Pagam eles promessas por causa da cura de uma dor de cabeça, de um inchaço nos pés, de um talho na mão...

E as fotografias? Postam-se uma ao lado da outra ou encostam nos ex-votos. Homenageiam o “santo” milagroso revelam a cara do miraculado.

E as tranças dos cabelos? Cabelos de crianças cujas mães os cortaram na idade de sete anos. Cabelos de moças que os deixaram crescer como promessa para conseguirem um namorado e os cortaram na véspera do casamento.

Cabelos de barbas também em promessas deixadas crescer.

Os sacerdotes tudo vendem. A cera das velas. As velas intactas. Derretem os ex-votos e os passam nos cobres. Os cabelos para as fábricas de perucas.

Só não vendem uma coisa! As fotos. Ah, também não vendem as muletas, que empilham nos cantos das salas dos milagres. No tempo em que não havia fogão a gás liquefeito, serviam-lhes para acender o fogo. Agora, quebram-nas e jogam-nas fora, se algum marceneiro não as compra.

Promessas de dar dinheiro para o “santo”... Essas são as mais frequentes por serem de cumprimento mais fácil.

4)- No contexto católico, tudo é idolatria. Idolatria que encampa todas as manifestações de feitiçaria.

Que são os “sacramentos” senão obras de feitiçaria? Confeccionados pelos sacerdotes, funcionários do sobrenatural, mediante a prolação de palavras cabalísticas, produzem a graça celestial.

O “batismo” é um deles. Ao aplicar as gotas d’água ao som das palavras rituais, na cabeça do nenê dormindo, este automaticamente se liberta do pecado original, torna-se filho de Deus e se credencia à salvação eterna.

A “confissão” é outro “sacramento”. A matéria dele são os próprios pecados dos penitentes declarados ao “sacerdote” confessor, de cuja fórmula absolutória jorra o perdão. Perdão relativo, parcial e possível, diga-se de passagem.

Se no “batismo” a água benta é o elemento da feitiçaria, na “confissão” os próprios pecados se transformam em obra de idolatria.

A “eucaristia”, então, encerra todas as manifestações idolátricas. É a culminância da mais crassa idolatria. Aquela hóstia consagrada é o próprio Cristo com toda a Sua Humanidade. E também com a Sua Divindade. É Cristo Homem com o Seu Corpo todo: nervos, ossos, carne, sangue, cabelos... É Cristo Deus com todo o Seu poder e todos os Seus atributos.

Diante da hóstia, ajoelham-se os fiéis em adoração ou culto latrêutico.

Lá no paganismo antigo, adoravam-se as forças da natureza, o sol, a lua, o trovão, uma frondosa árvore. No Catolicismo, o pagão moderno adora uma bolacha de farinha de trigo.

A chamada “eucaristia” é o coração de toda a liturgia católica. Todo o seu culto gira em torno dela. Diante dela, o próprio “papa” se ajoelha.

Para sua promoção empreendem-se tantos programas: congressos eucarísticos, horas santas, procissões, exposições das quarenta horas, bênçãos do altíssimo, adorações perpétuas, o dia de “Corpus Christi”.

Celebra-se a missa para uma infinidade de propósitos: em sufrágio das almas, de corpo presente, de sétimo dia e de trigésimo dia, de aniversário de morte, em louvor dos “santos”, das “nossas senhoras”, em comemorações pátrias e de datas festivas, em ação de graças por milagres recebidos, em pagamento de promessas, em regozijo por acontecimentos especiais como os da conquista de campeonatos de futebol ou de taças carnavalescas, e também de formatura escolar.

Os milagres da hóstia são divulgados no intento de promovê-la na devoção popular. Os milagres mais estapafúrdios como o jumento que, prostrado, a adorou. É o relato! Segundo a lenda, o “santo” Antonio transportava em procissão solene a hóstia exposta no ostensório, quando um incrédulo se manifestou com palavras grosseiras e ofensivas ao

“santíssimo sacramento”. O atrevido conduzia um asno. Quis o “santo” levar o desaforado a crer no “senhor da hóstia” e propôs-lhe: *“Deixe o seu animal sem comer nada durante três dias. Depois vá, levando-o, à praça da matriz. Em tal dia e em tal horário”*. O povo foi convidado. E na hora aprazada surge o jumento com o seu dono a puxar-lhe a corda do pescoço. A praça à cunha de curiosos.

O que fará o frade Antonio? Expectativa e apreensão! Do recinto do templo sai Antonio rodeado de acólitos portando tochas iluminadas, ao tilintar de campainhas, com o ostensório a exhibir o “sacramento”. O povo abre alas. Passa, circunspecto e devoto, o frade “santo”. Aproxima-se do asno. Entrementes, alguém atira diante do animal famélico de três dias de jejum rigoroso enorme feixe de capim. Ao invés de avançar no capim, tão verde de fresquinho, o asno se volta para o frade Antonio e se prostra de joelhos para adorar a hóstia. Milagre! Ajoelha-se todo o povo em imitação do burrico a adorar o “sacramento”... Que outro remédio para o dono do jumento senão o de se prostrar também? Ensinou-o o asno a crer na hóstia consagrada!

À base dessa lenda idiota e de uma infinidade de outras do mesmo estofado de embuste, é que se propagou e se arraigou a fé na “eucaristia”.

Milagres semelhantes hoje não mais acontecem. E nem há necessidade. Todos os católicos do mundo inteiro creem na hóstia.

As raríssimas exceções dos que duvidam, porém, respeitam-na e recorrem à missa pelo menos em atenção aos dispositivos da etiqueta social.

É a imagem da besta, a hierarquia, a enganar os habitantes da terra. A derramar o **“cálice de ouro transbordante de abominações e imundícias da sua prostituição”** (Apocalipse 17.4).

5)- Criador da imagem da besta política (Apocalipse 13.1-10, 14-15), o Catolicismo não pode dispensar as imagens. São-lhe essenciais à sobrevivência como o ar e a água para a nossa vida.

A imagem da besta é a hierarquia romanista! A hierarquia que são os bispos organizados à sombra da autoridade do “papa”, a suprema autoridade religiosa.

O próprio “papa” quer ser, como o Anticristo, a imagem de Cristo, ou o outro Cristo na terra: *“il dolce Christo in terra”*, como dizia “santa” Catarina de Sena.

O culto à sua pessoa faz parte do contexto idólatra da sua religião, incapaz de viver sem culto desprovido de imagens.

Sucedâneo do antigo paganismo e panteão de todos os velhos deuses, o Catolicismo herdou do seu grande antepassado e manancial inextinguível também o culto à pessoa do pontífice.

Sua suposta autoridade é revivescimento da soberana autoridade do Imperador romano. Este era chamado de sumo pontífice, designação atual do soberano romanista.

Por considerarem Júpiter o pai dos deuses, os poetas chamavam-no de *PAPPAS*. É o termo grego que inspirou o emprego da palavra “papa”, adotada pelo pontífice. “PAPA” que é a junção da primeira sílaba das duas palavras latinas *PATER PATRUM*, que significam PAI DOS PAIS porque, qual Júpiter, o “papa” quer ser o pai dos pais, usurpando o lugar de Deus.

No brasão ou armas do “papa” distinguem-se duas chaves, insígnia de sua autoridade. E, como não podia deixar de ser, cruzadas, porque a cruz é o sinal da besta.

As duas chaves querem denotar a autoridade do “papa”, que o investe de, a seu talante, abrir e fechar as portas do céu.

Pois bem, essa insígnia também foi buscá-la o Catolicismo na simbologia mitológica de Jano e Cibele, ambos cultuados em Roma. O primeiro, em tempos de paz, com a sua chave, fechava as portas do templo e as abria na guerra. Cibele abria-as e fechava-as segundo bem lhe parecia.

Até a localização da residência e dos palácios do “papa” procede da velha idolatria, porquanto compete-lhe a responsabilidade de conservá-la a fim de cumprir o seu destino de Babilônia religiosa.

Com efeito, o recanto de Roma onde se instala a sede papal chama-se Vaticano.

Vaticano também é um deus da mitologia latina que, em um campo vizinho da Roma antiga, proferia oráculos infalíveis. Prognosticava. A **“boca que falava grandes cousas”** (Daniel 7.8) **“falava como dragão”** (Apocalipse 13.11).

Àquele deus atribui-se o nome de Vaticano porque vaticano é uma palavra derivada do vocábulo latino *VATICINIUM*, que quer dizer ORÁCULO que, por sua vez, corresponde a INFALÍVEL.

Do substantivo *VATICINIUM* vem o verbo também latino *VATICINARE* e lhe são correlatas as palavras *VATICINIANS* (vaticinante) e *VATICINATOR* (vaticinador).

Vaticínio é predição, prognóstico.

Os adivinhos, sacerdotes do deus Vaticano, residiam naquele campo próximo, mas fora de Roma e ali davam as suas consultas.

Calígula transformou parte daquele sítio em jardins. Nero, por sua vez, mandou depois melhorá-lo e construir um circo.

Constantino Magno, posteriormente, no local, edificou a Basílica de “são” Pedro e o vasto palácio da habitação do bispo de Roma.

Em julho de 1870, com a unificação da Itália, o soberano papal perdeu todos os territórios dos Estados Pontifícios, tornando-se perante as leis italianas um cidadão comum. Em 11 de fevereiro de 1929, Benito Mussolini tirou-o dessa situação vexatória para a sua empáfia, ao criar, com o Tratado de Latrão, o Vaticano como nação independente da Itália e reconhecendo o “papa” como o seu chefe político.

É daí que o “papa”, o deus vaticano, agora e outra vez cabeça de uma nação, cercado de sua corte de áulicos, pronuncia os seus oráculos infalíveis. Que, com a sua boca, fala grandes cousas (Daniel 7.8, 20), profere palavras contra o Altíssimo (Daniel 7.25) e fala como dragão (Apocalipse 13.11).

Na condição de Vaticano, instalado no seu trono, o pontífice, com os seus pronunciamentos, em nome de Jesus Cristo, adultera e corrompe o Evangelho. Na sua arrogância de “papa” infalível, vigário de Cristo, usurpador dos atributos do Deus Altíssimo, com palavras grandiloquentes em Nome do Evangelho, degenera, impugna e desdiz tudo quanto, em Sua Santa Palavra, Deus ensina e diz.

É lá do Vaticano que o atual deus vaticano, o “papa”, soberano monarca da mãe das prostituições, oráculo infalível da grande Babilônia, retira do seu baú de pandora os petrechos de sua profissão de construtor e incentivador da idolatria no mundo inteiro, sendo também ele próprio objeto de culto, porquanto em sua presença até os cardeais se ajoelham. Nem nisto quer ele imitar Pedro, de quem se diz sucessor. Pedro que recusara a adoração de Cornélio (Atos 10.25-26).

.oOo.

EMBRIAGADOS COM O VINHO DA PROSTITUIÇÃO

O ébrio perde a capacidade de refletir, de analisar, de avaliar, de tirar conclusões. Bloqueiam-lhe o intelecto os vapores do álcool. E, como resultado, degrada-se, perde o respeito próprio e a dignidade.

A mãe das prostituições, a Babel Roma, com o seu cálice de ouro transbordante de suas abominações, despeja nas mentes dos pobres habitantes da terra os seus sofismas e as suas mistificações.

1)- Argumenta ela nos alfarrábios da sua sofismática: Você não conserva o retrato de seu pai e de sua mãe? Ao contemplá-lo não se recorda deles e nesses instantes não experimenta a sensação de simpatia, de afeto e de gratidão por eles? Pois é! As imagens são retratos de Jesus, de “nossa senhora” e dos “santos”. Lembramo-nos deles através delas. Por elas, os nossos sentidos são impressionados e a “igreja” quer que “em nossos templos sejam expostas as imagens dos santos, movida sempre da mesma preocupação: que imitemos as virtudes daqueles cujas imagens veneramos”, conforme ensina Pio XII em sua encíclica *Mediator Dei* (162).

a)- Esse argumento da hierarquia, que fala como dragão, não é o argumento de Deus.

O argumento de Deus é: **“Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança... Não te encurvarás a elas nem as servirás...”** (Êxodo 20.4-5). **“Guardai, pois, cuidadosamente, a vossa alma, pois aparência nenhuma vistes no dia em que o Senhor, vosso Deus, vos falou em Horebe, no meio do fogo; para que não vos corrompais e vos façais alguma imagem esculpida na forma de ídolo, semelhança de homem ou de mulher”** (Deuteronômio 4.15-16).

Eis aí!

O funcionário público que exige propinas é corrupto. O cidadão que rouba o erário do Estado é corrupto. O devoto de imagens é corrupto!!!

A corrupção da hierarquia clerical, a imagem da besta apocalíptica, é sem dimensões...

A Deus não interessam os nossos pontos-de-vista. *“Ah, eu penso assim...”* Interessa-Lhe que cumpramos a Sua soberaníssima vontade e acatemos os Seus preceitos e estatutos.

b)- Deus é Espírito. É imaterial. Por conseguinte, não pode ser retratado!

Ele próprio pergunta: **“Com quem comparareis a Deus? Ou que coisa semelhante confrontareis com Ele?”** (Isaías 40.18).

Nem uma imagem de ouro pode representá-IO!

Por isso Ele quer que O adoremos em ESPÍRITO e em verdade (João 4.23-24). Cultuá-IO por meio de objetos materiais é, não só contrariar-Lhe a vontade, mas incorrer num contrassenso.

c)- E essas imagens são de Cristo? Pobre Cristo! Se fossem retratos dEle, teria sido horrivelmente feio ou um efeminado! (Perdão e misericórdia, Senhor!).

E Maria? Teria sido a mulher mais horrorosa do mundo.

Você é católico? Se for um pouco inteligente, um pouquinho só, repelirá esse argumento estúpido do “retrato” impingido aos ignaros pelo seu clero.

Aliás, em todo o Novo Testamento e de modo particular nos Evangelhos, jamais encontramos qualquer sinal, qualquer indicação, qualquer indício do físico de Jesus Cristo e de Maria. Nem de Sua estatura. Nem da conformação de Seu rosto. Nem das condições dos Seus cabelos. Não encontramos qualquer referência aos Seus traços fisionômicos.

Como se pode, então, fazer Sua imagem?

E, se a tentarmos fazer, estaremos fazendo uma mentira, uma obra de engano.

Deus quis mesmo que nas Sagradas Escrituras, sobretudo do Novo Testamento, a omissão desses pormenores fosse total e absoluta. Precisamente para não incorrerem em transgressão do Seu preceito, do qual é em extremo cioso.

2)- Os teologastros das prostituições, na luta de ajudar a sua grande mãe em seu ignóbil trabalho de entornar a taça de suas imundícias sobre a humanidade por ela desgraçada, esses teologastros engendraram uma tríplice distinção de culto: o de DULIA, o de HIPERDULIA e o de LATRIA.

O primeiro atribuído por eles aos “santos”, aos anjos e suas imagens. O segundo à “virgem” Maria e o terceiro somente a Deus.

Trata-se também nesse caso de uma cópia servil do paganismo antigo, habituado a distinguir o culto aos deuses maiores e aos deuses menores.

a)- Dizem os palradores da mãe das prostituições que os apóstolos e o anjo do Apocalipse repeliram os atos de culto que lhe quiseram prestar por serem atos de culto de latria ou culto supremo, o qual só a Deus é devido. Como podem os teólogos supor haver sido essa a intenção de Cornélio ao prostrar-se diante de Pedro para o adorar (Atos 10.26), das turbas de Listra quando quiseram sacrificar em honra de Paulo e Barnabé (Atos 14.11-16) e de João ao ajoelhar-se diante do anjo com a intenção de adorá-lo (Apocalipse 19.1; 22.8)?

b)- Além disso, a acepção dos vocábulos DULIA e LATRIA que o Catolicismo lhes dá não tem qualquer fundamentação bíblica. Pelo

contrário! As Sagradas Escrituras quando os empregam dão-lhes sentido por completo diferente do sentido da teologia romanista.

DULIA é termo derivado do verbo grego *DOULEÚO*, que significa servir, ser escravo, ser servil ou subserviente.

Nas Escrituras o verbo *DOULEÚO* é usado para expressar o nosso DEVER DE SERVIR A DEUS, como nosso Senhor.

Em Mateus 6.24, disse Jesus: **“Não podeis SERVIR a Deus e às riquezas”**, onde o original grego emprega o verbo *DOULEUEIN*.

Por conseguinte, DULIA quer dizer: SERVIÇO A DEUS, SUJEIÇÃO A DEUS, o nosso único Senhor.

Já se vê que o culto de HIPERDULIA (super-servir) é aplicado a Maria por ser considerada superior ao próprio Deus.

c)- A palavra LATREIA também é encontrada nas Sagradas Escrituras para significar o serviço exterior dos sacerdotes no Templo, ou seja, toda a religião externa dos judeus, as cerimônias do seu culto exterior. Por exemplo, falando das cerimônias da Páscoa, Deus recomenda: **“Observai este culto (LATREIA) e quando vossos filhos vos perguntarem que significa este culto (LATREIA)...”**

Portanto, filologicamente e também no uso das Escrituras, o vocábulo LATRIA, por expressar as exterioridades rituais da religião, é de consistência assaz inferior para expressar a realidade do nosso compromisso de, quais servos, prestar culto a Deus nosso Senhor.

É óbvio, por conseguinte, que os teologastros romanistas querem que se dê aos “santos”, através de suas imagens, um culto superior ao que se deve a Deus.

3)- Na sua adega de mistificações, o clero despeja sobre as suas pobres vítimas outro sofisma: *“Nós não ADORAMOS, mas VENERAMOS as imagens”*.

Argumento fabuloso! Fabuloso na sua idiotice!

a)- Abra-se qualquer dicionário que se preze. Encontramos lá, como sinônimos, adorar e venerar. ADORAR é o mesmo que VENERAR!

b)- O próprio clero, de resto, admite a sinonímia entre adorar e venerar!

Provo também esta minha alegação!

Existe na hinologia católica romana um cântico em latim intitulado *TANTUM ERGO* composto por Tomás de Aquino a ser usado em determinadas ocasiões. Sua letra é dirigida à hóstia ou “santíssimo sacramento”. E diz: *“Tantum ergo sacramentum VENEREMUR cercui...”*, cuja versão vernácula é “A este tão grande sacramento ADOREMOS (ou

VENEREMOS) humildemente...” Os devocionários romanistas sempre trazem esse hino com a sua tradução.

Ora, segundo a teologia católica, o culto tributado à hóstia é aquele mesmo que deve ser tributado a Deus.

Se Tomás de Aquino, o soberano dos teólogos católicos, aceitava a sinonímia dos dois verbos, o “papa” Paulo VI, o pontífice que presidiu as três últimas sessões do Concílio Vaticano II, e, ao encerrá-lo, após a sua infalível assinatura em seus documentos, também reconhece serem sinônimos os dois verbos. E de fato! Na sua encíclica *Mysterium Fidei*, de 3 de setembro de 1965, precisamente sobre a “eucaristia”, emprega-os indistintamente com o mesmo sentido (55-57).

4)- O “papa” Pio XII recomendava as imagens à devoção dos seus fiéis com o argumento de que, venerando-as, os devotos imitam as virtudes dos “santos” por elas representados.

De duas uma! Ou os “santos”, embora só canonizados depois de longo, metucioso e exaustivo processo, oportunidade em que o cognominado “advogado do diabo” vasculha a vida do candidato à honra dos altares, virando-a pelo avesso, no afã de lhe descobrir falhas morais, ou os “santos” não têm virtude alguma, tendo levado uma vida tão imunda como a da totalidade dos seus devotos, ou esse motivo de liceidade desse culto é um argumento furado.

Aquele bodegueiro é devotíssimo de “santa” Terezinha e exhibe sua imagem num nicho de madeira iluminado com permanente lâmpada vermelha, mas no seu balcão rodam os copos de cachaça para a clientela das tardezinhas. Ou Terezinha se dava ao etilismo e tem no devoto bodegueiro um fiel imitador. Ou o argumento do “papa” é falso.

Aquela prostituta é devota de “santa” Rita de Cássia cuja imagem está ali na cômoda do seu quarto a presenciar o seu comércio. Ou a “santa”, sua inspiradora, também traficou suas carnes. Ou o argumento do “papa” é falho.

Se o argumento do “papa” valesse, o Brasil seria o paraíso dos homens e mulheres de excelente conduta moral porque imagens de “santos” de toda a corte celestial é que não faltam. E na Itália? Nem se fala!

5)- E lá despeja a **“mãe das prostituições”** sobre a ignara humanidade embriagada com o vinho das suas imundícias um outro embuste. Com ele cobiça apresentar-se com ares de quem segue as normas da Sagradas Escrituras.

Deus mandou fazer imagens! Imagens de querubins para o propiciatório da Arca e para as paredes do Templo de Jerusalém. Mandou Moisés fazer a serpente metálica, por sinal, milagrosa.

Pronto! A Bíblia autoriza o culto das imagens!

E lá vem a sua interpretação de Êxodo 20.4-6 e de Deuteronômio 5.8-10! “Interpretação” própria da **“mãe das prostituições”** porque consentânea com seus interesses desonestos.

Esse preceito não trata de proibição absoluta. É uma proibição relativa! É como argumentam os teologastros.

Aliás, na imoralíssima teologia moral católica todos os preceitos divinos são relativos. A proibição de adulterar não é absoluta, segundo ela. Em certas circunstâncias, o indivíduo pode adulterar. A proibição de roubar, de mentir, de matar, de semelhante forma, não é absoluta, diz aquela imoral moral. Em certos casos, a própria prostituição carnal é aceitável, elucida a imoralíssima moral romanista. No Estado de Alagoas, em Atalaia, há um “vigário” que promove missa e lanche festivos para as meretrizes locais no dia de “santa” Madalena, de acordo com o Catolicismo, padroeira das meretrizes. O “vigário” faz apenas uma exigência: que naquela noite as moças poupem seus corpos. No dia seguinte tudo continua na velha rotina...

É por isso que sempre se cumpre a constante lei da História: onde o clero católico predomina, lidera, a moral pública é sempre baixa!

Aquelas imagens de querubins jamais foram objeto de culto. E, pelo fato de haverem os hebreus passado a cultuar a imagem metálica da serpente, o piedoso e reto rei Ezequias reduziu-a a pó e a chamou, não de imagem venerável ou sagrada, chamou-a sim de um pedaço de bronze (2º Reis 18.4).

Os querubins das paredes do Templo serviam de enfeite, bem como a essa finalidade se prestavam as flores, os animais entre aqueles querubins esculpidos.

Os querubins da Arca, outrossim, nunca foram cultuados. Eles simplesmente assinalavam o lugar da presença especial de Deus.

Embriagados com o vinho das prostituições derramado pela grande mãe, os devotos, narcotizados e insensibilizados, sem qualquer raciocínio, preferem semelhantes sofismas e recusam **“o amor da verdade para serem salvos”** (2ª Tessalonicenses 2.10).

.oOo.

O CHIFRE POLÍTICO DA BESTA

A segunda besta (Apocalipse 13.11) tem dois chifres semelhantes aos do cordeiro. Figuram eles dois poderes: o espiritual e o temporal. O temporal, por sua vez, atua em duas áreas: a da política e a do comércio.

E, de fato, na alegoria de Apocalipse 17.3 e 18.3, 11-13 a hierarquia romana é aquela **“mulher montada numa besta escarlate”** (o poder político) e também é **“a grande cidade que domina sobre os reis da terra”**. É aquela **“grande Babilônia”** mercantilista.

A ATUAÇÃO POLÍTICA DO PODER TEMPORAL

Quanto ao hipotético poder espiritual dessa segunda fera ou besta religiosa, já falamos ao discorrermos acerca do Anticristo.

O clero romano, essa besta, é o agente nesses terrenos do poder temporal: o político e o mercantil.

Ao longo dos séculos vem exercendo, e em lugar dela, a autoridade do Império Romano simbolizado pela primeira besta de Apocalipse 13.1-10.

Suas manobras, enquanto existiu o Império latino ou Romano, foram no sentido de se lhe submeterem os homens, pois **“exerce toda a autoridade da primeira besta na sua presença”** (Apocalipse 13.12).

Vencido o grande reino com a invasão dos povos bárbaros, invasão lenta mas inexorável, o clero se diligenciou em sua restauração. Conseguiu-o ao incorporar os países dos bárbaros sob a coroa imperial de Carlos Magno, sendo de fato o “papa” seu soberano, instalado no vértice da pirâmide do novo Santo Império Romano do Ocidente.

Carlos Magno foi apenas um testa-de-ferro do pontífice, o verdadeiro Imperador, a cuja suserania ampla e irrestrita devia ele jungir-se.

Desde o seu surgimento, a segunda besta, o Anticristo, por natureza e vocação, reconheceu a sua necessidade de dominar diretamente uma nação como sua no intuito de usufruir autonomia e prepotência sobre os povos. É-lhe inerente e atávica a paixão da política.

E, em consequência, surgiram os Estados Pontifícios.

De conformidade com a filosofia política clerical, o “papa” pode tratar com os governantes das nações se estiver em iguais condições, sendo ele

também chefe político de um país. Só se admite com autoridade se ocupar idêntico nível de mando.

Desde a instalação dos Estados Pontifícios, consumada em 756, quando passou efetivamente a ocupar o poder máximo na Europa, o “papa” manipulou a política do mundo. No decorrer de todos os séculos da Idade Média, todos os soberanos a ele prestaram obediência e subserviência.

Aqueles dez chifres das visões de Daniel e de João, que são os dez reinos (Apocalipse 17.12), deduzidos os três vencidos, resultaram nos Estados Pontifícios, e foram as nações que compuseram a Europa e, posteriormente, as Américas, cujos países foram descobertos e colonizados por nações europeias, como Portugal, Espanha, Inglaterra e França. Sobre elas, simbolizadas pelas águas apocalípticas (Apocalipse 17.1, 15), a mulher prostituta escarrancha-se ao longo de todos estes séculos. Doze séculos!

No perpassar desse tempo ruíram tronos, estouraram revoluções, estalaram sangrentas guerras, sucederam-se formas de governo... E a mulher a cavalgar sobre muitas águas, figuração dos povos, multidões, nações e línguas. Às vezes, pacífica troteando. Às vezes, em desabalada carreira. Às vezes, impaciente a galopar. Às vezes, aos pinotes... Mas o Catolicismo, a mulher da simbologia de Apocalipse, sempre está por cima e em cima da política desses povos.

Há poucos meses, desentenderam-se os governantes argentino e chileno por questões de legitimidade na posse de ilhas do Pacífico. Nenhuma organização civil obteve êxito nas propostas de conciliação. Entre os dois povos recrudescia a má vontade, a ponto de se mobilizarem suas tropas militares com a perspectiva de próxima e inevitável beligerância. A fera religiosa, o “papa”, interferiu no caso, pondo-se, através do cardeal Samore, seu delegado especial, como mediador entre os dois contendores. Ambos se submeteram à mulher que escanchar também esses povos, seus potros inexperientes, porque nações novas diante das velhas da Europa.

Rédea curta ou rédea solta, segundo a submissão, plena ou frouxa, do país.

Os Estados Unidos da América do Norte, formados pelos ingleses, de sua parte, originários dos bárbaros saxões, em que pese sua formação protestante, a sua índole democrática e, no passado, sua rebeldia, tornaram-se ultimamente corcéis mansos e domesticados por também se prostituírem com ela. Isoladamente, o Catolicismo com os seus 53 milhões de adeptos, já é o maior culto religioso desse país. São 25% da sua

população. E já é a segunda maior comunidade católica do mundo, superada apenas pela do Brasil. Daqui a pouco, ultrapassará os 75 milhões de protestantes evangélicos.

Docilizados de tal sorte que Jimmy Carter, diácono batista, enviou seus representantes pessoais às solenidades idolátricas do Vaticano quando da entronização dos dois “papas” Joões ou Joãos Paulos. Da primeira vez, foi a sua mulher e da segunda, a diaconisa sua mãe.

Submetidos os Estados Unidos à **“mulher montada”**, nos primeiros dias de outubro de 1979, à custa de milhões de dólares do erário público, ofereceram a João Paulo II a mais estrondosa recepção jamais havida com qualquer chefe político, que o consagrou líder mundial deste último quartel do século XX.

Sobejas razões tem o prefácio da versão portuguesa do livro *American Freedom and Catholic Power* (Liberdade Americana e Poderio Católico) de Paul Blanshard, quando afirma: “A hierarquia eclesiástica nos USA não está, de preferência, empenhada numa cruzada de espiritualização e cristianização, mas sim, numa persistente campanha política e diplomática; o objetivo do clero romano não é tanto a santificação do indivíduo pela religião como a conquista do poder e dos cofres públicos por meio de manobras políticas camufladas de religião”.

A hierarquia católica, ou seja, a mulher prostituta, montou também em cima dos Estados Unidos, que se tornaram cavalgadura subserviente aos manejos da rédea nas mãos da sua amazona clerical. Em consequência, já conta com 13 senadores, 103 congressistas e tem governadores em vários estados importantes, como Califórnia, Nova Iorque, Nova Jersey e Connecticut (Revista VEJA – nº 578 – 03/10/1979).

O Brasil passou por um período revolucionário a partir de 1964. Deflagrou-se o movimento com os nobres ideais de recuperação econômica e da paz social conturbada pelos desmandos de governantes anteriores, sempre caudatários do episcopado católico.

Inconformados, os bispos reagiram.

Jamais poderiam admitir uma situação que lhes dificultasse mamar à vontade nas tetas dos erários públicos da Nação, como sói acontecer nos governos por eles próprios debilitados.

Reagiram! Solaparam os objetivos do novo regime. Que puderam fazer em defesa desses ideais os governos revolucionários? Limitaram-se a expulsar do país uns poucos clérigos estrangeiros e a processar alguns mais. Os bispos, acobertados pelas imunidades tácitas que a religião da maioria lhes confere, pintaram e abusaram como se a Nação fosse “casa de Noca”.

Em declarações à Folha de São Paulo (11/04/1979), o sr. Paulo Evaristo Arns, cardeal de S. Paulo, não conseguiu ocultar a presença programada de seus espiões nos vários escalões do Governo, que lhe baldeiam os assuntos tratados a portas fechadas pelas autoridades.

Possuidor dessas informações, mobiliza o seu clero e os órgãos da grande Babilônia na tarefa de escavar e desmoralizar diante do povo as medidas a serem adotadas pelo Governo.

Aliás, o Concílio Vaticano II deu força total às conferências nacionais dos bispos de cada país. Enalteceu ele a hierarquia, a imagem da besta apocalíptica. No Brasil, a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) desfruta de muito maior poder do que todos os partidos políticos.

A **“mãe das prostituições”**, a amazona escarranchada nas nações, por ela tidas como suas alimárias às quais ceva com a ração das suas imundícias, a **“mãe das prostituições”**, aliada aos poderosos de ontem, na previsão da contingência de estar o poder a ser trocado de mãos e no empenho de continuar a cavalgar os países, prepara na véspera o pacto com os poderosos de amanhã.

A **“mãe das prostituições”** esteve aliada com os governos da Europa Ocidental, monárquicos ou democráticos, porque sua capacidade de adaptação ao selim das cavalgadas é fabulosa. Conservou-se emparceirada deles, apoiando-os enquanto exerciam poder e influência sobre o resto do mundo e por cujo intermédio influenciava os povos deles dependentes. Cito exemplos como a Espanha e, através dela, os países americanos, suas possessões; como Portugal e, através dele, o Brasil e as colônias portuguesas na África; como a França e, através dela, o Canadá e seus domínios também na África.

Modificaram-se os conceitos políticos do mundo. Nova mentalidade bafejada por brisas socializantes agita os povos. Neste caso, a hierarquia católica, tal camaleão, mudando de tática, amolda-se às atuais tendências político-sociais, conquanto seus interesses sejam salvaguardados.

Os hierarcas acreditam que os novos governos da França e da Itália, bem como em muitos outros países, podem ser dirigidos em futuro próximo por comunistas. Clérigos há convencidos de que a América seguirá o caminho do Sudoeste Asiático. Os ministros **“progressistas”** da **“mãe das prostituições”** admitem o triunfo completo do marxismo no Ocidente com o qual, de há algum tempo, passaram a se entender.

Até noutro dia, a **“mãe das prostituições”** combatia com tenacidade o comunismo. Tem-se ultimamente convencido de que o amanhã a ele pode pertencer e, pondo a serviço de seu advento a sua formidável força, engajou-se a galope desenfreado na sortida comunio-socialista.

Os seus sacerdotes, blindados pelas imunidades eclesiásticas, transformaram os seus púlpitos em palanques da contestadora verborreia marxista das atuais estruturas sócio-econômicas por eles próprios, no passado, criadas e sempre conservadas e das quais foram e são os grandes beneficiários.

Com má fé exploram a idiotice das massas ignaras e os seus sentimentos religiosos por eles próprios, sempre mal orientados, aparentando uma postura de defesa dos pobres e dos oprimidos.

Na verdade, contudo, os pobres e os oprimidos são apenas uma espécie de persiana destinada a encobrir a mudança de atitude e a dar aparências nobres e altruístas a uma manobra de puro oportunismo político.

Favorecidos pela anistia, nos derradeiros dias de setembro de 1979, exilados e foragidos retornaram ao Brasil. Na tarde do dia 30 desse mês, certo exilado, velho comunista, foi à Catedral de S. Paulo por ocasião da missa daquele domingo. Terminado o programa religioso, encontrando-se, o sr. Evaristo Arns, o arcebispo, deu-lhe apertado e cordial abraço e trocaram efusivas palavras de congratulações.

Meses passados, descobriu-se um alemão homiziado em nosso País. Em grande celeuma exigia-se sua extradição a fim de pagar na Alemanha os crimes perpetrados na vigência do nazismo a cujo serviço esteve.

Ora, se esse alemão nazista se tornou execrado símbolo dos crimes do hitlerismo, o comunista não representa as atrocidades muito mais numerosas e cruéis do stalinismo?

Se, ao invés dos Aliados, fossem os alemães os vitoriosos da Segunda Guerra Mundial e hoje predominasse a filosofia nazista, os comunistas sim é que seriam objeto de abominação pública e o clero com ferocidade contra eles estaria.

Ou será que o sr. Cardeal Arns se esquece da truculência do marxismo ou socialismo nos países onde ele se impõe à força e à violência se conserva?

Aliás, partícipe fiel e engajado na sua hierarquia, é seu lídimo representante. Que o diga a sua própria fisionomia de refinado finório.

É patente a histórica má fé do episcopado, a imagem da besta. E à má fé junta o hediondo crime de escamotear o Evangelho, pois a hierarquia nesse Nome Sagrado efetua as suas artimanhas políticas.

Para quem conhece o Evangelho sabe que somente ele é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê (Romanos 1.16).

É uma traição ao Evangelho o engajamento em Nome de Cristo a sistemas políticos como sempre fez essa hierarquia, a eles

permanentemente vinculada. Com efeito, é da constante lição da História! Os sistemas políticos por si próprios não garantem a libertação; pelo contrário, são natural e intrinsecamente opressores (também os de roupagem liberal e democrática), porque eles não tendem para a libertação do homem, mas para a preservação de si mesmos às custas do próprio homem.

A ATUAÇÃO MERCANTIL DO PODER TEMPORAL PONTIFÍCIO

A mulher das abominações, alegoria do clero (Apocalipse 17.4), traja-se dos tecidos mais finos (púrpura e escarlata) e se adorna das gemas mais raras (ouro, pedras preciosas e pérolas). Serve-se, outrossim, de um cálice de ouro na atuação de embebedar os povos com suas inmundícias.

Possuidora de “todas as coisas delicadas e suntuosas”, é ela o supercapitalismo internacional que se mete nos países como a mais exacerbada de todas as multinacionais.

Com a “**grande cidade, Babilônia, a cidade forte**” transacionam os “**mercadores da terra**”. Com ela negociam todas as mercadorias e “**até almas humanas**” (Apocalipse 18.13).

As almas dos homens são objeto do seu comércio no balcão do altar da missa, no tráfico dos “sacramentos”, nas promoções de solenidades e festejos religiosos...

Mesmo os pilotos e comandantes marítimos, “**e todo piloto**”, de espanto, se boquiabrem diante da grandeza do seu comércio: “**Que cidade se compara à grande cidade?**” (Apocalipse 18.18).

Transaciona com as nações e desmedidamente enriquece-se a si mesma!

Com efeito, a riqueza do Vaticano é muito além de grandiosa. É a maior potência econômico-financeira do mundo. O maior e mais agravado super-capitalismo!

Seriam necessárias páginas e páginas para apresentar a lista de bancos e companhias de seguros, de trustes e de sociedades anônimas em que o Vaticano tem interesse. “Através de quarenta bancos centrais e de uma centena de bancos populares, o Vaticano detém mais de quatrocentos bilhões, dos seiscentos bilhões da economia italiana” (R. Garaudy, in *L’Eglise, le Comunisme et les Chretiens*, Paris, 1949).

Em 1977, o principal banco do Vaticano movimentou, ele sozinho, 36 bilhões de dólares, movimento no mesmo exercício superior ao dos Bancos Itaú e Bradesco, os dois Bancos particulares maiores do Brasil.

Imensas fábricas se espalham por muitos países, como Estados Unidos, França e até Japão.

Ainda, segundo Roger Garaudy (op. cit), o Vaticano investe centenas e centenas de milhões de francos na França, bilhões e bilhões de dólares nos Estados Unidos. Até mesmo certas casas de jogo de Monte Carlo, Vichy e Biarritz carregam lucros imensos e incalculáveis para o Vaticano, acionista desses estabelecimentos.

As mais poderosas imobiliárias internacionais são suas.

Vastos domínios e latifúndios imensos são seus: na Itália, 560 mil hectares; na Inglaterra, 100 mil; na França, 540 mil; na Alemanha Ocidental, 250 mil; na América Latina, sem incluir o Brasil, 670 mil; e nos Estados Unidos, UM MILHÃO CENTO E CINQUENTA MIL hectares de terra (K. A. Mollnau, in *Aus dem Schyldbuck des Politischen Katholizismus*, p. 66).

Segundo o técnico brasileiro René Novais, do Instituto de Pesquisas Espaciais, em declarações, aos 16 de maio de 1979, à Comissão Parlamentar de Inquérito da Câmara dos Deputados, que investiga a devastação da Região Amazônica, o Vaticano tem o controle acionário da Liquid Farm, sua testa-de-ferro, e, por meio dela, é o proprietário da fazenda Suiá Missu, de 271 mil hectares no Nordeste de Mato Grosso, sujeita à maior devastação florestal jamais ocorrida na Amazônia (O Estado de S. Paulo, 17/05/79).

A Bolsa de Valores Italiana oscila a critério do Vaticano. Em território da Itália, a maior rede de postos de gasolina e de gás liquefeito é dele.

Por intermédio da empresa Lichichimica, o Vaticano também atua no setor petroquímico brasileiro. Várias empresas desse ramo, lideradas pela Liquigás, com sede em São Paulo, pertencem ao poderio financeiro da hierarquia (O Estado de S. Paulo, 17/05/79).

Ande-se por São Paulo, pelo Rio de Janeiro, por Salvador, por Porto Alegre observando-se as propriedades da **“grande Babilônia”**: templos, escolas, hospitais... Espalhadas por este País, são 143 das suas Faculdades neste ano de 1979. Verificar-se-á a sua desmedida riqueza só nesses imóveis. E os imóveis destinados à locação? Esses nem aparecem aos olhos do público. Só em São Paulo conheço uma agência bancária, que não vem ao caso citar o nome a fim de salvaguardar a pessoa do seu gerente, que administra a locação de 600 imóveis da cúria paulopolitana.

Ainda em São Paulo, ali junto da Rodoviária do Glicério, donde atualmente (1979) saem os ônibus para o Nordeste do Brasil, há um templo romanista. Seus fundos ocupam toda a extensão de um quarteirão e são repartidos em pequenos salões alugados para bares, farmácias e outros ramos comerciais.

Se fôssemos alinhar todas as propriedades do Vaticano, cobriríamos tantas páginas suficientes para um respeitável volume.

E a cada dia, a sua fortuna cresce... Este crescimento contínuo procede de várias fontes, inclusive a do purgatório, por cujos habitantes, as almas penadas que lá se encontram (?) são rezadas missas no mundo inteiro todos os dias por todos os sacerdotes, mediante taxas previamente estipuladas. A do celibato é outra fonte pelo fato de ter a seu serviço, sem qualquer remuneração além de roupa e comida, legiões e legiões de homens e de mulheres que se dedicam em seus hospitais e escolas. Só no Brasil são, em 1979, 42.671 freiras e frades nessa condição de fâmulos baratos da hierarquia prepotente e usurária.

Não há operação comercial que deixe de explorar. Com os seus meios mecânicos de comunicação, com as suas 68 estações de rádio, com os seus 82 jornais e os seus 4 canais de televisão instalados no Brasil (ano de 1979), além de controlar a opinião pública e de se impor ao temor dos meios semelhantes de outros proprietários, consegue expressivos balanços, onde a receita supera em elevada escala a despesa.

As suas Universidades, redutos da altíssima burguesia, são fontes de altíssima renda. Fontes de lucros exorbitantes também à custa da sonegação imoralíssima do recolhimento de contribuições para o INPS descontadas e retidas dos salários dos seus funcionários. A Universidade Católica de Santa Maria (RS), cujo bispo, sr. Ivo Lorscheider, o atual presidente da CNBB, deve à Previdência mais de 20 milhões de cruzeiros, ocupando assim o primeiro lugar entre as firmas devedoras do INPS (O Estado de S. Paulo, 26/09/1979).

A sua fome pantogruélica de ouro – *auri sacra fames!* – é insaciável. Se, de um lado, promove autênticas agitações populares contra o aumento do custo de vida, como se viu em 1978, a exigir dos governantes adoção de medidas repressoras da escalada ascensional dos preços, por outro lado, quando lhe interessam maiores lucros, desrespeita as balizas de aumento estabelecidas pelos órgãos governamentais competentes. É o caso da Universidade Católica de Salvador (BA). O Ministério da Educação e Cultura autorizou o aumento das mensalidades para essas escolas no teto limite de 37%. A direção daquela Universidade Católica da Bahia, tentou impor um acréscimo de 45%, sendo que remunera muito mal os seus

professores e funcionários. Os alunos e o corpo docente fizeram uma greve de 28 dias seguidos até conseguir dobrar a relutância pertinaz dos cabecilhas da Universidade, jungidos às rédeas do cardeal Brandão.

O Vaticano é inquestionavelmente a teocracia do dinheiro, cuja hierarquia tem a nefanda missão de debilitar todo poder político das nações, enfraquecer toda energia popular, anemizar toda virilidade da raça e da inteligência. É a mulher **“mãe da prostituições”**, o máximo poder cuja grandeza exige a pequenez de tudo o que não seja ela.

.oOo.

NAS CULMINÂNCIAS DO “TEMPO DO FIM”

Sempre contemporâneo do futuro o livro das grandes antecipações, Daniel assesta seu olhar para o “tempo do fim”.

O FUTURO PASSADO

Às margens do Rio Tigre quedara-se em triste solidão e prolongado jejum o profeta. Inquietava-se com o destino do seu povo subjogado em duro cativo a Babilônia.

Nesta circunstância, revela-lhe Deus nova mensagem concernente aos seus patrícios.

“Um homem vestido de linho, cujos ombros estavam cingidos de ouro puro de Ufaz”, corpo resplandecente e voz como a voz de uma multidão (Daniel 10.5-6) aparece-lhe a notificá-lo de tudo quanto sucederia **“nos últimos dias”**, **“dias ainda distantes”** (Daniel 10.14).

Nesses **“últimos dias”**, objeto das visões ocorridas no terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia (Daniel 10.1), incluem-se os episódios futuros para Daniel, mas já passados para nós. Dentre estes acontecimentos futuros-passados dos **“últimos dias”**, **“dias ainda distantes”**, destacam-se o domínio do Império Grego chefiado por um poderoso rei (Alexandre Magno) sobre a potência Medo-Persa, a cisão em quatro partes do Reino Grego e os conflitos entre os reinos do Norte e do Sul. Na conceituação das Escrituras de Daniel, os **“últimos dias”** tiveram o seu início com a

prevalência dos gentios sobre o povo escolhido, quando da ascensão do poderio babilônico à época de Nabucodonosor (Daniel 2.28).

Para o profeta, todas as transformações acerca da sucessão dos impérios e dos grandes eventos reveladas através da monumental estátua de Nabucodonosor e dos alegóricos animais de suas visões se referiam **“a dias ainda distantes”** (Daniel 10.14), **“mui distantes”** (Daniel 8.26).

O rolar do tempo, contudo, já atirou para trás todos esses eventos. Por nós conhecidos como passados, a nos comprovar a veracidade das profecias e a nos assegurar a certeza do cumprimento dos vaticínios escatológicos.

OS “ÚLTIMOS DIAS” DO NOVO TESTAMENTO

Para o Apóstolo Paulo, os derradeiros tempos são os da vigência da economia da graça na Dispensação da Igreja, quando, ao lado da sã doutrina, incrementar-se-á a APOSTASIA (1ª Timóteo 4.1-3).

É evidente que **“os últimos dias”** no conceito de Paulo são um período abrangente por incluir toda a Dispensação da Igreja até o seu Arrebatamento e os juízos da Grande Tribulação.

Notam-se, entretanto, dois enfoques entre Daniel e Paulo. Para o profeta, acentuavam-se o cunho político e o seu povo nacional. Para o Apóstolo sublinhavam-se a doutrina religiosa e a Igreja.

Estes **“últimos dias”** da atual Dispensação são **“tempos penosos”**, adverte Paulo em 2ª Timóteo 3.1, quando muitos **“não suportarão a sã doutrina”** (2ª Timóteo 4.3-4) e **“cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas”**. Fábulas da antiga mitologia idólatra.

UMA RECORDAÇÃO OPORTUNA

Dissemo-lo já!

Aos profetas faltava perspectiva,. Essa carência ilustramo-la na introdução deste livro com aquela experiência de quem à longa distância contempla um panorama montanhoso, onde os montes, em seus delineamentos e cumes, se confundem num só todo, num só conjunto. E na proporção em que o observador vai se aproximando do panorama,

distingue-se a perspectiva e os contornos se realçam. Citamos até o sermão escatológico de Jesus, em cujo desenvolvimento se misturam os vaticínios sobre a destruição de Jerusalém e sobre a Grande Tribulação.

Afirmamos, ainda, ser própria da profecia a previsão de dois ou mais cumprimentos: um parcial, e o último total e pleno. Neste caso, o primeiro cumprimento confirma a profecia e nos prepara para o último.

Todos os fatos à extensão da História da humanidade prepararam o ÚLTIMO ACONTECIMENTO – e o culminarão – no instante escatológico quando Jesus Cristo arrebatará a Sua Igreja, deflagar-se-á Grande Tribulação, as nações comparecerão perante o trono indefectível e insubornável do Juiz Divino.

Desde o começo, ocorrendo tantos episódios de guerra, de pestes, de terremotos, de fomes, de defecções espirituais, o Senhor Deus vem preparando os homens para os magros eventos das culminâncias do **“tempo do fim”**.

Através de tantos acontecimentos, Ele diz **“desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as cousas que ainda não sucederam”** (Isaías 46.10).

SINTOMAS DO DESENLACE

Nestas páginas, em obediência a Jesus Cristo, abstivemo-nos de cálculos aritméticos no intento de precisar datas sobre quando será a Sua volta gloriosa e do tempo da Grande Tribulação, porque não nos **“competem conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou para Sua exclusiva autoridade”** (Atos 1.7).

Muito embora as palavras do profeta estejam até o **“fim do tempo”** cerradas e seladas, os sábios poderão entendê-las (Daniel 12.9-10).

Sem quaisquer pretensões a novas revelações e destituídos de fantasias, perscrutamos as Sagradas Escrituras. Confrontamos os fatos da História (fatos esses que se constituem em irrupções dos desígnios divinos) com as profecias e alegorias escatológicas. Discernimos os SINAIS dos tempos (Lucas 12.54-56).

Sinais estes que se acentuam nestas décadas da vigésima centúria de nossa era.

O sintoma característico da morte iminente ocorre quando o enfermo de grave e longa moléstia, com as suas energias já exauridas, tendo nas faces os vestígios do desenlace, experimenta brusca e aparente melhora. É a melhora da morte, como o povo admite.

Reconhecemos a aproximação do grande desenlace final no fastígio tresloucado da sociedade combalida de grave e letal enfermidade. Enquanto os homens rodopiam no delírio da carne numa inconsistente aparência de felicidade, as “desgraças” chamam a atenção dos servos de Deus para a iminência escatológica. Distinguem-na eles em vista do acréscimo imenso das “desgraças” que se abatem sobre a sociedade dos homens.

Entreaspei a palavra “desgraça”. A propósito. Os sinais estarrecem os ímpios, embriagados de prazer físico para os quais são infortúnios. E alegam os salvos por divisarem nelas a grande MELHORA no sazonalamento da História para a gloriosa volta de Jesus Cristo, início do magnífico triunfo da Igreja.

O SINAL MENCIONADO SÓ UMA VEZ

Na leitura perscrutadora, responsável e séria das Sagradas Escrituras, imunes e refratários de e a quaisquer outras revelações, encontramos referências sobre os muitos indícios escatológicos. Mencionou-os, de resto, o próprio Salvador sobre os quais Se alongou nos sinóticos apocalípticos (Mateus 24.1-14; Marcos 13.1-13; Lucas 21.7-17, 25-28).

Se alguns deles são citados algumas vezes, há um que é aludido apenas uma vez. É o da multiplicação da ciência! Em Daniel 12.4, quando o anjo manda o profeta cerrar as palavras e selar o livro profético até o tempo do fim quando **“o saber se multiplicará”** ou **“a ciência se multiplicará”**.

Este sintoma efetiva-se hoje à vista de todos e dispensa maiores comentários porque o seu cumprimento é patente e incontestável. Como nunca, em todos os setores, os conhecimentos científicos se acentuam.

O SINTOMA MAIS IMPORTANTE

Lendo, porém, os textos das Escrituras alusivos à escatologia ou últimas coisas, observamos a insistência e a constância com que é mencionada a APOSTASIA, o sintoma mais importante a anunciar a iminência da vinda gloriosa do Senhor.

Além de ser o sinal mais longamente referido, é o ÚNICO SINAL para a Igreja, porque todos os outros são para os judeus.

Poderíamos comparar a História a uma disputa de xadrez. Todas as pedras dos acontecimentos vão se encaixando nos seus devidos lugares em rumo do desfecho final da vitória de Cristo.

E, na trama de todos os episódios, avulta a APOSTASIA, como aquela malícia preponderante nos religiosos participantes da definitiva e última caminhada assinalada pela derradeira volta do relógio da História.

A RESSURREIÇÃO DA BESTA

Impressionam-nos, sobretudo, certas ocorrências!

O cumprimento anterior do vaticínio acerca da cura prodigiosa da besta quando do seu ferimento à espada (Apocalipse 13.3, 14) ocorrida com a coroação de Carlos Magno resultando a restauração do Império Romano, a besta política, esse cumprimento anterior anuncia o absolutamente seguro cumprimento pleno e total da mesma profecia na mais prodigiosa cura da fera com a próxima restauração da potência romana sob o organismo de uma confederação de países. É **“a besta que viste, era e não é, está para emergir”** (Apocalipse 17.8) sobre a qual, em último retorno, no capítulo seguinte, à luz das Sagradas Escrituras, alongar-nos-emos.

Com efeito, em 25 de março de 1957, instalou-se o MERCADO COMUM EUROPEU ou PACTO DE ROMA, formado já dos seguintes chifres ou dedos, ou seja, nações: Itália, França, Alemanha, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Inglaterra, Irlanda e Dinamarca.

A Grécia é o décimo chavelho ou nação que se prepara para nele ingressar, tendo recentemente estabelecido, como primeiro e importante passo, relações diplomáticas com o Vaticano (O Estado de S. Paulo, 15/07/1979).

Esse organismo do Mercado Comum Europeu tem também o seu exército na Organização do Tratado do Atlântico Norte, a OTAN, em cuja bandeira se destaca, como símbolo, o LEÃO. O leão incluído na besta figural do Império Romano (Apocalipse 13.2).

Na velha e cansada Europa, ocorrem fatos impressionantes no sentido da concretização dos planos em prol da unidade numa confederação idealizados e propugnados pelo Mercado Comum Europeu.

Desde 1975, com a supervisão da França, administrada pelo presidente Giscard d'Estaing, trabalha-se para a execução de um formidável plano que data do antigo Império latino. É plano se ligar

Roterdã, na Holanda, junto do Mar do Norte, até o Mediterrâneo, numa distância de 1.500 quilômetros, através de rios e canais navegáveis.

A sua execução está custando 229 quilômetros de novos estreitos, ligando os já existentes, a fim de possibilitar a ligação Roterdã, através da Alemanha Ocidental e da França, via Estrasburgo, até o Mediterrâneo, alcançando canais nos rios Saône e Ródano. Ainda uma rede de 3.500 quilômetros desses intermediários fluviais inferiores se constrói, partindo também de Roterdã, atravessando os rios Reno, Meno e Danúbio, na Europa Central, até desembocar no Mar Negro, através de Constança, na Romênia.

As obras desse portentoso sistema já chegam ao fim, faltando a construção de apenas 99 quilômetros de canais no interior da rica Alemanha Ocidental.

Concluída sua execução, que deverá se dar em 1985, o Mercado Comum Europeu efetivará o seu plano de confederar as nações curando e restaurando a besta política do Império Romano, tornando assim a vir a besta (Apocalipse 17.8) para durar muito pouco tempo – **“uma hora”** (Apocalipse 17.12).

A RESTAURAÇÃO DE ISRAEL

É o outro grande sinal da vida gloriosa de Jesus Cristo! Ele tem chamado de modo todo particular a atenção dos evangélicos.

Embora rejeitado pelo Seu povo eleito, Deus não o rejeitou. Continua a velar por ele e a chamá-lo ao perdão e à misericórdia.

O Seu definitivo juízo na Grande Tribulação não o colherá de surpresa. Além de o haver pronunciado por muitas vezes nas Sagradas Escrituras, a sua execução final é precedida de acontecimentos relevantes. São os sinais inconfundíveis do seu próximo avizinhamento.

Aliás, todos os sintomas da volta de Cristo se destinam à nação de Israel. Até o da multiplicação da ciência!

O povo escolhido rejeitou Jesus nosso Senhor em Sua Trindade Santíssima. Ao Criador abandonou quando, ao imitar as nações gentias, pediu um rei e quando se passou para os ídolos. Ao Filho rejeitou quando, entregando-O aos gentios romanos, O levou à ignomínia da cruz. E recusou o Espírito Santo na oportunidade do apedrejamento de Estêvão por não poderem os judeus resistir à sabedoria e ao Espírito Santo com que falava (Atos 7.51).

A nação israelita acha-se terrivelmente responsabilizada por seus indiscutíveis crimes contra a Trindade e também contra a Igreja por ela perpetrados.

Com o retorno da nação escolhida para o seu próprio Território em maio de 1948, tem começo o cumprimento das promessas de Deus quanto a Israel.

Os israelitas têm, desde o ano 70, expulsos de sua terra, peregrinado pelo mundo, e sido perseguidos com a espada, com a fome e com a peste. Reduziram-se a **“um espetáculo horrendo para todos os reinos da terra... objeto de espanto, e de assobio, e de opróbrio entre todas as nações”** (Jeremias 29.18). E eles têm-se constituído em **“maldição para todas as nações da terra”** (Jeremias 26.6).

Pela sua rebeldia, a nação de Israel será chamada ao mais terrível juízo quando da Grande Tribulação.

Seu recente retorno ao território e a sua prodigiosa permanência nele, apesar de tantas oposições dos fortíssimos árabes, são milagres de Deus. Milagres sinais dos tempos! Conquanto pequeno, o povo é imbatível! Nenhuma força humana o aluirá mais da própria terra! Nem o fabuloso poder comunista, que será desbaratado e definitivamente destroçado nos montes de Israel (Ezequiel 38 e 39; Apocalipse 8.7).

A nação escolhida, criminosamente teimosa na sua incredulidade e na sua procrastinação, no entanto, está sendo e será preparada para receber em circunstância adequada a consumação da ira divina.

Ao contrário da expectativa de muitos quanto a se tornar Israel ainda nesta Dispensação uma grande bênção de Deus para o mundo, ele está sendo reunido na sua própria terra a fim de sofrer os horrores do castigo do Senhor, a Quem sempre tem vilipendiado.

O profeta Sofonias, no capítulo 1º do seu livro, se estende sobre **“o dia do Senhor”**.

Todos os episódios relacionados com o regresso e a estada miraculosa na nação de Israel em sua terra se constituem no altissonante clamor de Deus: **“Prepara-te, ó Israel, para te encontrares com o teu Deus”** (Amós 4.12).

“Ah! Que grande é aquele dia, e não há outro semelhante! É tempo de angústia para Jacó” (Jeremias 30.7). É **“tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até aquele tempo”** (Daniel 12.1).

Israel é a prova provada, concludente, da grande ira de Deus contra os que rejeitam Sua bênção. Bênção recusada é bênção transformada em juízo!

Os juízos, porém, nos desígnios insondáveis do Senhor Deus se transformam em oportunidade de novas e renovadas bênçãos!

Os israelitas, no **“tempo da angústia”**, na Grande Tribulação, terão oportunidade de se converterem ao Senhor. **“Sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém derramarei o Meu espírito da graça e de súplicas; olharão para Aquele a Quem traspassaram; pranteá-lo-ão como quem pranteia por um unigênito e chorarão por Ele como se chora amargamente pelo primogênito”** (Zacarias 12.10).

Uma terça parte, apenas, aproveitará a última e definitiva oportunidade de se voltar para Deus. A maioria persistirá na impiedade rebelde. **“Em toda a terra [de Israel], diz o Senhor, dois terços dela serão eliminados e perecerão; mas a terceira parte restará nela. Farei passar a terceira parte pelo fogo, e a purificarei como se purifica a prata, e a provarei como se prova o ouro; ela invocará o Meu Nome, e Eu a ouvirei; direi: É Meu povo, e ela dirá: O Senhor é meu Deus”** (Zacarias 13.8-9).

A APOSTASIA

O retorno do povo de Israel à sua própria terra e a restauração do Império Romano são dois fatos sobremodo importantes. Contudo, o ímpeto do alastramento da APOSTASIA nestas últimas décadas é o destacado e único indício escatológico para a Igreja.

Muitos dedicados servos de Deus hoje se empolgam com os episódios apocalípticos em torno dos israelitas, observando, com justeza, o cumprimento dos sinais a eles relacionados.

Essa justa empolgação, porém, pode denotar um risco se eles se omitirem quanto aos fatos envolvidos pela apostasia.

Ao elencar os sinais, nosso Senhor Jesus Cristo chamou especial atenção só para um deles: o da APOSTASIA. **“Vede que ninguém vos engane”** (Mateus 24.4).

Enganar e seduzir é próprio de Satanás, o sedutor. Seus asseclas, na missão de difundir a apostasia, sabem com perfídia e solércia enganar.

Podemos mesmo estar preocupados com a observação do cumprimento dos outros sintomas da vinda de Jesus e minimizar a apostasia.

Dada a sua destacadíssima importância, a advertência do Senhor é explícita: **“Porque virão muitos em Meu Nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e enganarão a muitos”** (Mateus 24.5).

Ao tempo de Jeremias, quando o Seu povo era transportado em consequência de seus extravios religiosos, para o cativeiro babilônico, o profeta enfrentou muitos falsos profetas, salientando-se Hananias. E o Senhor advertia: **“Não vos enganem os vossos profetas que estão no meio de vós, nem os vossos adivinhos, nem deis ouvidos aos vossos sonhadores, que sempre sonham segundo o vosso desejo”** (Jeremias 29.8).

Todos os sinais são muito importantes e devem ser contemplados, mas sobre cada um em Seu sermão profético, Jesus só Se referiu de passagem. E nessa ocasião nem aludiu ao retorno de Seus patrícios hebreus.

Quanto ao abandono da fé legítima, Ele Se expressou com insistência: **“Levantar-se-ão muitos falsos profetas e enganarão a muitos... Se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-lo ali! Não acrediteis; porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos. Vede que vo-lo tenho predito. Portanto, se vos disserem: Eis que Ele está no deserto!, não saiais. Ou: Ei-lo no interior da casa!, não acrediteis”** (Mateus 24.11, 23-26).

Ainda por meio de parábolas Jesus adverte sobre a apostasia, cujos seguidores, numa delas, Ele compara ao joio, muito semelhante ao trigo e deste só se distinguindo pelos frutos.

O Apóstolo João ouviu estas exortações do Senhor. E muitos anos mais tarde as palavras de Jesus reboavam-lhe nos ouvidos por ver o cumprimento delas na proliferação de tantos apóstatas. **“Porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora”**, ele estabelecia uma norma para testá-los. Quem não confessava a Jesus Cristo não era de Deus. Tinha a mentalidade do Anticristo. Os que seguissem a sã doutrina dos apóstolos eram de Deus.

Assim é que se deveria e se deve conhecer o espírito da Verdade e o espírito do erro (1ª João 4.1-6).

O espírito da Verdade é a lealdade à doutrina apostólica.

O ANTICRISTO, PROMOTOR E PONTO CULMINANTE DA APOSTASIA

Paulo Apóstolo se estendeu na sua Segunda Epístola aos Tessalonicenses a considerar a natureza e as atividades do Anticristo a fim de preveni-los quanto ao risco de serem enganados.

A apostasia, por ser um sistema de negações, é obra do diabo, o sedutor, que, para incrementá-la, se vale de falsos cristos e de falsos profetas.

O máximo promotor dela, contudo, é o Anticristo, cuja ação em prol do seu alastramento em inimagináveis proporções se dará no seio do Cristianismo nos últimos dias desta Dispensação.

E ainda! Se o Anticristo sempre liderou a apostasia e agora a promove como nunca, em contrapartida, o próprio Anticristo, o “papa”, se transforma no ponto culminante dela.

A apostasia nestes dias finais prestigia, enaltece a pessoa do Anticristo, o “papa”, e aplaude-lhe a atuação. É o **“mistério da iniquidade”** em exuberante ação quando Satanás, desesperado, joga suas últimas cartadas.

O diabo sabe da gloriosa parusia de Jesus Cristo. Engrandece o seu Anticristo com o prestígio da imensa apostasia, com num arremedo da Parusia do Senhor.

A visita do “papa” aos Estados Unidos na primeira semana do mês de outubro de 1979 foi uma autêntica parusia para o Anticristo. Todas as facções da apostasia daquela nação se aglutinaram para aplaudi-lo e prestigiar seu espetacular aparecimento em terras outrora conhecidas como evangélicas.

Engajados na arrancada final da apostasia, destacam-se dois grandes movimentos nos redutos do Cristianismo: o ECUMENISMO e o PENTECOSTISMO.

O ECUMENISMO

O ecumenismo ou *OIKUMENE* (vocábulo grego) é tão velho quanto o Império Romano dos Césares que, desde Otávio Augusto, ambicionava o alvo de uma humanidade unificada sob o único arbítrio do Imperador endeusado.

Por admitir a influência do fator religioso na consecução dos seus objetivos, aceitava e respeitava ele todas as crenças, tentando unir os cultos no Panteon.

No anelo de obter a “*oukumene*”, Constantino Magno decidiu outorgar ao Cristianismo a liberdade de culto e atrelar os cristãos nominais ao seu sonho de unidade imperial. Império unido numa religião unida!

O moderno movimento ecumenista se emparceira com os sonhos do Mercado Comum Europeu por objetivarem ambos a qualquer preço a irmandade de todos os homens e de todas as nações.

Se no longínquo passado dos Césares a religião engajada se entrosava no contexto imperial, também hoje ela se atrela à política do mundo, cujo príncipe é Satanás.

Com efeito, a meta preponderante do ecumenismo nas esferas da cristandade é o da irmanização religiosa de todos os homens num mundo de nova ordem social.

E, em sua liderança, se salienta a cleresia romanista, a imagem da besta.

Em meu livro **“O ECUMENISMO: SEUS OBJETIVOS E SEUS MÉTODOS”** analiso o movimento em sua unidade elucidando a incongruência da idéia de dois ecumenismos: um entre os evangélicos e o outro de orientação clerical vaticana. O chamado evangélico também tende para a **“grande Babilônia”**.

Todos os autênticos cristãos almejam a união fraternal dos homens. É verdade! Mas aquela verdadeira união preconizada por Jesus Cristo em João 17.20-23. A fraternidade dos homens sob a Paternidade de Deus, segundo as Sagradas Escrituras. A fraternidade que não despreza a sã doutrina, mas enaltece-a e sobre ela se levanta.

O ecumenismo, porém, nem cuida da real conversão evangélica e se desenvolve num clima de tolerância religiosa modelada pelo relativismo e pelo agnosticismo modernista e neo-ortodoxo exercitados nos “diálogos”, nos “encontros ecumênicos” e nas “semanas de oração pela paz”.

A liberdade teológica caracteriza a praxis ecumenista, que só permite entrar em pauta os pontos doutrinários comuns a todos os grupos reunidos, relegando ao desprezo doutrinas fundamentais das Escrituras se recusadas por alguns participantes.

O ecumenismo se amolda perfeitamente à atuação da **“mãe das prostituições”** por se destacar ele com a sua tática de tolerância. Daquela tolerância a fim da prostituição e, por isso, os lupanares são chamados de casas de tolerância.

A condescendência para com os indivíduos, embora estejam no erro, longe de significar parceria com suas “convicções”, deve nos mover a orientá-los na busca e no encontro da e com a Verdade. O dever, que a

todos incumbe, de respeitar os adeptos de qualquer crença religiosa não nivela todas as religiões na mesma altura de nobreza espiritual.

Em defluência daquela tolerância malsã, nos redutos ecumenistas, a evangelização bíblica é classificada de “proselitismo”. E, pelo fato de solapar as barreiras da sã doutrina nas consciências evangélicas, leva-as a nutrir simpatia pela atuação do pontífice vaticano.

Billy Graham, o evangelista de salário fixo de 39.500 dólares, sem se incluírem as pessoais “ofertas de amor” (Revista Time, 10/07/1978, p. 48), Billy Graham euforizado pela recente visita de João Paulo II ao seu país, declarou: “Nenhum outro homem no mundo de hoje poderia atrair tanta atenção em se tratando de assuntos morais e espirituais como João Paulo. Ele está enunciando o que as igrejas católica e protestante têm tradicionalmente defendido, os valores morais dos Dez Mandamentos e do Sermão do Monte. O país está reagindo de maneira magnífica. Demonstra que há grande fome espiritual. O papa alcançou milhões de protestantes. O movimento ecumênico organizado parece estar por trás disso e a ecumenicidade está agora agindo nos pontos onde católicos romanos e protestantes partilham das crenças em questões tais como o Nascimento Virginal e a Ressurreição de Cristo” (Revista Time, 15/10/1979, p. 27).

O ecumenismo dessa forma, executa o seu papel de, nesta conjuntura histórica de véspera da Parusia do Senhor glorificado, fomentar a apostasia e prestigiar o “papa”, a contra-figura satânica de Cristo.

No bojo ecumenista, todos podem ter a sua participação, menos os leais à sã doutrina. Os cristãos ecumenistas (?) nutrem enorme boa vontade para com todos de todas as seitas religiosas, até mesmo daqueles que nem crêem em Deus. Em todas elas só querem ver o lado bom, o aspecto positivo. Com tenacidade feroz, contudo, repelem os fiéis seguidores da Verdade integral do Evangelho.

Aliás, devido à perniciosa influência das manobras ecumênicas, quem quer ser fiel à doutrina dos apóstolos contida em o Novo Testamento é posto à margem e tido como radical, fanático e retrógrado.

Nesse contexto do ecumenismo, se destaca o NEO-EVANGELISMO abrangente e inclusivista com o seu bombástico método interdenominacional e indenominacional.

Na craveira ecumenista, esse neoevangelismo, ao ajuntar pessoas de várias denominações evangélicas, restringe o Evangelho ao mínimo do mínimo, deixando o pecador satisfeito consigo porque também ele crê em Cristo. Num mundo permissivista fica bem o neo-evangelismo do contexto ecumenista porque abre mão da seriedade do Evangelho de Jesus Cristo ao permitir plena abertura a concessões no terreno doutrinário e moral.

Por ser abrangente, o neoevangelismo elimina do Evangelho a necessidade do batismo bíblico, a exigência da filiação à igreja local, da participação na Ceia do Senhor e tantos outros importantes aspectos da vida cristã.

Em sendo inclusivista, é forçado a trair a sã doutrina. Com efeito, como poderia o neoevangelismo abrangente falar em batismo se participantes seus adotam diferentes conceitos sobre o batismo e sua administração?

O neo-evangelismo, por ser inclusivista, junta seguidores das mais desconstruídas opiniões. Até os próprios modernistas, que negam a inspiração divina das Escrituras. Até os negadores da perseverança eterna dos salvos.

Para esse tipo de evangelismo tolerante, todos esses aspectos da vida cristã são irrelevantes, como se nosso Senhor Jesus Cristo, ao instituir o batismo e fundar a Sua Igreja, houvesse tratado de coisas irrelevantes.

O neoevangelismo, em decorrência de seus métodos, é a dança da cirandinha, em cuja roda, à custa da sã doutrina sacrificada, os apóstatas tentam sua promoção pessoal. Nesta última arrancada da apostasia, destaca-se ele como seu grande auxiliar por desleixar dos limites da doutrina.

Seus discursivos sentem-se bem se agradam os pecadores e se são elogiados. Recusam sacrificar o seu prestígio pessoal, embora sacrifiquem a legitimidade dos princípios sagrados.

Fazem-me eles lembrar de um arcebispo ávido de promover a sua reverendíssima pessoa. Empenhava-se por comparecer a todos os convites porque dizia: “Preciso prestigiar a igreja”. A “igreja” era ele! E, de tanto estar em todas, os “padres” puseram-lhe o apelido de “coca-cola”, o refrigerante que, segundo a propaganda da época, está em todas.

Ao contrário da atuação de Jesus Cristo, de Paulo Apóstolo, de Pedro, de Estêvão e de todos os pregadores fiéis à Verdade, sempre dispostos ao combate da falsidade religiosa, os arengadores neoevangelistas julgam não ser de boa tática combater erros doutrinários porque isso feriria os ouvintes ou telespectadores.

Esses discursivos postos a serviço do ecumenismo têm os seus programas em emissoras radiofônicas e em canais de TV. São programas bem montados, verdadeiros “shows” dentro dos padrões profanos. Com o intuito de serem simpáticos, cuidam de seu vocabulário para ser sempre agradável aos possíveis ouvintes ou telespectadores.

Anos passados, estive no Rio de Janeiro um desses pregadorastros sustentado por uma sociedade evangelizante montada na fatura do dólar.

Numa noite da sua cruzada, no Maracanã, inclusivista como ele só, cedeu a verborreia a um “bispo” anglicano para incômodo de alguns crentes sinceros presentes e para gáudio da massa dos idiotas.

No domingo à tarde, quando de sua última palestra daquele ciclo, o discursador começou mencionando, numa longa introdução, o Cruzeiro do Sul porque o Brasil nasceu sob o signo da cruz. Da cruz presente no altar da primeira missa. Da cruz que se encontra na Transamazônica, a grande estrada que cruza outras. E por aí a exaltar o pecador brasileiro, cuja pátria é cristã porque assinalada com a cruz.

O que a seguir apresentou do Evangelho não entrou no coração de pecador algum por se encontrar este satisfeito com a cruz do Cruzeiro do Sul, da primeira missa e da Transamazônica...

O neoevangelismo é, por essas razões, um evangelismo de fachada. É um evangelismo que cuida de quantidade de adesões e nem se preocupa com a genuína conversão.

É um evangelismo tipo moda frente única, descoberto nas costas. Desprotegido na retaguarda por se omitir da sã doutrina.

Mas o neoevangelismo é de uma rentabilidade extraordinária para os planos ecumenistas do “papa”. Além de não criar embaraços à **“mãe das prostituições”**, engaja-se perfeitamente nos planos do ecumenismo concentracionário.

O PENTECOSTISMO

É o fertilíssimo caldo de cultura da apostasia entre as massas.

Apostasista porque admite a possibilidade de vir o crente com os seus pecados perder a salvação, à semelhança do Catolicismo; ele nega a perseverança eterna e indefectível dos salvos.

Aceita e prega o conceito antievangélico do risco do crente em consequência de suas possíveis infidelidades perder a salvação.

Ora, a afinidade entre pentecostismo e Catolicismo neste ponto fundamental é evidente. Se eu posso com os meus pecados perder a salvação, significa que a salvação depende das minhas obras. E isso é Catolicismo!

É por isso mesmo que o pentecostismo, parceiro do Catolicismo, é abusivamente legalista com as suas proibições opressivas de cabelo curto, pintura nas faces e nos lábios, roupas esporte para a mulher, cabelos longos, cinema (embora muitos aceitem a televisão em casa com os seus filmes) para os rapazes; com as suas listas de pecados praticados os quais

produzem o cair da graça. Assim como o Catolicismo distingue os pecados em mortais e veniais, o pentecostismo adota o mesmo quando apresenta pecados que produzem a perdição do crente e outros que nada ou pouco significam.

Com o seu Cristo simplesmente curandeiro, o pentecostismo restringe-se às preocupações de ordem física e material por prometer a cura de enfermidades e a solução de problemas deste mundo.

Ausenta-se nas arengas dos seus ministros a clara apresentação do Plano de Salvação do pecador. Interessam-lhes os milagres materiais.

O descaso desta doutrina é a norma de sua prática. Aliás, confunde doutrina com costumes, como, por exemplo, o do cabelo comprido para a mulher e o do curto para o homem. Certa feita ouvi uma pentecostal dizendo que os batistas não têm doutrina porque permitem as mulheres cortarem o cabelo.

Nos seus cultos nem poderiam desenvolver a doutrina da salvação a menos que terminassem por completo a algazarra e a gritaria.

Estas, porém, são sempre incentivadas por facilitar a afluência de muita gente, na maioria ávida de catarse emocional.

O pentecostismo, outrossim, oferece à apostasia inexcedível contribuição por realçar a sua distintiva experiência de “batismo do Espírito Santo”.

Consoante esse movimento supostamente carismático, as pessoas devem receber, como segunda bênção, esse “batismo”. É a experiência máxima e preponderante da verdadeira vida cristã.

Então basta o indivíduo emocionalmente destemperado ou o habilidoso embusteiro ter uns tremeliques, contorcer-se, articular sílabas desconexas... e pronto! Foi batizado com o Espírito Santo. Que continue com vida pregressa. Nada importa! Só a experiência do tal batismo do Espírito Santo é válida!

O clero finório que nunca perde oportunidade decidiu aproveitar também esta e criou o movimento dos católicos pentecostais ou carismáticos. Tudo no ritmo dos outros pentecostais, também com as estremeções e as “línguas estranhas”.

E os pentecostais “evangélicos” para os quais a legítima experiência é essa, desprezando todo o Evangelho e a necessidade da genuína conversão que, fundamentalmente, implica em verdadeiro arrependimento, esses pentecostais recebem com entusiasmo essas notícias católicas e consideram os católicos carismáticos como também batizados com o Espírito Santo. Que continuem eles idólatras, mariólatras... Nada importa. Passaram pela experiência dos tremeliques...

Sem qualquer fundamentação bíblica e com uma esdrúxula interpretação de Joel 2.28-29, esperam eles um extraordinário reavivamento espiritual incluído entre os sinais da volta de Cristo. Se o inconfundível sinal é a apostasia, onde lugar para o tal reavivamento?

Querem supor que Deus derramará o Seu Espírito sobre toda a carne muito embora seja essa carne feiticeira e idólatra. Querem ver nessa passagem a promessa do derramamento do Espírito sobre pessoas de todos os grupos religiosos-cristãos, sem quaisquer barreiras doutrinárias. Desconsiderando os reais valores das Sagradas Escrituras contidos nos princípios doutrinários.

Se Jesus diz em Apocalipse 22.15 que os idólatras e os feiticeiros não entram nos céus, como se há de conceber um “batismo do Espírito Santo” para eles?

Há alguns meses, encontrei por acaso um cidadão, antigo pastor batista, hoje ligado ao pentecostismo. Alto, gordo, voz tonitroante, falante em excesso, aproveita todas as ocasiões para despejar o seu enxurro carismático, apesar de sua vida ficar muito longe do sério testemunho evangélico.

Papada sacolejante na cara gorda, veio me contar as “maravilhas” dos católicos pentecostais porque “para o Espírito Santo não há barreiras. O Seu poder excede os nossos preconceitos”, dizia-me. “Os católicos estão sendo também batizados com o Espírito Santo, falam línguas, profetizam, curam...”

No seu desejo nem me permitiu observar a insensatez de semelhante entusiasmo. Onde já se viu ter o Espírito Santo quem é idólatra?

E arrematou o entusiasta carismático cujas transações comerciais se pautam pela desonestidade: “Na podridão católica corre um filete de água pura, água viva do Espírito Santo”.

É o máximo! Um filete de água pura no meio da água pútrida! E não se mistura? Que ilustração mais idiota!!!

Recebi em dias recentes uma carta de um missionário norte-americano atualmente em trabalhos especiais nos Estados Unidos. Pôs-me ao corrente do extraordinário surto católico em sua pátria graças, sobretudo, à influência dos católicos pentecostais, movimento este, recorde-se, nascido nos Estados Unidos.

Há, ainda, um outro ponto de contato muito íntimo entre os dois “ismos” carismáticos: a colocação da Bíblia em plano inferior. O Catolicismo recusa as Sagradas Escrituras como única regra de fé, pois sua teologia se enraíza na tradição e, sobretudo, na palavra do seu soberano pontífice. Ora, o pentecostismo também relega a Bíblia a plano

secundário. São muito mais importantes os seus profetas, as suas revelações, os seus sonhos, as suas experiências... Os textos das Escrituras lhes servem como pretextos. Querem entender passagens da Bíblia à luz das experiências pessoais, às quais subordinam as Escrituras. E não o contrário! Isto é, estas experiências pessoais devem ser examinadas à luz das Sagradas Escrituras, porquanto estas são incomparavelmente superiores às experiências.

Tantos pontos de contato entre Catolicismo e pentecostismo que os emparceiram na mobilização de todas as forças para erguer bem alto o prestígio do “papa”, a besta religiosa do Apocalipse.

Ecumenismo e pentecostismo se unem na consecução do mesmo objetivo: incrementar a apostasia, o único e grande sinal para a Igreja da vinda gloriosa de Cristo.

Se o joio das heresias se desenvolveu ao lado do genuíno trigo da fidelidade doutrinária, a apostasia hoje atinge as proporções de juntar sob a sua bandeira as multidões de cristãos nominais sob a anuência complacente dos acomodados cuidadosos de se livrarem de quaisquer indisposições com terceiros.

Chegamos ao tempo previsto por Paulo Apóstolo quando **“não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas”** (2ª Timóteo 4.3-4).

A descambada generalizada para a apostasia, contudo, ao invés de entristecer o verdadeiro crente, o salvo, torna-se motivo de intenso júbilo por lhe indicar o cumprimento do inconfundível sinal da volta gloriosa de Jesus. Aliás, único sinal para a Igreja!

.oOo.

TRIUNFOS PRECURSORES DA DERROTA FINAL

A luta multissecular de Satanás contra Jesus Cristo tem como campo a Igreja. Nessa batalha sem quartel, o Anticristo é o feroz comandante das hostes infernais. É o plenipotenciário do diabo investido de todas as possíveis e imagináveis atribuições. E, na execução de sua incumbência, usa de dois métodos: o da violência e o da deturpação do Evangelho.

Por ser Jesus Cristo o Cordeiro (Apocalipse 5.6-14), apresenta-se ele na semelhança de um cordeiro (Apocalipse 13.11), imitando mansidão, cordura, submissão, capacidade de sacrifício porque quer enganar, seduzir os habitantes da terra (Apocalipse 13.14). Instrumento do diabo, fala como dragão, proferindo grandes palavras (Daniel 7.11). Na **“operação do erro”**, sua tática é a de confundir o Evangelho, deturpando-o com o intuito evidente de confundir o pecador para que este recuse o amor da Verdade e creia na mentira (2ª Tessalonicenses 2.10-12).

A Igreja é a obra perfeita de nosso Senhor Jesus Cristo. Edificou-a Ele (Mateus 16.18). Dela é Ele a pedra angular (Efésios 2.20; 1ª Coríntios 3.11; Mateus 16.18; Atos 4.10-12; 1ª Pedro 2.4, 6-8). É o seu Cabeça, sendo ela o Seu corpo (1ª Coríntios 12.12, 27; Efésios 1.22; 5.23). Ama-a até à imolação por querê-la gloriosa, imaculada, santa e irrepreensível (Efésios 5.25, 27). Purificou-a com o Seu sangue (Apocalipse 1.5-6). É a Sua Noiva como uma virgem pura (2ª Coríntios 11.2), uma Noiva ataviada para o seu Noivo (Apocalipse 21.2) a ser esposa do Cordeiro (Apocalipse 21.9). Vitoriosa, será ela a Santa Cidade, a Nova Jerusalém (Apocalipse 21.2, 10).

Pelo poder do dragão Satanás, o Anticristo, cheio de ódio, insurge-se contra a Igreja para destruí-la. E como o diabo, o **“pai da mentira”** (João 8.44) sabe ele iludir. Caricaturiza como ninguém. Finge-se cordeiro e, qual hábil prestidigitador, organiza a sua “igreja” com aparência da verdadeira. É o inigualável parodista cuja “igreja” é uma burlesca imitação da legítima Igreja de Cristo. É a antiigreja em antítese da verdadeira! Deturpa a obra de Cristo para deturpar as consciências.

O livro de Apocalipse é o registro da implacável batalha travada por Satanás, criador e mentor do Anticristo e seu instrumento, contra a Igreja de nosso Senhor Jesus Cristo.

Prestidigitador finório, escamoteador sagaz, parodista astuto, o Anticristo, a contrafigura satânica de Jesus Cristo, criou a sua própria “igreja”, o seu sistema de “operação do erro” para seduzir os homens a fim de crerem na mentira.

Desta sua “igreja” quer ser ele a pedra, a cabeça. Na ambição de ser o vigário de Cristo, pois a preposição grega ANTI denota o sentido de substituição, no propósito de ludibriar, apresenta-se ele como quem se imola por sua organização e a ela dá aparências de santidade e de pureza.

Se a Igreja é a Noiva do Senhor, o Anticristo apresenta a sua como mulher, esposa e mãe. A **“santa mãe igreja”**.

Se a Igreja é a Santa Cidade de Jerusalém, o seu sistema é a grande cidade.

Em seu pleno realismo, porém, as Sagradas Escrituras reconhecem ser a anti-igreja mulher, esposa e mãe! **“Mãe das prostituições”!** Reconhecem-na a **“grande cidade”!** A **“grande Babilônia”!**

A “igreja” do Anticristo, o “papa”, é a obra prima de parodice. É diabolicamente perfeita!

Apocalipse anota os seus triunfos! É a mulher a cavalgar uma besta escarlata (Apocalipse 17.3), a contaminar os reis da terra (Apocalipse 17.1-2). Mulher prostituta (Apocalipse 17.1; 19.2), em cuja fronte traz o nome mistério (Apocalipse 17.16). É a **“mãe das prostituições e abominações”** (Apocalipse 17.5). É a grande Babilônia, em cujas entranhas geram-se todas as deturpações da Verdade!

A BESTA EM QUE CAVALGA A MULHER

Apocalipse 17 focaliza os derradeiros instantes do domínio do sistema do Anticristo, a anti-igreja, figurada numa mulher (Apocalipse 17.3), em contraste com a mulher-noiva do Cordeiro a ser glorificada pelo Senhor Jesus.

A mulher, metáfora do sistema hierárquico católico, monta uma besta cor de escarlata, **“repleta de nomes de blasfêmia, com sete cabeças e dez chifres”** (Apocalipse 17.3).

São pormenores concretos e plásticos que identificam com a besta de Apocalipse 13.1-10 esta cavalgadura símbolo do Império Romano restaurado no fim dos tempos.

A alimária é escarlata do sangue das suas perseguições, pois é sanguinária como o leopardo e o urso (Apocalipse 13.2). Ela é cheia de nomes de blasfêmias, os epítetos divinos tributados ao Imperador romano.

As suas sete cabeças são os sete montes sobre os quais a mulher se assenta (Apocalipse 13.9). E os dez chifres são os reis vassalos da besta Império. Não daquele antigo Império Romano ferido da espada desde o fim da sacra potência instaurada por Carlos Magno. É o Império Romano com a sua ferida curada outra vez (Apocalipse 13.3), quando for restaurado nas culminâncias da História.

Deus está por detrás de todos os eventos. Ele dirige os destinos dos homens! E a tudo encaminha na rota de se concretizar o Seu plano e de se cumprir a Sua soberaníssima e salvífica vontade.

A besta sobre a qual cavalga a mulher **“era e não é, está para emergir do abismo e caminha para a destruição”** (Apocalipse 17.8).

Curtas e incisivas expressões metafóricas a revelarem o ressurgimento da grande potência de curto domínio e a caminho rápido da definitiva e irremediável destruição.

A espetacular restauração da besta figural, o Império Romano, que **“era e não é”** e que **“está para emergir”**, atrairá a admiração dos habitantes da terra cujos nomes estão omitidos no Livro da Vida (Apocalipse 17.8) porque são inimigos de Deus e da Igreja. Maravilhar-se-á toda a terra e seguirá em pós da fera miraculada (Apocalipse 13.3).

A identificação inconfundível da besta com a confederação política a ressurgir nos tempos do fim tem outras marcas características.

Se as sete cabeças são os sete montes ou colinas sobre as quais se constrói Roma, **“são também sete reis, dos quais caíram cinco, um existe e o outro ainda não chegou; e, quando chegar, tem de durar pouco”** (Apocalipse 17.9-10).

Os fiéis servos de Deus são dotados de inteligência que tem sabedoria (Apocalipse 17.9) e, por isso, sem esbarrar numa *crux interpretum* (a cruz dos intérpretes) para o desespero dos hierarcas católicos, entendem com facilidade o significado dessas incisivas locuções metafóricas.

“SETE REIS” – de acordo com o estilo bíblico, toma-se o rei pelo reino. Os reis, portanto, são reinos ou impérios vistos num quadro profético único a abranger todo o curso da História até o fim dos tempos.

“CINCO JÁ CAÍRAM” – reportando-se à História bíblica, sabemos que as cinco grandes potências perseguidoras do povo de Deus, sucessivamente, foram: Egito, Assíria, Babilônia, Medo-Pérsia e Grécia. Três desses cinco encontram-se alegorizados na estátua de Nabucodonosor e nos animais das visões do profeta Daniel.

“UM EXISTE” – qual o Império dominante ao tempo de João? O Romano ou latino, evidentemente. Este Império, como já fizemos notar em capítulo precedente, carrega no seu bojo a herança de todos os reinos anteriores.

“O OUTRO AINDA NÃO CHEGOU” – é o mesmo Império a ser restabelecido quando tiver o seu ferimento curado no ano 800 com a coroação de Carlos Magno.

“QUANDO CHEGAR, TEM DE DURAR POUCO” – sua predominância com Carlos Magno foi de efêmera duração significada pelos 42 meses de Apocalipse 13.5, pois logo se perdeu.

Aí estão os sete reinos sucessivos metaforizados nas sete cabeças da besta.

O sétimo Império também é chamado de oitavo: **“A besta, que era e não é, também é ele, o oitavo rei, e procede dos sete, e caminha para**

a destruição” (Apocalipse 17.11). É uma alusão clara ao Sacro Império Romano de Carlos Magno. Sem se incluí-lo ficaria sem sentido a frase.

Senão, vejamos!

Cinco reinos já eram desaparecidos ao tempo de João. O sexto, o Império Romano então vigorante, era o do seu tempo.

O sétimo haveria de vir. O oitavo também. E este oitavo é dos sete. É evidente ser este sétimo aquele Império Sacro de Carlos Magno de curta duração. Seu rápido predomínio serviu para solidificar ainda mais e incrementar o poderio papal.

O **“oitavo rei”** será a última potência política imperial da História, a ser restaurada com a confederação romana. **“Procede dos sete”** é uma expressão a identificá-lo com exatidão à sequência dos reinos perseguidores do povo de Deus.

Para João, o vidente de Patmos, a besta se constituía num mistério que lhe provocava admiração (Apocalipse 17.6-7). Para nós outros, de inteligência que tem sabedoria, postos nessa esplanada da História e dotados de possibilidade de cotejar com as Sagradas Escrituras os destacados eventos, torna-se fácil o entendimento da figuração dos **“sete reis”**.

A besta, contudo, tem outra nota distintiva importantíssima na cifra estereotipada dos simbólicos **“dez chifres”**. Estes **“são dez reis”** (Apocalipse 17.12) que concordarão em dar a sua autoridade e poder à besta. Subordinar-se-ão a ela. E esta sujeição fará da besta (que será um rei) um Imperador.

Os sete reinos ou Impérios da figuração das sete cabeças são sucessivos. Estes **“dez reis”** são simultâneos, ou seja, coexistirão ao mesmo tempo que a besta restaurada.

Jamais poderemos esquecer aquela propriedade da profecia bíblica já aludida em nosso prefácio. A de vaticinar duas ou mais ocorrências, sendo que a primeira confirma a veracidade da profecia e prognostica com segurança o acontecimento posterior, constituindo-se o primeiro acontecimento também em profecia da ocorrência seguinte.

A existência do Império Romano figurado pelos pés e pelos dez dedos de ferro e de barro da estátua monumental dos sonhos de Nabucodonosor, também representado pelo quarto animal de dez chifres das visões de Daniel e ainda metaforizado pela primeira besta ou fera política de Apocalipse 13.1-10, confirma o cumprimento infalível da profecia do seu ressurgimento, aliás, revelado também pelo evento de sua restauração no ano 800 com Carlos Magno sob as “bênçãos” consecratórias do “papa” Leão III.

A potência restaurada quando do cumprimento dos derradeiros episódios escatológicos se comporá de reinos satélites ou vassallos da força confederada significados nos dez chavelhos da besta figurativa. E todos eles com **“um só pensamento oferecem à besta o poder e a autoridade que possuem”** (Apocalipse 17.13).

É a História a se repetir!

Já alinhamos os nomes das nações que atualmente compõem o Mercado Comum Europeu (Itália, França, Alemanha, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Inglaterra, Irlanda e Dinamarca). Se, sob a sagacidade do “papa”, o Anticristo, no ano 800, a besta foi curada, a próxima restauração da potência imperial também o será sob a atuação astuciosa do mesmo pontífice. Não é sem significado o estabelecimento de relações diplomáticas pela primeira vez entre a “Santa Sé” e a Grécia recentemente levado a efeito. As atividades políticas de João Paulo II impressionam pelos resultados obtidos no sentido da reunião das pedras do jogo para se harmonizarem as nações satélites da imperial confederação.

São os países, aqueles chifres, dos símbolos do Apocalipse, que se aglutinam na recomposição da grande confederação, revivescência do Império Romano, com a qual se sustentará aliada à hierarquia clerical na perseguição dos eleitos de Deus como há vinte séculos o poder sacerdotal se coligou à autoridade imperial para matar Jesus Cristo.

O MISTÉRIO DA MULHER

A besta cavalgada é a Roma política. A mulher amazona é a Roma religiosa, a hierarquia católica.

Esta mulher se distingue da segunda besta de Apocalipse 13.11-18 porque esta fera corresponde ao Anticristo ou falso profeta, o “papa”. A mulher se identifica com o sistema religioso por ele governado, que é a falsa “igreja”.

Este sistema religioso ou hierarquia católica vive e sobrevive à custa dos poderes públicos. É a parasita dos povos à semelhança das alimárias sobre as quais monta, trota e galopa na sua desmedida arrogância. Fustiga as suas alimárias com os seus fuxicos. Esporeia-as com as suas intruções. Encabresta-as com os dogmas aberrantes.

“Montada numa besta” é a expressão a demonstrar a subserviência da besta política à mulher prostituta. É a submissão do poder civil ao poder religioso idólatra.

Nessa petulante postura ela, qual Ninive do passado, **“a cidade alegre e confiante”** do passado (Sofonias 2.15), ou qual rei de Tiro na sua ânsia de se elevar acima de Deus (Ezequiel 28.2), ou qual Babilônia da antiguidade, **“a senhora de reinos”** (Isaías 47.5, 7), a MULHER, na sua extrema insolência, glorifica-se como rainha dominadora (Apocalipse 18.7).

A besta é simplesmente de cor escarlata do sangue de suas vítimas. A mulher sobre ela montada veste-se de púrpura e de escarlata, adorna-se de ouro, pedras preciosas e pérolas (Apocalipse 17.4) porque a sua fabulosa riqueza sugada dos povos excede à da besta política.

Na figuração da suntuosa amazona recoberta de púrpura caríssima e engalada de gemas e joias preciosíssimas, Apocalipse vaticina o sistema católico como a maior potência econômico-financeira do mundo e de sempre que a torna balcão internacional de **“mercadoria de ouro, de prata, de pedras preciosas, de pérolas, de linho finíssimo, de púrpura, de seda, de escarlata; e toda espécie de madeira odorífera, todo gênero de objeto de marfim, toda qualidade de móvel de madeira preciosíssima, de bronze, de ferro e de mármore; e canela de cheiro, especiarias, incenso, unguento, bálsamo, vinho, azeite, flor de farinha, trigo, gado, ovelhas; e de cavalos, de carros, de escravos e até almas humanas”** (Apocalipse 18.12-13).

Mercadorias de imóveis em suas poderosas imobiliárias da França, Alemanha e Estados Unidos; de anticoncepcionais em suas fábricas e entrepostos na Dinamarca e na própria farmácia do Vaticano; de bicicletas, máquinas fotográficas; de gás liquefeito, de gasolina; de títulos, dólares e de libras esterlinas na Bolsa de Valores da Itália, da França, da Alemanha e dos Estados Unidos; de automóveis, de armas bélicas, de escolas, de universidades, de hospitais, de televisões e emisoras radiofônicas... E mercadorias de fâmulos-escravos espoliados com salários ínfimos, do beatério servilizado às suas estapafúrdias doutrinas... E ainda mercadoria das almas de homens com as quais trafica através de seus sufrágios com as ignóbeis propostas de retirá-las do mentiroso purgatório...

Em direção do seu apogeu, na liderança do seu magnata pontífice, o Anticristo, a hierarquia católico-romana, ventre insaciável, atinge o máximo de riquezas materiais no mundo inteiro, inclusive neste pobre Brasil, há quatro séculos espoliado por ela.

Só um dos seus bancos, o INSTITUTO PARA OBRAS RELIGIOSAS, eufemismo sob o qual se esconde a poderosa empresa de negócios financeiros, em 1977 movimentou 36 bilhões de dólares com os seus apenas sete mil depositantes, transações essas que lhe renderam, no

mínimo, à taxa de 10%, TRÊS BILHÕES E SEISCENTOS MILHÕES DE DÓLARES.

A mulher é **“a grande meretriz que prostituía a terra com a sua prostituição”** (Apocalipse 19.2). É a **“grande meretriz”** a dominar povos, multidões, nações e línguas (Apocalipse 17.1, 15), com a qual fornicam os reis da terra e que com o vinho da sua prostituição embriaga os habitantes da terra, implicados em suas corrupções do Evangelho.

Nenhuma outra instituição religiosa adulterou tanto a Verdade do Evangelho como a hierarquia católica.

“Grande meretriz” como no passado Tiro (Isaías 23.15-17), Nínive (Naum 3.4), Samaria, Judá e Jerusalém (Ezequiel 23), todas assim designadas em defluência do seu culto idólatra.

“Mãe das prostituições e abominações da terra” é **“a grande Babilônia”** (Apocalipse 17.5), por ser, não apenas um sistema idólatra, mas também por ser a causa de todos os sistemas idólatras, seus subsidiários, pervertedores do Evangelho espalhados pelo mundo.

Insiste o Catolicismo em se intitular “mãe igreja” ou “santa madre igreja”. E tem razão por confessar assim a sua condição de mãe prostituta. Declara ser, de fato, essa mulher mãe de Apocalipse 17.

A Verdadeira Igreja, a Igreja instituição, ainda é a Noiva de Cristo, cujos esponsais se efetuarão quando do Arrebatamento (Apocalipse 18.7-9).

A Babilônia das águas do Eufrates é simplesmente Babilônia. Esta, a responsável pelas perversões do Evangelho, é assinalada com o adjetivo grande, **“a grande Babilônia”**.

Na antiguidade, a Babilônia histórica foi a origem da idolatria, do culto a deuses falsos. Na vigência da economia do Evangelho, o sistema católico é a Babilônia mística de cujas entranhas procede a idolatria do culto falso ao Verdadeiro Deus.

Se ignóbil a primeira forma idólatra gerada e fomentada pela Babilônia geográfica, a idolatria do culto falso a Deus carece de adjetivos que lhe tachem a hediondez.

Mulher montada na besta política a subjugá-la aos seus caprichos e interesses, mulher trajada de luxo inexcedível e adornada de jóias preciosíssimas, mulher grande prostituta a dominar povos, nações e a entornar sobre a humanidade o seu cálice imundo de prostituições, mulher grande Babilônia por ser o útero gerador de culto falso, a hierarquia romanista também é a mulher bêbada com **“o sangue dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus”** (Apocalipse 17.6). Sua embriaguez atingirá os paroxismos do delírio, do *delirium tremens*,

quando do seu próximo predomínio, ao auge absoluto de sua ascensão favorecida pelo ecumenismo e pelo pentecostismo, incrementadores da apostasia.

Sempre à idolatria segue-se o assassinio dos fiéis como também ocorreu em Jerusalém na ocasião em que a capital de Judá descambou para as práticas do nefando culto (Ezequiel 16.36-38; 23.17-45).

À Roma religiosa ou à grande Babilônia, metrópole da idolatria, associar-se-ão os povos no combate ao Cordeiro e aos Seus eleitos (Apocalipse 17.14), quando do apogeu da mulher durante a Grande Tribulação. Sobre eles descarregará a grande prostituta os horrores de suas perseguições. Nesse período, mais do que nunca, ébria sedenta de sangue, requintar-se-á de violência.

Os eleitos, os servos do Cordeiro, contudo, saberão ser firmes e inabaláveis perante este último esforço de predomínio da mulher, a falsa “igreja” já a caminho de iminente e definitiva ruína.

Tomarão para si a advertência de Jesus: **“Acautelai-vos dos homens; porque vos entregarão aos tribunais e vos açoitarão nas suas sinagogas; por Minha causa sereis levados à presença de governadores e de reis, para lhes servir de testemunho, a eles e aos gentios. E, quando vos entregarem, não cuideis em como ou o que deveis falar, porque, naquela hora, vos será concedido o que haveis de dizer, visto que não sois vós os que falais, mas o Espírito de vosso Pai é Quem fala em vós. Um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai, o filho; filhos haverá que se levantarão contra os progenitores e os matarão. Sereis odiados de todos por causa do Meu Nome; aquele, porém, que perseverar até ao fim, esse será salvo. Quando, porém, vos perseguirem numa cidade, fugi para outra; porque em verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel, até que venha o Filho do homem”** (Mateus 10.17-23). **“Estas cousas vos tenho dito para que tenhais paz em Mim. No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo, Eu venci o mundo”** (João 16.33).

A mensagem de bom ânimo para aqueles eleitos é para nós uma mensagem de resistência na sustentação da sã doutrina no atual redemoinho avassalador da apostasia.

O “MISTÉRIO DA INIQUIDADE”

Admirara-se João com as notícias a respeito da mulher. Surpreendera-se de assombro! (Apocalipse 17.7).

A mulher figurativa é a hierarquia clerical do Catolicismo, responsável pelo incremento e pela divulgação da apostasia, tendo ela, como seu centro de unidade, o soberano pontífice, o Anticristo, plenipotenciário de Satanás, revestido do múnus do primado sobre a falsa “igreja”, **“a grande Babilônia”**, e dotado do dom da infalibilidade (?) que o faz oráculo de Deus, como dogmatiza a sua teologia.

É o soberano pontífice o Anticristo por ambicionar o vicariato de Cristo à frente da “igreja” imperializada, cuja hierarquia, **“imagem da besta”**, prolonga até aos confins da terra e dos tempos futuros aquela organização sócio-político-administrativa do antigo Império latino.

É ele **“o mistério da iniquidade”** já operante ao tempo de Paulo Apóstolo (2^a Tessalonicenses 2.7).

Revelado na sua atuação com a queda do então rei romano, assentou-se no santuário de Deus e foi crescendo nas suas desmedidas pretensões à custa da crescente perversão do Evangelho por ele mesmo imposta até atingir o dom da infalibilidade quando, em 18 de julho de 1870, este dogma foi definido e proclamado.

Os poderes civis a ele jungidos durante a Idade Média e em parte da Idade Moderna rebelaram-se contra ele e, com a unificação italiana consumada em meados de 1870, veio ele a perder todos os Territórios Pontifícios. Considerou-se espoliado e desprestigiado diante do mundo. Em ser também chefe de Estado, sentia-se inferiorizado diante dos governantes. Reduzido a mero cabeça religioso, trancou-se como protesto em seus palácios vaticanos. Dos aposentos pontifícios jamais saíram os amuados Leão XIII, Pio X, Bento XV e Pio XI.

Salvou-lhes no pontificado de Pio XI a situação vexatória o chefe italiano Benito Mussolini quando, em 11 de fevereiro de 1929, pagando enorme soma contra aqueles Territórios, com a concordata conhecida como Tratado de Latrão, instituiu o atual Vaticano, estado independente e autônomo da Itália e governado pelo “papa”. Tornara-se o pontífice outra vez chefe político a enfeixar em suas mãos os poderes civis. Do estado do Vaticano é ele o monarca absoluto com a plenitude dos poderes legislativo, executivo e judiciário.

Embora de limites territoriais acanhados, não se inferioriza perante os chefes de outros Estados porque nenhum deles desfruta de tantos poderes como ele.

Custou-lhe tempo a recuperação do trauma e, por isso, Pio XI deliberara permanecer recluso nos limites geográficos do novo Estado do Vaticano. Pio XII, seu imediato sucessor, ultrapassou-os só uma vez para,

em gesto demagógico, ir às ruas de Roma na ocasião de ser bombardeada pelas Forças Aliadas durante a Conflagração Mundial de 1939-1945.

João XXIII, sucessor de Pio XII na linhagem do Anticristo, visitou outras regiões da Itália. Sua idade avançada, porém, embargou-lhe longas excursões. Estas foram efetivadas por Paulo VI, que atingiu os Estados Unidos, o Oriente Médio e a Colômbia.

O “papado”, extraordinariamente elástico, tem uma imensa capacidade de adaptação. Às vezes, as circunstâncias o forçam a delongas para ele indesejáveis, mas sempre chega lá.

Os ocupantes do seu sólio são, pelo colégio cardinalício, escolhidos sob rigorosos critérios de seleção à luz das circunstâncias político-sociais contemporâneas. Em decorrência, aí está a levar de arrastão os aplausos do mundo inteiro o polonês Karol Wojtyla, João Paulo II, “*John Paul, superstar*”, como o classificou a revista Time.

A ascensão em todos os sentidos do atual pontífice imperante se constitui na verdadeira e suntuosa parusia do Anticristo para estes tempos do fim.

Satanás, o dragão, sabe da gloriosa Parusia ou volta de nosso Senhor Jesus Cristo. E, numa caricatura dela, está a promover a parusia do Anticristo, o seu instrumento na prostituição do Evangelho, porque sabe também ser esta a sua derradeira oportunidade.

A ocorrência da consumação dos sinais precedentes da vinda triunfal de Cristo, sobretudo a da criação do Mercado Comum Europeu ou o Pacto de Roma e o retorno para a própria terra da nação de Israel, essa ocorrência se conjuga com o acontecimento desse outro destacado sinal: o enorme prestígio ascendente até às culminâncias do Anticristo na pessoa do “papa”, de quem, em outubro de 1979, o New York Times, pela primeira vez em seus 128 anos, estampa uma foto do tamanho de todas as seis colunas de sua primeira página (Revista Veja, nº 580, de 17/10/1979).

Como Cristo há de voltar cercado de glória e poder divinos, manifesta-se o Anticristo no apogeu da força satânica. E quem não o aplaude passa a ser olhado de soslaio pela maioria dos próprios evangélicos. Muitos destes, aliás, adocicados pelo ecumenismo, se escandalizam se ouvem a afirmação bíblica de ser o “papa” o Anticristo.

Aí está o esplendor da parusia deflagrada pelo diabo, o pontífice João Paulo II a fazer milagres como o da cura prodigiosa do câncer da irlandesa por meio de um beijo do “papa”.

Sua visita ao México excedeu todas as expectativas. Sua ida à Polônia, sua pátria, de dominação comunista, então, deixou seus governantes que, em passado recente, impediram a visita de Paulo VI, às

voltas com sérias dificuldades por causa da explosão do entusiasmo popular há três décadas reprimido pela mordaza totalitária do socialismo.

A sua estada durante uma semana nos primeiros dias de outubro de 1979 nos Estados Unidos levou multidões às praças e às ruas como jamais nenhum chefe político obteve. Sua visita ao país norte-americano recebeu a maior cobertura da televisão, revistas e jornais nunca dedicada a qualquer outro acontecimento. Os “americanos deliravam nas ruas ante a quase mágica aparição [parusia] do papa, em batina branca e cabelos atrapalhados pelo vento” (Revista Veja – nº 580, 17/10/1979).

Se, com o ecumenismo e, sobretudo, o pentecostismo, o Catolicismo romano vinha num crescendo contínuo, agora a passagem do “papa” pelas principais cidades da América do Norte acarrear-lhe-á oportunidade para se desenvolver até atingir rapidamente o posto de religião predominante.

As superficiais mudanças na liturgia católico-romana deixaram surpresos os seus fiéis devotos. Muitos tinham a impressão do fim do culto das imagens, da santolatria, da mariolatria, do confessionalário, da hostiolatria.

Com poucas semanas de pontificado, João Paulo II já divulgou documento sobre a mariolatria e, em viagens devotas, visitou Assis para venerar as relíquias de “são” Francisco de Assis e de “santa” Clara. Nos moldes das velhas devoções também visitou o santuário de “nossa senhora” de Loreto, a protetora das viagens, a pedir-lhe a bênção especial para a sua ida à Irlanda e aos Estados Unidos. No México e na Polônia excedeu-se em louvores às padroeiras dessas nações a fim de sustentar entre os povos os usos devotos católicos.

Cristo veio em carne padecente e voltará em glória para, pela Verdade, salvar os homens. O Anticristo, na pessoa do “papa”, aí está na sua fascinante parusia, **“com todo o engano da injustiça”** a espalhar **“a operação do erro”** no objetivo de que os homens **“creiam na mentira”** para que sejam **“julgados todos quantos não deram crédito à verdade; antes, pelo contrário, deleitaram-se com a injustiça”** (2^a Tessalonicenses 2.10-12).

Estes estão sendo agarrados pelos tentáculos do adversário e, recebendo-o, em delírio aplaudem a parusia daquele que vem em seu próprio nome (João 5.43).

O triunfo espetacular do Anticristo nestes últimos dias atingirá o auge na Grande Tribulação quando ele instalar de maneira extrema a **“abominação da desolação”** no lugar santo (Mateus 24.15).

Com efeito, também os judeus em Israel sofrerão tamanhas pressões com os juízos divinos sobre eles descarregados que aceitarão a qualquer preço a aliança até com o Anticristo.

Releva notar-se a mudança de tratamento do Vaticano para com os israelitas, antes sempre oprimidos pelo clero, inclusive nas orações litúrgicas da sexta-feira apelidada de santa, nas quais eram malvistas como “*pérfidos judeus*”. Os próprios governantes israelitas, com a visita de Paulo VI a Jerusalém, passaram a aceitar pacificamente o envolvimento da política vaticana e, mesmo instalados em sua terra, admitem a permanência nos lugares sagrados de templos católicos repletos de ídolos.

O Anticristo no dia da ira instalará no lugar santo a “**abominação da desolação**” sob a anuência das autoridades israelenses pasmadas com os horrores dos seus inimigos. Verão eles a “**o abominável da desolação situado onde deve estar**” (Marcos 13.14).

Já vimos ser a “**abominação**” o vocábulo frequente nas Sagradas Escrituras para exprimir o que é a idolatria aos olhos de Deus.

E “**abominação da desolação**” é o máximo horror causado pela idolatria aos olhos divinos e aos olhos de Seus servos fiéis. Estarrecidos, contemplarão a imagem da besta (a hierarquia clerical) instalada no lugar santo a dominá-lo e a impor-se ao culto dos israelitas.

Este episódio será o êxito total do Anticristo. Vitória expressiva do “**mistério da iniquidade!**”. Expressiva, porém, aparente e efêmera!

.oOo.

O JULGAMENTO DA PROSTITUTA

A espetacular parusia do Anticristo secundada de admiráveis prodígios assinalará sua derradeira vitória descrita em vigorosas metáforas em Apocalipse 17.

Anjos do Senhor, que sempre participaram nos destacados eventos, terão na consumação escatológica intensa atuação.

No instante da suprema obediência de Abraão ao sacrificar, cutelo já erguido, o seu único filho Isaque, segura-lhe o braço um anjo e mostra-lhe o cordeiro substituto. É a cena dramática a tipificar o sacrifício de Cristo, o Cordeiro substituto do pecador figurado em Isaque.

Na insuperável epopeia da travessia do Mar Vermelho quando, acossado na retaguarda pelos exércitos de Faraó irritado, o povo de Israel se defrontava com o óbice intransponível da imensidão das águas, surge

um anjo à frente da multidão a incitá-la à obediência da divina determinação: **“Que marchem!”** e entrar no Mar, cujas águas, incontinenti, se separam. Encorajados pelo exemplo angelical, os israelitas prosseguem mar a dentro. E o anjo protetor, cumprida a missão de romper a marcha, seguido pela compacta coluna de fogo, põe-se na retaguarda do povo de Deus para ocultá-lo da sanha egípcia.

E a jornada pelos longos desertos da peregrinação foi guardada pela companhia do anjo a presidir as vitórias sobre os amorreus, os heteus e os jebuseus... E a introduzir os eleitos no Lugar Preparado (Êxodo 23.20).

É um anjo que está na presença de Moisés a confortá-lo nos instantes de rebeldia do povo de dura cerviz inclinado à idolatria (Êxodo 32.34).

De um anjo serve-Se Deus para avisar Gideão de sua incomensurável incumbência de resistir a idolatria e destruir o altar de Baal (Juízes 6.11-24).

A um anjo é conferida a missão de proclamar o início dos Tempos Novos quando aparece ao sacerdote Zacarias e o notifica do miraculoso nascimento do Precursor.

O anjo Gabriel anuncia a Maria sobre a conceição virginal do Messias.

Um anjo tranquiliza José a informá-lo acerca do prodigioso evento e do próprio Nome Jesus com que deveria ser chamado o Messias.

Um anjo, a cercá-los de resplendor, aos pastores de Belém proclama as novas de grande alegria do nascimento do Salvador.

Grande multidão da milícia celestial angélica, em coro, conta o evento.

Um anjo do céu conforta Jesus quando prostrado a clamar o Pai e esmagado pela agonia do Getsêmani (Lucas 22.43).

Um anjo na madrugada da ressurreição anuncia o magno acontecimento: **“Ele não está aqui [no sepulcro], ressuscitou”** (Mateus 28.6).

Mensageiros celestiais para os homens, os anjos, na presença de Deus, exaltam-nO, magnificam-nO, louvam-nO, adoram-nO.

Adorantes, encontramos-os no Apocalipse. E também carregados de mensagens de juízo divino. Da cólera de Deus!

Em Apocalipse 14.6-12, três anjos publicam juízos. O primeiro, ao divulgá-los, conclama à adoração ao Criador. O segundo, no estilo de anunciar um passado equivalente ao futuro, antecipa a insólita notícia: **“Caiu, caiu a grande Babilônia que tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição”**. Segue-se o terceiro aos brados: **“Se alguém adora a besta e a sua imagem e recebe a sua marca na**

fron­te ou sobre a mão, tam­bém esse beberá do vinho da cólera de Deus”.

É a anteci­pação an­gelical da des­truição do Ca­to­licismo ro­mano, da derradeira ad­mi­ni­stra­ção da besta po­lítica da gran­de con­fe­de­ra­ção, dos cul­tu­ado­res da im­agem da besta (a hi­erar­quia clerical) e dos mar­cados na fron­te ou na mão com o sinal da cruz, o sinal da besta.

Outros sete anjos despejam as suas taças transbordantes da ira divina (Apocalipse 14.15-16).

Ao quinto desses anjos competirá, no momento decisivo, derramar as últimas pragas sobre o trono da besta, o soberano monarca do Império latino restabelecido (Apocalipse 16.10).

Enquanto os espíritos de demônios saídos da boca de Satanás (o dragão), da besta (o chefe político) e do falso profeta ou Anticristo (o “papa”) operavam grandes prodígios (Apocalipse 14.13-14), o sétimo anjo entorna o seu cálice com as mais horríveis pragas: relâmpagos, trovões e um terremoto semelhante ao qual jamais houve (Apocalipse 14.18).

Grandes abalos sísmicos têm sacudido a terra e destruído cidades inteiras. Jesus, de resto, menciona em Seu sermão escatológico os terremotos como sinais de Sua volta. Os tempos do fim se avizinham com a marca do aumento impressionante deles, a ponto de ser o ano de 1976 cognominado de O ANO DOS TERREMOTOS.

O derradeiro deles superará em proporções e estragos a todos os anteriores. Destruirá as ilhas e os montes (Apocalipse 16.20). Fender-se-á em três partes a grande cidade de Roma, a Babilônia (Apocalipse 14.8) sobre a qual Deus despejará **“o cálice do vinho do furor da Sua ira”** (Apocalipse 16.19).

Roma, a **“grande cidade que domina sobre os reis da terra”** (Apocalipse 17.18).

A dantesca tempestade de relâmpagos, trovões e o incomparável terremoto alastrar-se-á por toda a terra, culminando com uma grande saraivada de intensidade e efeitos maiores do que a acontecida como praga do Egito (Êxodo 9.18-25). Saraivada impressionante e arrasadora a jogar das alturas das nuvens pedras de quase um talento ou 20 quilos (Apocalipse 16.21). São os trágicos preparativos da definitiva destruição do Catolicismo, o sistema mãe de todas as feitiçarias disfarçadas sob o nome de cristão.

Um outro anjo incumbido de mostrar ao vidente João **“o julgamento da grande meretriz”** (Apocalipse 17.1) antes vai-lhe revelar suas atividades e seu domínio, identificando-as vigorosamente com a Roma religiosa.

No capítulo anterior verificamos a atuação da besta política, da mulher prostituta e do Anticristo.

Atentos e iluminados com a glória do outro anjo detentor de grande autoridade (Apocalipse 18.1) e prelibando o gozo das Bodas do Cordeiro (Apocalipse 19.7-9), vamos ouvir a revelação angelical do magno episódio.

As referências sobre a destruição da besta imperial e dos reis, seus confederados, são muito curtas e inseridas no registro da sua restauração e da vitória final de Jesus Cristo, simbolizado no cavaleiro montado num ginete branco.

Ao aludir ao seu restabelecimento (da besta), afirma um dos sete mensageiros angelicais: **“Caminha para a destruição”** (Apocalipse 17.11). Esta perdição ou destruição se concretiza quando a besta e os reis da terra a ela aliados planejam mover guerra Àquele **“que estava montado no cavalo e contra o Seu exército”** (Apocalipse 19.19). Nesta ocasião, a besta (o chefe da grande confederação) em companhia do Anticristo será lançada viva no lago de fogo e seus vassalos mortos pela espada do Senhor (Apocalipse 19.20-21).

O relato antecipado do extermínio da grande meretriz ocupa muitos versículos dos capítulos 17 a 19 do Apocalipse, o compêndio ímpar da FUTURA História Universal.

Já o anjo daqueles sete, ao revelar as características da mulher, representação da falsa “igreja”, como grande meretriz, mulher montada sobre a besta política, grande Babilônia, a grande rainha dos reis da terra, mãe das prostituições, mulher embriagada com o sangue dos santos e mártires de Jesus, aquele anjo arremata sua descrição referindo-se à sua tragédia final quando Deus Se valerá dos reis simbolizados nos dez chifres figurais para executar, em etapas, o Seu intento de destruí-la (Apocalipse 17.17), pois aqueles reis **“odiarão a meretriz, a farão devastada e despojada, e lhe comerão as carnes, e a consumirão no fogo”** (Apocalipse 17.16).

Servir-se-á o Cordeiro dos Seus próprios inimigos para esmagá-la.

Os crentes evangélicos, em sua maioria, quando se lembram da Grande Tribulação, limitam-se a mencionar as pavorosas guerras contra os judeus e os horrorosos cataclismos. Nem se dão conta do terrível julgamento da **“mãe das prostituições”** (a hierarquia católica) e do seu extermínio definitivo. Na mesma proporção em que se omitem quanto ao maior de todos os sinais da volta de Cristo e o único para a Igreja, que é o da APOSTASIA, relegam à desconsideração o fato da destruição final e definitiva da **“grande Babilônia”**, a origem e incrementadora da apostasia.

Se as Sagradas Escrituras se alongam mais a falar sobre a apostasia do que acerca dos outros sinais, de semelhante forma se estendem mais em discorrer a respeito da queda da mãe prostituta.

Propomo-nos a não cometer pelo menos esse pecado de omissão, causa do nosso desleixo na inadiável obra da evangelização. Esta obra que deveria, nos presentes dias, se centrar no clamor: **“Retirai-vos dela, povo Meu!”** (Apocalipse 18.4).

Ao anjo de grande autoridade coube pormenorizar a destruição da Babilônia mística: **“Caiu, caiu a grande Babilônia e se tornou morada de demônios, covil de toda espécie de espírito imundo e esconderijo de todo gênero de ave imunda e detestável, pois todas as nações têm bebido do vinho do furor da sua prostituição. Com ela se prostituíram os reis da terra. Também os mercadores da terra se enriqueceram à custa da sua luxúria”** (Apocalipse 18.2-3).

Esta proclamação no estilo de um fato passado para referir um acontecimento do futuro próximo, esta proclamação tem na sua fraseologia uma estrutura densíssima por manifestar a suprema vingança de Deus contra o sistema máximo de corrupção do Evangelho.

Far-se-á muitíssimo bem, se se quiser entender essa densidade magnífica, interromper esta leitura a fim de ler as quatro lamentações de Jeremias por causa da queda de Jerusalém (Lamentações 1 a 4) e, pelo motivo da afinidade, também os vaticínios da queda da Babilônia histórica anotados no livro de Isaías (13.14; 21.1-10; 47) e de Jeremias (50 e 51), o prognóstico de Isaías contra Edom (Isaías 34) e o pronunciamento por Ezequiel contra Tiro (Ezequiel 26 e 27).

Além da semelhança literária desses protótipos testamentários com o registro de Apocalipse, essas Escrituras frisam a justíssima ira de Deus contra os responsáveis pela divulgação da idolatria, o pecado por Ele mais abominado.

Cumpriram-se com a Babilônia do Eufrates as ameaças divinas. **“O Senhor abriu o Seu arsenal e tirou dele as armas da Sua indignação; porque o Senhor, o Senhor dos Exércitos, tem obra a realizar na terra dos caldeus... Eis que ela será a última das nações, um deserto, uma terra seca e uma solidão. Por causa da indignação do Senhor, não será habitada; antes, se tornará de todo deserta; qualquer que passar por Babilônia se espantará e assobiará por causa de todas as suas pragas... E nunca mais será povoada, nem habitada de geração em geração... Porque cada um dos desígnios do Senhor está firme contra Babilônia... Se tornará em montões de ruínas, morada de chacais, objeto de espanto e assobio, e não haverá quem nela habite... objeto de espanto**

entre as nações!” (Jeremias 50.25, 12-13, 39; 51.29, 37, 41). **“Babilônia, a jóia dos reinos, glória e orgulho dos caldeus, será como Sodoma e Gomorra, quando Deus as transtornou”** (Isaías 13.19).

A destruição da Babilônia histórica foi anunciada por homens, os profetas, mas o extermínio da Babilônia Roma é vaticinada pelo anjo de grande autoridade e cuja glória ilumina a terra.

Se a destruição da antiga Babilônia, em todos os seus horrores, é o tipo da queda da Babel Roma, também se constitui na prova provada, irrecusável, do cumprimento do juízo de Deus sobre a **“mãe das prostituições”**, a falsa “igreja” do Anticristo.

Naqueles recuados tempos, o Senhor Deus convocava os Seus servos para a rebelião e a destruição de Babilônia: **“Ponde-vos em ordem de batalha em redor contra Babilônia, todos vós que manejaís o arco; atirai-lhe, não poupeis as flechas; porque ela pecou contra o Senhor”** (Jeremias 50.14).

A nós outros, servos Seus, fugitivos da grande Babilônia Roma desde o momento maravilhoso da nossa conversão evangélica, a nós outros o Senhor nosso Deus nos incita à obra de participar da Sua vingança contra a mestra das feitiçarias: **“Dai-lhe em retribuição como também ela retribuiu; pagai-lhe em dobro segundo as suas obras e, no cálice em que ela misturou bebidas, misturai dobrado para ela. O quanto a si mesma se glorificou e viveu em luxúria, dai-lhe em igual medida tormento e pranto”** (Apocalipse 18.6-7).

Será que nós, ex-católicos, convertidos a Jesus Cristo por graça inaudita de Deus empenhamo-nos em atender esta conclamação do Senhor? Ou em nome de um amor piegas ou, pior ainda, por covardia, nos omitimos?

Porventura nos omitimos no cumprimento do nosso dever de vergastar a grande Babilônia que, na sua manifestação final, aglutina, graças ao seu ecumenismo e ao pentecostismo, todas as manifestações da apostasia?

Na destruição da Babel Roma, o sistema religioso mais corrupto da terra, descrita em Apocalipse 17.16-17; 18.1-24; 19.1-10, deparo-me com cinco diversas categorias de pessoas:

PRIMEIRA: Aqueles mesmos reis, antes seus aliados, seus ludibriados e por ela embriagados de sua feitiçarias, e com ela mancomunados na perseguição ao Cordeiro e aos eleitos dEle, contra ela agora se rebelam, odeiam-na, desolam-na, despem-na e a exterminam.

Mas, em contraste de sentimentos, aquele ódio, após a queda da mulher prostituta, a Babel Roma, se transmuda em compaixão quando vêm a fumaça do seu incêndio por eles próprios ateados, sobre ela choram e pranteiam (Apocalipse 18.9).

Conquanto compadecidos, o medo do tormento dela fala-lhes mais alto e, por isso, de longe, a lamentam. **“Ai! Ai! Tu, grande cidade, Babilônia, tu, poderosa cidade! Pois em uma só hora, chegou o teu juízo”** (Apocalipse 18.10).

SEGUNDA: Os mercadores da terra que se enriqueceram com a abundância de suas delícias (Apocalipse 18.3), sentindo-se prejudicados à falta de tão grande freguesa, choram sobre ela e a lamentam. Também de longe, por medo do tormento dela, clamam: **“Ai! Ai da grande cidade, que estava vestida de linho finíssimo, de púrpura, e de escarlata, adornada de ouro, e de pedras preciosas, e de pérolas, porque, em uma só hora, ficou devastada tamanha riqueza”** (Apocalipse 18.16-17).

TERCEIRA: Os pilotos, os navegantes e os marinheiros, também postados à distância, movidos de intensa tristeza, lançando pó sobre as suas cabeças, chorando e lastimando, clamam: **“Ai! Ai da grande cidade, na qual se enriqueceram todos os que possuíam navios no mar, à custa da sua opulência, porque, em uma só hora, foi devastada”** (Apocalipse 18.19).

Reis, comerciantes e homens do mar lastimam os seus prejuízos porque, à semelhança de Israel confiante no Egito, apoiaram-se num **“bordão de cana esmagada”** (Isaías 36.6).

QUARTA: Sentimentos opostos aos dos reis, dos mercadores e dos marinheiros são os dos santos, apóstolos e profetas, vítimas de suas violências, com cujo sangue ela se embriagara e agora nela é achado. Seus sentimentos são de intensa exultação por haver Deus indicado a sua causa contra ela (Apocalipse 18.20).

Entre o regozijo dos mártires, um outro anjo a concluir em definitivo o castigo da **“mãe das prostituições”**, selando-a para sempre no esquecimento, levanta uma grande pedra e lança-a no mar, assegurando: **“Assim, com ímpeto, será arrojada Babilônia, a grande cidade, e nunca jamais será achada. E voz de harpistas, de músicos, de tocadores de flauta e de clarins jamais em ti se ouvirá, nem artífice algum de qualquer arte jamais em ti se achará, e nunca jamais em ti se ouvirá o ruído de pedra de moinho. Também jamais em ti brilhará a luz da**

candeia; nem voz de noivo ou de noiva jamais em ti se ouvirá”
(Apocalipse 18.21-22).

O gesto desse anjo foi precedido de há séculos por outro semelhante que, de resto, o tipifica. Depois de se ocupar em dois longos capítulos com a destruição da Babilônia do Eufrates, o profeta Jeremias (50 e 51) entrega o escrito de sua mensagem apocalíptica a Seraías, incumbindo-o de lê-la na própria cidade ameaçada, atando-lhe, ato contínuo, uma pedra e lançando nas águas do Rio Eufrates porque assim deveria ser submersa Babilônia para nunca mais se erguer (Jeremias 51.63-64).

QUINTA: E tendo o anjo forte consumado com o seu gesto simbólico o total repúdio da Babel Roma, a imensa multidão dos salvos nos céus, prorrompem em aclamações entre aleluias os justos juízos do Senhor por haver julgado a grande prostituta e de suas mãos assassinas vingado o sangue dos Seus servos (Apocalipse 19.1-3).

Destruída a falsa “igreja”, a contrafigura diabólica da Verdadeira Igreja, em atmosfera de multiplicado júbilo todos os céus são convocados para as Bodas do Cordeiro, pois a Sua Noiva, a Igreja, se preparara com vestidos de linho fino, resplandecente e puro, que são as obras justas dos santos (Apocalipse 19.4-8).

A TRAGÉDIA DO ÚLTIMO “PAPA”

Repitamos ainda outra vez! O Catolicismo é o sistema governado em nome do diabo pelo Anticristo, o “papa”.

Em definitivo destruída a Babel Roma, ou o sistema católico com a sua faustosa hierarquia, sobrarão vivo o “papa”, o seu chefe, o falso profeta, decerto, escondido, por permissão de Deus, em algum recanto.

Já desposado com a Igreja, após as bodas, Jesus Cristo, Senhor nosso, o Fiel e Verdadeiro, com os olhos em chamas de fogo, com a cabeça engalanada de muitos diademas, vestido de um manto salpicado de sangue, com o Nome de Verbo de Deus, montado em Seu corcel branco, seguido dos exércitos celestiais a galopar também cavalos brancos e trajados de linho fino, branco e puro, executará importante missão (Apocalipse 19.11-14).

O ímpio sistema católico fora destroçado pelos reis da terra, intermediários de Deus na execução deste Seu intento (Apocalipse 17.17).

Jesus Cristo, saindo **“da Sua boca uma espada afiada”**, em Seus insondáveis propósitos, como Palavra de Deus, sairá seguido de glorioso

séquito para, legítimo **“Rei dos reis e Senhor dos senhores”**, subjugar as nações e regê-las com vara de ferro.

Inconformados, coligar-se-ão a besta imperial e os reis da terra no intento de, reunidos os seus exércitos, guerrear o Senhor Jesus Cristo.

Na hora do embate, surgirá o Anticristo ou falso profeta, o “papa”.

A vitória de Jesus Cristo é certa. Gloriosa!

Os reis e os seus exércitos, desbaratados, serão mortos e oferecerão suas carnes às aves de rapina.

A besta, ou seja, o Imperador, e o “papa” ou falso profeta, ambos por Jesus Cristo serão **“lançados VIVOS dentro do lago de fogo que arde com enxofre”** (Apocalipse 19.20).

Cumprir-se-á o vaticínio de Paulo Apóstolo quando disse que o Senhor Jesus liquidará o Anticristo com o sopro da Sua boca (2ª Tessalonicenses 2.8).

Se Jesus pessoalmente precipitará o monarca da coligação romana e o pontífice da **“mãe da prostituições”**, deixará a cargo de um anjo prender o dragão, a antiga serpente, que é o diabo e Satanás, amarrando-o nas profundezas do abismo. Posteriormente, sendo ele solto, tentará enganar as nações arregimentando-as em nova linha de batalha contra os santos e a cidade querida.

Por fim, destroçados os exércitos rebeldes, o diabo que os seduzira irá ao encontro do monarca e do “papa” ao ser também lançado no lago de fogo e enxofre, onde todos eles **“serão atormentados pelos séculos dos séculos”** (Apocalipse 20.7-10), em companhia de todos os réprobos (Apocalipse 20.14-15), em especial dos fiéis da imagem da besta (a hierarquia clerical) e dos portadores do maldito sinal da besta, o sinal da cruz (Apocalipse 14.9-10).

.oOo.

A VITÓRIA DEFINITIVA

Uma pergunta incômoda!

Por que o Catolicismo romano, responsável pela maior deturpação do Evangelho, o Catolicismo, por ensinamentos e práticas sobre o Evangelho dos mais ignóbeis vitupérios e o expõe aos ditérios do mundo incrédulo? Por que Deus consente o Catolicismo com toda a sua aptidão de camuflar, escamotear, parodiar a revelação divina? Por que o Catolicismo, a “igreja” espiritualmente escravagista, o embuste corpo-racionalizado, com a sua

empresa muito bem estruturada, a maior e a mais bem estruturada organização da terra, tem-se imposto durante tantos séculos? Porque Deus permite a sua monstruosa presença e a sua impressionante atuação no mundo inteiro?

A predominância do Anticristo, o pequeno chavelho visional de Daniel (Daniel 7.8, 11, 20-25), a besta religiosa (Apocalipse 13.11-18), o falso profeta (Apocalipse 16.13; 19.20; 20.10), a contrafigura satânica de Jesus Cristo à frente da falsa “igreja”, a **“mãe das prostituições”**, questiona seriamente os estudiosos das Sagradas Escrituras.

Por quê? É a pergunta dos vacilantes diante da maior e mais compacta impostura da História.

Daniel e Apocalipse, os dois livros proféticos mais importantes das Escrituras pela sua permanente atualidade para a Igreja, oferecem cabal resposta.

O Apocalipse é o registro da multissecular refrega entre Satanás e Jesus Cristo.

Satanás, com o seu Anticristo à frente da sua “igreja”, flagelo dos povos e instrumento de rancor sangüinário.

Jesus Cristo, aparentemente inferiorizado com a Sua Igreja humilhada e com os Seus servos esmagados pelas perseguições.

Apocalipse, contudo, é a anotação antecipada da mais empolgante epopéia de toda a História. É a epopeia do **“pequeno rebanho”** ao longo dos séculos esmagado, mas prodigiosamente vitorioso ao final da batalha.

Por isso Apocalipse é a maior mensagem de alegria. Do mais esfuziante júbilo. Lê-lo é prelibar a definitiva vitória. É encher-se de coragem e sobrançeria diante das lutas e das aparentes derrotas momentâneas.

O seu texto de 17.16 a 18.24, à imitação de um panorama sincrônico, registra a derrota final e irrecuperável da **“grande Babilônia”**. E de 19.1 em diante o triunfo e a festa consequentes, abrindo um curto parêntesis (19.19-21; 20.7-10) à informação da derrota definitiva da besta imperial, do “papa”, de seus asseclas e de Satanás.

São os episódios contrastantes! Na terra, sobre **“a grande Babilônia”**, a **“mãe das prostituições”**, prantearão os reis. Lamentarão os comerciantes. Chorarão os marinheiros...

Nos céus, os preparativos das Bodas do Cordeiro com a Sua Igreja se cercam de intenso júbilo. Anjos e santos confraternizam-se nas celebrações da vitória.

O HERÓI INVENCÍVEL

Cordeiro que foi morto, digno de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor (Apocalipse 5.12), é Jesus Cristo o Herói vencedor da batalha definitiva. Montado em cavalo branco é o **“Fiel e Verdadeiro”**. É o **“Verbo de Deus”**. É o **“Rei dos reis e Senhor dos senhores”** (Apocalipse 19.11-16).

“Fiel e Verdadeiro”! Sua palavra é a Verdade e Suas promessas indefectíveis. Fiel e Veraz a revelar o Seu caráter aos Seus discípulos.

Embora muitas vezes, dada nossa fragilidade, vacilantes na descomunal refrega, nEle e em Suas promessas podemos confiar seguros do triunfo final e decisivo por ser Ele **“Fiel e Verdadeiro”** e **“Fiel Testemunha”** (Apocalipse 1.5).

“Verbo de Deus”! O Autor da nossa salvação (Hebreus 2.10) é Deus manifesto em carne (João 1.14).

João principia o quarto evangelho anunciando a Divindade de Jesus como Verbo de Deus e arremata o Apocalipse enaltecendo a vitória do mesmo Verbo.

“Rei dos reis e Senhor dos senhores”! **“Fiel e Verdadeiro”** para com os Seus discípulos e **“Verbo de Deus”**, como Rei dos reis e Senhor dos senhores é destes superlativos por Lhe conferirem o Senhorio supremo e o reinado soberano entre as nações. É Ele **“o Deus dos deuses e o Senhor dos senhores, o Deus grande, poderoso e temível”** (Deuteronômio 10.17). É o **“Senhor dos reis”** (Daniel 2.47). O **“Soberano dos reis da terra”** (Apocalipse 1.5).

Os títulos consagrados pelo Antigo Testamento unicamente a Deus, João os atribui a Jesus Cristo, que é Deus verdadeiro, e, por conseguinte, invencível em Seu poderio bélico.

Juiz supremo de olhos perscrutadores como chama de fogo, traz na cabeça muitos diademas (Apocalipse 19.12).

Em Apocalipse 12.1, a mulher, símbolo da Igreja como instituição, traz sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas.

Na verdade, de acordo com o grego original, essa coroa (*stephanos*) é uma grinalda e não um diadema. Não é a representação da soberania ou da autoridade da Igreja. Só Cristo é o Soberano e Se cinge de muitos diademas.

O REINO EM TENSÕES

O domínio do mundo, na Criação, fora entregue ao homem. Por haver desobedecido, foi-lhe arrebatado esse domínio por Satanás, transformado em **“o príncipe deste mundo”** (João 12.31).

A misericórdia de Deus, porém, veio em socorro do pecador a quem foi outorgada a possibilidade de sacudir de si o jugo do diabo e tornar-se cidadão do Reino de Cristo (Hebreus 12.28).

Na economia da graça (Hebreus 4.16) é um Reino escondido, sem aparência exterior (Lucas 17.20-21). Consiste em viver como Jesus viveu quando aqui esteve (1ª João 2.6) e em virtude e não em palavras (1ª Coríntios 4.20). Incita-nos ao crescimento espiritual (Efésios 4.15) na graça e no conhecimento **“de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”** (2ª Pedro 3.18).

A vida cristã nesse Reino espiritual, todavia, é de tensões constantes. De tensões é a vida das almas **“daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus”**, pois clamam: **“Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?”** (Apocalipse 6.9-10).

O REINO DA GLÓRIA

Julgada a grande prostituta e de suas mãos assassinas vingado o sangue dos mártires (Apocalipse 19.2), com a Sua vinda gloriosa, o **“Rei dos reis e Senhor dos senhores”** instaurará o Seu Reino de glória (Mateus 25.31).

Se, pelo pecado, perdemos o domínio, ser-nos-á restaurado ao ouvirmos a magnífica sentença do Rei dos reis: **“Vinde, benditos de Meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo”** (Mateus 25.34). **“E reinarão sobre a terra”** (Apocalipse 5.10).

Jesus Cristo é a PEDRA tornada grande montanha a encher toda a terra (Daniel 2.35), a Quem foi **“dado domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas O servissem; o Seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o Seu reino jamais será destruído”** (Daniel 7.14).

E **“o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo”** (Daniel 7.27). Os

santos **“reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo”** (Romanos 5.17).

O povo dos santos é a IGREJA, a Noiva preparada, vestida **“de linho finíssimo, resplandecente e puro. Porque o linho finíssimo são os atos de justiça dos santos”** (Apocalipse 19.8).

No dia do poder de Jesus, o **“Rei dos reis e Senhor dos senhores”** apresentar-se-á à Igreja, o Seu povo, **“com santos ornamentos, como o orvalho emergindo da aurora”** (Salmos 110.3).

Apresentar-se-á à Igreja para com Ele reinar sobre todas as nações depois de com Ele haver padecido (2ª Tessalonicenses 2.11-12). Dar-lhe-á o Senhor **“autoridade sobre as nações e com cetro de ferro as regerá e as reduzirá a pedaços como se fossem objetos de barro; assim como também Eu recebi de Meu Pai”**, afirma Ele (Apocalipse 2.26-28).

Já destruída, a **“grande cidade”**, a **“mãe das prostituições”**, cuja fumaça, para irrisão de toda eternidade, dela subirá, a primeira solenidade de domínio se constituirá na **“grande ceia de Deus”** no banquete da pomposa vitória (Apocalipse 19.17-18).

Nos estertores do último desespero, aliar-se-ão o “papa”, o único sobrevivente, por ser o chefe da **“grande Babilônia”** e digno de especial e individual derrota, e os reis confederados, ainda sob a chefia do Imperador, a sua besta, para fazerem guerra a Jesus Cristo e ao Seu exército (Apocalipse 19.19).

A Igreja Triunfante participará da batalha e com Cristo prenderá o soberano da última confederação política e o “papa” (o falso profeta) e os lançará **“VIVOS dentro do lago de fogo que arde com enxofre”** (Apocalipse 19.20-21), enquanto que os demais, ou seja, os enganados pelos sinais do Anticristo, os obedientes da hierarquia clerical (a imagem da besta) foram mortos pela espada da boca de Jesus.

O dragão, a antiga serpente, que é o diabo e Satanás, por um anjo será, à vista da Igreja Triunfante, amarrado e lançado no abismo (Apocalipse 20.2-3).

.oOo.

OS DOIS ÚLTIMOS APELOS

Um é o de fugir e o outro é o de flechar.

I

“Retirai-vos dela, povo Meu, para não serdes cúmplices em seus pecados e para não participardes dos seus flagelos; porque os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus Se lembrou dos atos iníquos que ela praticou” (Apocalipse 18.4-5).

“Retirai-vos dela, povo Meu”!!! É um estímulo à evangelização dos católicos aviltados pela “igreja” escravagista cujos corações sinceros anelam a salvação eterna.

“Retirai-vos dela...” por ser absolutamente impossível encontrar lá dentro esta salvação. E porque o salvo não pode permanecer dentro dela.

Para que os católicos escapem é preciso clamar-lhes. Esclarecer-lhes, pelo anúncio da Verdade, as consciências. Desmascarar-lhes a mentira da “religião”. Pregar-lhes por inteiro o Evangelho integral.

Quando Paulo Apóstolo chegou a Corinto, sofreu enorme pressão da parte dos seus opositores. Confortou-lhe o Senhor o coração ao estimulá-lo: **“Não temas; pelo contrário, fala e não te cales; porquanto Eu estou contigo, e ninguém ousará fazer-te mal, pois tenho muito povo nesta cidade”** (Atos 18.9-10).

Nos meios católicos há ainda almas preciosas que, sofregamente, buscam a vida eterna. E, enquanto o cálice do vinho do furor da ira divina não se entornar sobre a Babel Roma, é tempo de bradar-lhes: **“Retirai-vos dela”!!!**

A urgência de clamar é de caráter urgentíssimo.

Acumulam-se a cada dia os pecados da **“mulher montada”**. Em breve o volume deles excederá as alturas dos céus e Deus Se lembrará de suas iniquidades (Apocalipse 18.5). Então a Sua vingança sobre ela se abaterá.

A paciência do Senhor é inigualável!

Esperou que o clamor dos pecados de Sodoma e Gomorra chegasse ao céu para destruí-las.

A ira santa se excedia com os crimes das duas cidades. Urgia arrasá-las. O Senhor, contudo, apressava a saída de Seus servos: **“Apressa-te, escapa-te para ali [Zoar]; porque nada poderei fazer, enquanto não tiveres ali [Zoar] chegado”** (Gênesis 19.22).

Enquanto lá permanecessem Ló e seus familiares o Senhor como que Se via impedido de consumir a destruição de Sodoma e Gomorra.

Semelhante cuidado se manifestou para com os Seus quando da rebelião de Coré, Datã e Abirão. Deus determinara o afastamento dos Seus

por não querer destruí-los com os rebeldes. **“Desviai-vos, peço-vos, das tendas desses homens perversos e não toqueis nada do que é seu, para que não sejais arrebatados em todos os seus pecados”** (Números 16.26). O povo, aos gritos, fugira e a terra se abriu para tragar os prevaricadores.

Compete aos evangélicos genuínos, quais anjos celestes, bradar o anúncio da verdade do Evangelho a incitar os católicos a que, convertidos, abandonem as feitiçarias da “santa madre”.

Do mal jamais se deve aproximar. Com o mal jamais se deve conviver. Dele se deve sempre fugir.

Fugir é, outrossim, a ordem de Jesus aos discípulos quando da entrada no lugar santo da abominação da desolação (Mateus 24.15).

Fugir é o brado de alerta!

É a exclamação repetida pelos profetas quando da aproximação da queda da Babilônia histórica: **“Saí da Babilônia, fugi de entre os caldeus”!** (Isaías 48.20). **“Retirai-vos, retirai-vos, saí de lá, não toqueis coisa imunda; saí do meio dela”!** (Isaías 52.11). **“Fugi do meio da Babilônia e saí da terra dos caldeus”!** (Jeremias 50.8).

Fugir por quê?

Embora associados aos maus, jamais Deus destrói os Seus!

No tempo da vingança, os escolhidos implicados com o pecado fogem da companhia dos iníquos. É o cumprimento da promessa da perseverança final dos salvos!

“Fugi do meio da Babilônia, e cada um salve a sua vida; não pereçais na sua maldade; porque é tempo da vingança do Senhor: Ele lhe dará a sua paga” (Jeremias 51.6). **“Sai do meio dela, ó povo Meu, e salve cada um a sua vida do brasme da ira do Senhor”** (Jeremias 51.45).

O povo de Deus precisa fugir da Babel Roma por dois motivos: para não incorrer em suas pragas (Apocalipse 18.4), como os israelitas fugiram quando da destruição da Babilônia do Eufrates, e para não ser participante dos seus pecados (Apocalipse 18.4).

Não, senhores ecumenistas, no céu não entram os católicos porque no céu não há e nem pode haver idólatras (Apocalipse 22.15). Quem não fugir da Babel Roma continuará participando dos seus pecados e incorrerá nas suas pragas. Cairão mortos pela espada de Deus, pela **“espada que saía da boca dAquele que estava montado no cavalo”** (Apocalipse 19.21).

Impossível, absolutamente impossível, a permanência dos salvos no reduto católico em manifesto conflito com categórica e determinante ordem divina: **“Retirai-vos dela, povo Meu”!**

“Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos; porquanto que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que comunhão, da luz com as trevas? Que harmonia, entre Cristo e o Maligno? Ou que união, do crente com o incrédulo? Que ligação há entre o santuário de Deus e os ídolos? Porque nós somos santuário do Deus vivente, como Ele próprio disse: Habitarei e andarei entre eles; serei o seu Deus, e eles serão o Meu povo” (2ª Coríntios 6.14-16).

II

O outro apelo é o de assetear a **“mãe das prostituições”**. Flechá-la com objurgatórias contundentes.

Estes desgraçados tempos de apostasia produziram o ecumenismo dos pregadores efeminizados cujas alocações enfeitadas de eufemismos enfermam as almas e as convicções. Enfezam as igrejas e os seus cultos.

O movimento ecumenista é a fábrica prolífera de Jonas.

Determinara o Senhor Deus ao profeta fosse pregar o arrependimento aos moradores de Nínive: **“Clama contra ela, porque a sua malícia subiu até Mim”** (Jonas 1.2).

Acovardado no seu ecumenismo, Jonas omitiu-se. No navio da sua covardia, ia-se da presença do Senhor.

Clamar contra Nínive? Seria massacrar a grande cidade!

Infectados pela virose ecumenista, muitos evangélicos, na sua covarde omissão, à semelhança de Jonas, que sempre desceu, recusam clamar contra a Babel Roma, a **“mãe das prostituições”**, e censuram os que o fazem.

Ao Seu povo Israel do passado, Deus determinara que fugisse da Babel histórica e que dela se vingasse: **“Atirai-lhe, não poupeis as flechas, porque ela pecou contra o Senhor”** (Jeremias 50.14). **“Convocai contra Babilônia a multidão dos que manejam o arco; acampai-vos contra ela em redor, e ninguém escape. Retribuí-lhe segundo a sua obra; conforme tudo o que fez, assim fazei a ela; porque se houve arrogantemente contra o Senhor, contra o Santo de Israel”** (Jeremias 50.29).

Aos que, pelo milagre da conversão evangélica, escapam das imundícias católicas cabe o grave ônus de urgentíssima execução de lhes dar como ela lhes tem dado, de retribuir-lhe em dobro conforme as suas obras; no cálice em que ela lhes deu de beber as suas feitiçarias, dar-lhe a

ela em dobro de sarcasmo. Quanto ela se glorificou e em delícias esteve, tanto lhe dar de tormento e de pranto (Apocalipse 18.6-7).

Se o Senhor já está a abrir o Seu arsenal e a tirar os instrumentos da Sua indignação (Jeremias 50.25) contra a Babel Roma, mui pior do que a Babel do Eufrates, omitir-nos-emos nós?

A troco de quê?

Para sermos quais Jonas nas sua covardia ecumenista?

A troco de quê?

Na suposição de, sendo macios e amenos, agradar os prostituídos pela “madre igreja”? Agradá-los, contanto que, insensibilizados e imbecilizados, permaneçam nas prostituições da idolatria?

A troco de quê?

Do respeito à teologia católica, a mais deslavada escroqueria intelectual?

Do respeito à aristocracia clerical das mais cavas lesões de alma, de caráter e de inteligência?

A troco de quê?

Da admiração ao “papa”, o Anticristo, o falso profeta, o déspota da impostura religiosa institucionalizada?

Da admiração ao “papa” no furioso apogeu de uma promoção obsessiva como de qualquer sabonete ou desodorante feminino?

Ou a troco de quê?

Da nossa falta de convicção? Do nosso criminoso comodismo?

Carência de convicção e malsão comodismo escondidos na torpe desculpa de um amor piegas e idiota?

A ordem terminante é: **“Retirai-vos dela, povo Meu, para não serdes cúmplices em seus pecados e para não participardes dos seus flagelos”** (Apocalipse 18.4).

Esquivar-nos-emos de formar eco ao inconfundível clamor?

Encobriremos o pecado da **“mãe das prostituições”**? Sonegaremos aos seus tristes fiéis as informações acerca das pragas que os aguardam, caso permaneçam a ela ligados?

Teremos compaixão dessa megera “santa madre”? Deixá-la-emos impune?

Em franca desobediência a Deus, evitaremos assestar-lhe as flechas das denúncias? De acometê-la com os dardos flamejantes da Verdade?

A troco de quê?

Da criminosa renúncia à participação efetiva desta hora solene e máxima do heroísmo na sustentação da sã doutrina?

A troco de quê?

“Retirai-vos dela, povo Meu, para não serdes cúmplices em seus pecados e para não participardes dos seus flagelos” (Apocalipse 18.4). Eis o dístico a ser erguido nas alturas do nosso ideal de evangelizar nestes últimos instantes do **“tempo do fim”**.

.oOo.

